

Departamento Sociologia

**Colina do Castelo – Meio inovador?  
A importância da Criatividade e da Inovação na promoção e  
desenvolvimento do território da Colina do Castelo.**

**Joana Vila Nova**

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de  
Mestre em Comunicação, Cultura e Tecnologias de Informação

Orientador:

Doutor Pedro Costa, Professor Auxiliar  
ISCTE-IUL

Co-orientador:

Dr. Paulo Braga, Director do Dep. Acção Cultural  
Direcção Municipal de Cultura, Câmara Municipal de Lisboa

Setembro, 2012

## **Colina do Castelo – meio inovador?**



**A importância da Criatividade e da Inovação na promoção e desenvolvimento do território da Colina do Castelo.**

## **Agradecimentos**

Este trabalho não teria sido possível sem a preciosa colaboração de todos os entrevistados que partilharam muitas experiências e informações e que, no seu conjunto, permitiram um conhecimento muito importante da realidade estudada. Houve entrevistas que chegaram a durar mais de duas horas e que me permitiram aceder a factos e sobretudo, a vivências muito especiais e testemunhos que permitiram que esta investigação ficasse mais completa e interessante.

Uma palavra de agradecimento também ao meu Orientador, Professor Doutor Pedro Costa pelo acompanhamento dado à investigação desde o início – desde a escolha correcta do tema, à problematização das questões, e à sistemática direcção deste trabalho. Gostaria de dedicar igualmente umas palavras ao meu Co-orientador, Dr. Paulo Braga, do Pelouro de Cultura da Câmara Municipal de Lisboa pela disponibilidade demonstrada em geral e em particular, pelo apoio na cedência de contactos, de informação e pelas críticas nos momentos-chave deste trabalho.

Finalmente, quero agradecer aos familiares e amigos pelo apoio e compreensão neste momento que exige uma grande dedicação.

## Resumo

A área cultural ou se quisermos dar-lhe um sentido mais actual e mais abrangente, a área criativa está na agenda das sociedades modernas. De facto, a conjuntura político-económica nacional e europeia tem destacado a área criativa como uma das mais promissoras áreas de desenvolvimento da actividade económica e com ela das cidades, regiões e dos países num sentido mais lato.

Neste sentido e introduzindo a noção de meio inovador, tentamos perceber como se caracterizam hoje os bairros históricos que pertencem à Colina do Castelo a nível das actividades criativas e da inovação e questionamos se os bairros em análise podem ser considerados meios que potenciam a inovação. Além disso, no caso de serem considerados meios inovadores, tentamos responder à questão se poderão dessa maneira potenciar o desenvolvimento do território.

**Palavras-Chave:** Bairros históricos, inovação, criatividade, cultura, meio inovador, desenvolvimento económico, desenvolvimento territorial, cidades criativas.

## Abstract

The cultural area or, if we want to give a more comprehensive sense, the creative area is on the agenda of modern societies. In fact, the national and European political and economic environment has highlighted the creative area as one of the most promising areas of development of economic activity and with it the cities, regions and countries in a broader sense.

In this sense and introducing the notion of “innovative milieu”, we try to understand how we characterize today the historic districts that belong to the Castle hill at the level of creative activities and innovation. Moreover, if they are considered “innovative milieu” we try to answer the question if they can boost the development of the territory.

**Key-words:** Historic districts, innovation, creativity, culture, innovative environment, economic development, territorial development, creative cities.



## Índice Temático

1. Introdução.....	p. 1-5
2. Enquadramento teórico e definição dos procedimentos metodológicos a adoptar	
2.1 - Enquadramento teórico.....	p. 5-11
2.2 - Procedimentos metodológicos adoptados na investigação.....	p. 11-12
3. Caracterização dos bairros em análise	
3.1 - Enquadramento histórico e caracterização actual através de observação participante e de reportagem fotográfica.....	p. 13-21
3.2 - Evolução Socio-Demográfica. (censos 2001 vs censos 2011).....	p. 21-26
3.3 – Análise do Plano de Urb. do Núcleo Hist. de Alfama e do Castelo.....	p. 26-28
4. Análise das entrevistas realizadas .....	p. 29-35
5. Conclusões.....	p. 37-45
6. Bibliografia.....	p. 47-48
7. Anexos .....	p.. I-LXXXIV

## **Índice de Quadros**

Quadro nº 1.3 – População residente 2001-2011.....	pág. IX
Quadro nº 2.3 – Evolução da População na região de Lisboa.....	pág. IX
Quadro nº 3.3 – Freguesias com menos de 1000 habitantes em 2001 e 2011.....	pág. IX
Quadro nº 4.3 – Evolução da População por níveis etários 2001.....	pág. IX
Quadro nº 5.3 - Evolução da População por níveis etários 2011.....	pág. X
Quadro nº 6.3 – Variação da Evolução da População por Níveis Etários 2001-2011.....	pág. X
Quadro nº 7.3 – Evolução da População por níveis de escolaridade 2001.....	pág.X
Quadro nº 8.3 – Evolução da População por níveis de escolaridade 2011.....	pág.XI
Quadro nº 9.3 – Variação da Evolução da População por Níveis Escolaridade 2001-2011.....	pág.XI
Quadro nº 10.3 – População residente Versus População presente 2001-2011.....	pág.XI
Quadro nº 11.3 – Nº de Edifícios e formas de Utilização 2001.....	pág.XII
Quadro nº 12 – Nº de Edifícios e formas de Utilização 2011.....	pág.XII
Quadro nº 13.3 – Variação da Evolução do nº de Edifícios e formas de Utilização.....	pág.XII
Quadro nº 14.3 – Nº de Alojamentos e Formas de Utilização.....	pág.XIII
Quadro nº 15.3 – Variação da Evolução do nº de Alojamentos e formas de Utilização.....	pág.XIII

## **Índice de Figuras**

Figura nº 1.1 – Mapa de freguesias em estudo.....	pág.I
Figura nº 1.2 – Questionário.....	pág.II
Figura nº 1.3 – Fotografias do bairro de Alfama.....	pág. III
Figura nº 2.3. – Fotografias do bairro da Sé.....	pág. IV
Figura nº 3.3 – Fotografias de S. Vicente de Fora.....	pág. V
Figura nº 4.3 – Fotografias do bairro do Castelo.....	pág. VI
Figura nº 5.3 – Fotografias de Santiago.....	pág.VII
Figura nº 1.5 – Inovação em Alfama.....	pág VIII
Figura nº 2.5 – Inovação na Sé.....	pág VIII
Figura nº 3.5 – Inovação na rua do Salvador.....	pág VIII

## **Glossário de Siglas (por ordem aparecimento)**

PUNHAC - Plano de Urbanização do Núcleo Histórico de Alfama e da Colina do Castelo

EU – União Europeia

CML – Câmara Municipal de Lisboa

ATLA – Associação de Tempos Livres de Alfama

IAO – Instituto de Artes e Ofícios

ISPA – Instituto Superior de Psicologia Aplicada

FRESS – Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva

## 1. Introdução

Os bairros históricos são um dos pontos altos de interesse numa cidade quando falamos de turismo, exactamente por carregarem a essência dos lugares, a sua ancestralidade. Normalmente considerados ex-libris turísticos, estes bairros, muitas vezes apelidados de “cultural districts” pela dimensão histórica, arquitectónica e patrimonial são meca de turismo cultural. Mas muitos também, como qualquer organismo vivo, têm ciclos de vida e precisam de se regenerar e de evoluir.

A área cultural ou se quisermos dar-lhe um sentido mais actual e mais abrangente, a área criativa está na agenda das sociedades modernas. Nunca como antes se falou (e com tanta frequência nos últimos anos em Portugal), em termos como inovação, indústrias culturais, indústrias criativas ou numa economia alavancada pela criatividade e pelas actividades culturais. De facto, a conjuntura político-económica nacional e europeia tem destacado a área criativa como uma das mais promissoras áreas de desenvolvimento da actividade económica e com ela das cidades, regiões e dos países num sentido mais lato. Enfrentamos grandes desafios que colocam em causa o futuro dos territórios e são necessárias soluções criativas que colmatem dificuldades como o envelhecimento das populações, a desertificação, a exclusão social, a pobreza e a degradação e descaracterização dos espaços.

Neste contexto torna-se importante introduzir o conceito de “meio inovador” preconizado por Philippe Aydalot, considerado um precursor da economia territorial. Aydalot introduziu a ideia de que o desenvolvimento económico está intimamente ligado ao território em que acontece. Assim se poderia explicar o sucesso ou o insucesso de determinadas regiões. O trabalho de campo levado a cabo ao longo dos tempos pelo Grupo de trabalho que criou, o GREMI – Groupe de Recherche Européen sur les Milieux Innovateurs, veio dar mais consistência à sua ideia, como defende Olivier Crevoisier, Director de Pesquisa do Instituto de Sociologia da Universidade de Neuchâtel: “Atualmente, a abordagem pelos meios inovadores sistematiza as principais questões relativas aos dinamismos económicos espaciais. Por um lado, ela permite qualificar a evolução da tecnologia e das interações entre atores e, de outro lado, as formas temporais e espaciais desses processos. Os meios inovadores articulam-se ao redor de três eixos particularmente importantes do ponto de vista das transformações atuais: a dinâmica tecnológica, a transformação dos territórios e as dinâmicas organizacionais” (Crevoisier, 2003).

Importante referir também que a acepção de desenvolvimento do território através da criatividade está também muitas vezes ligada a fenómenos sociais de Gentrificação, ou seja, processos de “enobrecimento urbano”, um termo que se refere a casos de recuperação do

valor imobiliário de regiões centrais de grandes cidades que passaram as últimas décadas por um período de degradação, durante o qual a população que vivia nestes locais era, em geral, pertencente às camadas sociais com menor poder económico. Normalmente estas estratégias partem do sector imobiliário, aliado a uma política pública de revitalização dos centros urbanos, em que se procura recuperar a região em questão, de forma a deslocar a população original e atrair residentes com maior capacidade económica e recuperar a atividade económica no local.

Existe um potencial percebido nos bairros históricos da cidade de Lisboa, que estão em mudança, e que, por isso mesmo, inspiram e levam a um conjunto de observações e constatações sobre o estado actual desta área, principalmente na vertente criativa. Poderão os bairros históricos, nomeadamente, os bairros em análise serem considerados meios que potenciam a inovação? E, no caso de serem meios inovadores poderão dessa maneira potenciar o desenvolvimento do território?

Escolhemos como área de análise os bairros de Alfama – que engloba as Freguesias de S. Miguel, de Santo Estevão e da Sé e os bairros exactamente acima e que fazem fronteira com Alfama - S. Vicente de Fora (muitas vezes chamado de Alfama de Cima) e o bairro do Castelo, constituído pelas Freguesias do Castelo e Santiago. Todos eles fazem parte da chamada Colina do Castelo. Se o ponto de partida foi o facto de observar sinais de inovação/criatividade em S. Vicente de Fora, nomeadamente na área do campo de Santa Clara e da feira da Ladra em particular, logo se afigurou interessante e natural estender esta investigação aos bairros vizinhos, tornando-a mais completa e interessante e tentando perceber se estes sinais observados são uma característica comum a outros bairros desta colina. Por isso as áreas envolventes, em concreto, Alfama, a Sé e o bairro do Castelo foram também incluídas na pesquisa. Acabou por fazer todo o sentido porque estamos em presença de parte significativa daquilo que se pode chamar de Colina Cultural do Castelo e onde as fronteiras se esbatem muito facilmente. Chamo-lhe colina cultural antes de mais pela sua vertente histórica arquitectónica e patrimonial inquestionável. Numa segunda acepção, o termo “colina cultural” refere-se à existência de actividades artísticas e de instituições culturais que existem nesta área (sobretudo no Castelo e em Santiago, com o próprio monumento a dominar a paisagem) e/ou de uma ambiência própria e de um potencial percebido, há muito pelos agentes criativos que aqui existem - que, acreditamos, pode ser estimulada e que pode contribuir para o desenvolvimento do território em análise.

A maneira mais lógica encontrada para delimitar a zona a investigar foi a de balizar uma área conjunta que fosse mais ou menos constante e coerente (fig.1.1 do anexo). Assim, dentro da zona histórica da cidade de Lisboa, o foco deste trabalho acaba por ser uma

“mancha” delimitada a sul pelo Rio Tejo e a norte pelos limites naturais da rua da Madalena (que separa o bairro da Sé da baixa lisboeta) seguindo aproximadamente os limites traçados pelas áreas das Freguesias do Castelo e de S. Vicente de Fora até atingir novamente o rio Tejo pela fronteira da área da Freguesia de Santo Estevão (ver anexo mapa das freguesias). Esta acaba por ser, aliás, quase na totalidade a área abrangida pelo Plano de Urbanização do Núcleo Histórico de Alfama e da Colina do Castelo (PUNHAC), como se pode ler no Capítulo I, artigo 1º, nº 3 do respectivo regulamento.

O objectivo principal do trabalho é perceber se estamos na presença de um meio inovador e se essa inovação pode ser instrumentalizada para o desenvolvimento do território. Para isso propomo-nos investigar como se caracterizam hoje estes bairros – que tipo de populações os constitui a nível demográfico e social - e, especialmente, perceber se existem dinâmicas criativas (antigas e novas) e com predominância em alguma (s) área(s) em particular e que, nesse sentido, possam ser estrategicamente relevantes para o futuro desenvolvimento do território em questão. Para percebermos a evolução da população recorreremos à informação já disponibilizada pelo Censos 2011 e procedemos à sua comparação com os últimos dez anos. Existirá uma causa-efeito entre população actual e níveis de criatividade? Foi igualmente tido em conta nesta investigação o já citado PUNHAC, que data de 1997, com as propostas de alterações e respectivo relatório, actualmente aprovado (2012), no sentido de perceber linhas de actuação estratégicas na reabilitação levada a cabo neste território. Estas duas vertentes são analisadas no terceiro capítulo desta investigação, dedicado à caracterização dos bairros em análise.

Interessa-nos perceber se a especificidade sócio-demográfica, patrimonial, arquitectónica e criativa existente nestes sítios, que lhes confere uma identidade e riquezas muito próprias, poderá ser uma mais-valia para o desenvolvimento económico e social da área em questão.

Esta investigação foi feita a partir de uma abordagem pluridisciplinar, focada na temática da inovação cultural e assume um carácter empírico muito forte. A explanação da teoria que nos serviu de base e os parâmetros utilizados para o trabalho de campo são introduzidos no capítulo dois. Para podermos invocar com conhecimento de causa a realidade do território em análise, no âmbito das actividades criativas, realizámos um intenso trabalho de campo através de observação participante: num período de dois meses e meio foi efectuado um conjunto significativo de entrevistas presenciais que nos permitiram ficar a conhecer a realidade destes bairros nos campos acima mencionados. Foram entrevistados responsáveis de instituições culturais/educativas/recreativas/lazer, responsáveis políticos e artistas/criadores com ateliers próprios, sendo estas entrevistas apresentadas em anexo. A

análise das respostas às entrevistas efectuadas e as ilações decorrentes das mesmas são analisadas no capítulo quarto. A escolha recaiu sobre os espaços que considerámos desenvolverem actividades culturais e criativas no seu sentido mais lato, conforme o define a União Europeia (EU), ou seja, reportamo-nos a um sector cultural e criativo que abrange as actividades culturais mais tradicionais: música, artes performativas, património, etc., como também outros sectores de actividade económica “tradicionalmente não culturais” mas onde os *inputs* simbólicos da cultura lhes conferem um carácter distintivo (The Economy of Culture in Europe, 2006). Ficam de qualquer maneira de fora, muitos locais pertinentes mas que por questões de indisponibilidade ou mesmo de desconhecimento da sua existência não poderão aqui ser analisados. Neste último caso refiro-me particularmente a empresas e *ateliers* existentes no conjunto do edificado desta zona e que não são visíveis a partir da rua. Foi feita uma tentativa junto da Câmara Municipal de Lisboa (CML) para obter alguma listagem/registo das empresas instaladas nos bairros em análise mas tal informação não existe ou não nos foi disponibilizada. Destaco como entidades importantes que não conseguimos incluir na investigação, (mesmo apesar dos largos meses de insistência), a casa de espectáculos Santiago Alquimista (casa do IFICT – Escola de Formação, Investigação e Criação Teatral), a Fundação José Saramago, a Associação Alfama-te, ou a Junta de Freguesia de Santiago, todos com um papel interessante nos bairros em questão.

É uma evidência considerar o caso da área histórica Bairro Alto - Chiado como o mais aproximado da definição de Bairro Cultural em Lisboa, quer pela dinâmica, quer pela quantidade de instituições e agentes culturais/criativos existentes como prova o estudo levado a cabo por Pedro Costa (Costa, 2007). De qualquer maneira, acreditamos que, também na colina em frente, embora com outras características e mesmo com uma dinâmica menos acentuada, existem bairros com especificidades muito próprias, sobretudo no que toca o património edificado e a identidade social que são actualmente palco de mudanças socio-económicas e que por isso merecem um olhar científico que permita uma caracterização ajustada. Mais do que isso ainda, que permita o desenvolvimento de uma estratégia de dinamização/desenvolvimento deste território através da inovação e da criatividade.

## **2. Enquadramento teórico e definição dos procedimentos metodológicos a adoptar:**

### **2.1 Enquadramento Teórico**

Antes de entrarmos na realidade específica dos bairros em análise é importante centrarmos-nos nalguns conceitos teóricos que nos servem de enquadramento e que propiciam um melhor entendimento da realidade que estamos a estudar. Será, desde já, importante referir alguns documentos internacionais produzidos no seio de instituições de decisão política e económica. Há 6 anos, em 2006, a EU produziu um relatório “The Economy of Culture in Europe”, onde demonstra o peso das actividades culturais/criativas no seio da economia dos países europeus, evidenciando um papel cada vez mais importante deste sector no total da actividade económica da União. Segundo este estudo e para termos uma ideia mais clara, a actividade proveniente do sector cultural representou para a totalidade da EU 2,6% do PIB em 2003. Ficou acima de alguns sectores com peso tradicional no PIB europeu tais como o sector imobiliário com 2,1% ou o sector dos produtos químicos, borracha e plástico, que somaram em conjunto 2,3%. E a tendência, segundo o estudo, é de crescimento do sector cultural na economia da UE. Não há, no presente, dados mais actualizados sobre o peso do sector cultural na total da actividade económica da União Europeia mas existe mais atenção em relação a esta temática, a ver pelos vários documentos publicados sobre a área, dentro e fora da EU, nos anos seguintes e até ao dia de hoje.

O relatório da EU vem evidenciar uma nova atenção e importância dada ao sector cultural que deixa de ser entendido apenas como sinónimo de lazer e aproveitamento de tempos livres para começar a ser percepcionado como gerador de valor e de desenvolvimento económico: “(...) the benefits culture brings to European economics are wider than the mere consumption of cultural goods: culture is indirectly used by many non-cultural economic sectors as a source of innovation”. (The Economy of Culture in Europe, 2006: 16)

Também em 2007, uma comunicação da Comissão Europeia ao Parlamento Europeu, ao Conselho, ao Comité Económico e Social Europeu e ao Comité das Regiões. sobre uma agenda europeia para a cultura num mundo globalizado vem reiterar esta ideia de que:

o sector cultural europeu é um importante propulsor de actividades económicas e de emprego no território da UE. As actividades culturais também ajudam a promover uma sociedade inclusiva e contribuem para a prevenção e redução da pobreza e da exclusão social. Tal como se reconhece nas conclusões do Conselho Europeu da Primavera de 2007, empresários

criativos e uma indústria cultural dinâmica são uma fonte de inovação única para o futuro. Este potencial tem de ser ainda mais reconhecido e inteiramente explorado (Comunicação da Comissão Europeia, 2007: 3).

Esta comunicação coloca efectivamente esta temática na agenda europeia ao ir mais longe e afirmar que:

o papel da cultura no apoio e fomento da criatividade e da inovação deve ser explorado e promovido. A criatividade é a base para a inovação social e tecnológica, constituindo, por conseguinte, um importante propulsor de crescimento, de competitividade e de emprego na EU (Comunicação da Comissão Europeia, 2007: 10).

A este facto não é alheia a própria transformação do termo cultural que advém também de processos de mudança históricos. Nas sociedades pós-industrializadas enraizou-se um sistema de produção baseado na eficiência que se traduz na premissa de produzir maior quantidade com menores custos. Esta eficiência é alimentada pelo crescente desenvolvimento das tecnologias de informação que permitem uma rápida disseminação de informação e uma cada vez maior agilização dos processos. O desenvolvimento das tecnologias de informação despoletou, por sua vez, uma necessidade cada vez maior de conteúdos criativos que alimentassem esta nova indústria:

Until recently, the two essential parameters of competition were price and technology. Today, consumers are flooded by a market full of products with similar prices and technical performance. A good product can easily be copied at a lower cost. (...). Alternatively, the situation can be addressed by fostering competitiveness, growth and income within Europe, through an optimal use of "creativity". Competition triggers, in addition to techno-economic knowledge, the need for increased quality and differentiation to gain a competitive edge (...). What increasingly matters today, and constitutes a distinctive competition parameter, lies in the immaterial dimension generated by creative people, skills, ideas and processes; in other terms, creativity. (The Economy of Culture in Europe, 2006).

A conjugação destes factores fez com que houvesse uma necessidade de especialização e de diferenciação que começou a procurar *inputs* na área cultural. Sendo a eficiência uma característica dominante das sociedades pós-industriais começou a verificar-se uma certa tendência para a standardização de sistemas e produtos, ficando assim pouco espaço para a originalidade e para a diferenciação.

Na sua obra sobre a economia da cultura nas cidades, Allen Scott defende que os produtos culturais de todos os tipos constituem uma parte cada vez mais significativa no motor que alimenta o capitalismo moderno. Diz ainda que alguns sectores culturais representam actualmente algumas das indústrias mais promissoras nos mercados. Há,

consequentemente, uma progressiva valorização da cultura que passa a ser entendida como elemento criativo diferenciador de produtos e locais e logo como uma mais-valia económica.

We are (...) currently observing the appearance of a distinctly post-Fordist cultural economy in the advanced capitalist societies. (...) A provocative but revealing manner of designating this trend might be to label it as a postmodern expression of changing consumer tastes and demands involving a general aestheticization and semiotization of marketable products. (Scott, 2000: p.6)

Esta mesma ideia é suportada por outro estudo mais recente da EU que vem precisamente valorizar a importância da cultura na criatividade. O estudo vai mais longe ao ver a cultura como sinónimo de produção de significados ou expressão de criatividade, levando à criação do que apelida de “economia da experiência” e à associação do sector cultural com outras áreas de actividade que ganham o estatuto de indústrias criativas:

To succeed in a post-industrial economy, business across a very wide range of sectors must ensure that what they are selling offers a rich and compelling experience. Such experience enables differentiation from competing brands or products. These developments lead to the creation of the “experience economy”» (The Impact of Culture on Creativity, 2009).

Podemos incluir aqui áreas de actividade como o Design, a Arquitectura, a Moda, o Artesanato, a Publicidade, etc. O próprio conceito primário de actividade cultural se torna mais lato deixando de referir-se apenas às actividades mais tradicionais (artes performativas, artes visuais, cinema, património cultural) para passar a incluir os novos media, as tecnologias de informação e a reprodução em massa de bens artísticos (música, livros, videojogos, etc.). Se voltarmos ao relatório sobre a “Economia da Cultura” vamos perceber outro fenómeno com particular interesse para o nosso trabalho: a tendência que se verifica nas grandes metrópoles para juntar talentos e potenciar a criatividade e a inovação em determinados locais apelidados de *clusters*. Scott (2000) diz-nos que a criatividade e inovação são fenómenos sociais que emergem directamente da lógica do sistema de produção e da sua localização geográfica: “Local cultures help to shape the character of intra-urban economic activity; equally, economic activity becomes a dynamic element of the culture-generating and innovative capacities of given places.” O autor cita na sua obra os exemplos das indústrias de joalharia e das pedras preciosas em Los Angeles e Bangkok que se encontram ancoradas em bairros específicos das duas cidades. Estes mesmos bairros funcionam como pontos de ligação internacionais nestas indústrias. Por outro lado, quer a nível local, quer a nível global o autor alerta para o facto de esta indústria ser caracterizada pela existência de instituições sociais e culturais que regulamentam as relações entre

empresas e o trabalho. Do exemplo que acabámos de citar podemos deduzir que as dinâmicas criativas não são apenas importantes para o desenvolvimento da economia *latu sensu* como são fundamentais para o desenvolvimento de determinados territórios pois segundo nos informa o relatório supracitado e pelo que podemos constatar, as cidades e as regiões estão a competir entre si para atrair investimentos e talento. Por isso uma oferta cultural diversificada, qualidade de vida e *lifestyle* são factores cada vez mais importantes a ter em conta. E sabemos como estes factores são fundamentais para a indústria do turismo também (sobretudo de âmbito cultural). Da mesma ideia avançada em cima, podemos deduzir ainda que o poder político e outros agentes institucionais são muito importantes pela capacidade que têm para agilizar medidas que favoreçam o desenvolvimento de determinadas actividades culturais em determinados locais. Scott realça que as relações de produção e troca que existem na indústria da joalheria e pedras preciosas quer em Los Angeles, quer em Bangkok evidenciam a sua dependência em procedimentos que garantem a segurança e confiança: “(...) regional development is (...) based on competitive advantages that are socially and politically created, and not simply given by nature (Scott, 2000: p. 18).

Cada local pode apresentar características *per se* que o façam aproximar-se da ideia de bairro cultural ou de meio criativo. No entanto, para que assim seja denominado e citando mais uma vez Scott (2000), só quando introduzimos a noção de sistema de produção e o meio envolvente é que estamos de facto aptos a falar de criatividade e inovação na economia da cultura. As comunidades de trabalhadores na área cultural podem existir sem terem, no entanto, uma lógica de trabalho eficaz regida por meios de produção organizados. Assim, para podemos falar de economia de cultura e para verificarmos a sua genuidade teremos de reportar-nos a quatro níveis de análise: - A formação de comunidades culturais; - A organização da actividade económica; - As dinâmicas de aglomeração dos sistemas de produção; - A natureza da competição. Para Scott, o sistema de produção e o local geográfico são duas faces de um mesmo sistema cultural e económico representado por estruturas densas e aglomeradas de emprego e vida social. O conceito de sistemas regionais de criatividade e inovação vai muito além das aglomerações de empresas tecnologicamente dinâmicas, encerrando na sua essência a existência de lugares com qualidades próprias tais como um ambiente cultural especial, imaginativo e original. Por sua vez, os ganhos em termos de *know-how* e os benefícios *in loco* referem-se não só a práticas e técnicas mas também ao conteúdo emotivo dos produtos culturais.

Também outra instituição, a OCDE produz em 2005 um relatório que vem precisamente dar força a este entendimento inovador da cultura como potenciadora do desenvolvimento local. O estudo salienta a mesma ideia já explorada em cima de que nem

todos os locais têm à partida as mesmas condições favoráveis para se desenvolverem através da cultura e introduz um termo importante: o de *produtos idiossincráticos*, ou seja, aqueles produtos típicos de determinada região e que, por esse motivo, estão carregados de simbologia e de um *know-how* e saber artísticos específicos das pessoas que o habitam. Incluir citação

Charles Landry na sua obra sobre Cidades Criativas, à sua maneira, refere o mesmo afirmando que a cultura é uma panóplia de recursos que mostram que um sítio é único e se distingue dos demais. O autor introduz ainda um conceito diferente de criatividade dizendo que esta não tem apenas a ver com uma invenção contínua de novidades mas também está intimamente ligada ao processo de reinvenção do passado, com a capacidade de jogar adequadamente com o antigo. À partida, os locais que produzem produtos típicos poderão distinguir-se dos demais e desenvolver-se economicamente mas para isso é necessário que reúnam outras condicionantes tais como redes de colaboração e sinergias entre produtores, agentes e instituições envolvidas nas actividades culturais.

O relatório da OCDE refere várias tipologias de bairro cultural, recorrendo à distinção feita por Walter Santagata e que são importantes para, mais à frente no nosso estudo, percebermos que tipos de bairros são os que fazem parte da nossa análise científica. Serão os bairros em estudo bairros culturais? Os produtos culturais que deles emergem têm uma ligação directa com o espaço em que são produzidos? Estão relacionados com a natureza do ambiente em que estão inseridos? Tentaremos responder a estas questões no final, para já façamos apenas menção às várias tipologias de bairro cultural:

- 1 – Sítios onde foi criado algum monumento importante como resposta a uma procura turística forte ou onde existem monumentos ou onde o próprio bairro tem valor patrimonial;
- 2 – Resulta de um cluster de actividades que se desenvolveram no local ou de uma produção organizada em torno desse espaço.
- 3 – A produção de bens no local associa uma componente artística com uma componente comercial: casos do artesanato, moda, design, cristal. Geralmente estes produtos estão ligados a tradições ancestrais.
- 4 – Tipo de local que está ligado ao reconhecimento legal de características específicas que relacionam os produtos culturais e o ambiente em que foram produzidos. As autoridades reconhecem-lhes direitos de propriedade genuínos do género dos direitos de autor. É o caso de alguns produtos regionais que manifestam a sua pertença a uma região de origem demarcada. (têxteis, mobília, vinhos, comida). Aqui existe normalmente uma dimensão mais rural.

O relatório da OCDE refere também critérios para medir a importância dos bairros culturais e estágios para determinar a capacidade criativa de um local. Assim e passando apenas a citá-los, temos como factores de medida o grau de especialização das actividades existentes, o seu grau de concentração e ainda o grau de sinergias existentes entre os diversos agentes envolvidos nessas actividades. Quanto aos estágios para aferir a capacidade criativa de um lugar, o estudo aponta algumas questões importantes cujas respostas seguramente nos darão algumas pistas: a) As principais actividades criativas estão identificadas? b) São apoiadas publicamente? c) Quais as origens do sector criativo e que consciência existe em relação à sua existência? d) Como reconhecer as actividades criativas e criar condições para o seu desenvolvimento? e) Estas capacidades são reconhecidas localmente? f) O território é atraente? g) O território retém os benefícios criados? h) Até que ponto o território é reconhecido internacionalmente?

A definição de bairro cultural e a discussão em volta da economia da cultura, das cidades e bairros criativos tem tido diversos protagonistas e teorias. Uma coisa parece ser consensual: os estudos reportam-se aos grandes centros urbanos. Charles Landry (Landry, 2000) refere o facto de metade da população mundial viver actualmente nas cidades e da consequente importância de as tornar em lugares mais apetecíveis para viver. Estamos em pleno século XXI e os desafios que se colocam às cidades têm de ter uma resposta apropriada e actual. O autor defende que para que as cidades sejam atractivas e competitivas precisam ser cultural e intelectualmente estimulantes, tecnológicas e organizadas. Landry escreve assim o seu guia para inovadores urbanos comparando as metrópoles a organismos vivos que, tal como um ser humano, padecem por vezes de doenças que necessitam de tratamentos inovadores e eficazes. O autor refere mesmo que as respostas criativas surgem apenas e só porque existem problemas que precisam de uma solução. Landry alerta para a urgência das cidades se manterem alerta para conservar a sua competitividade. Estamos num mundo globalizado cujos acontecimentos se fazem repercutir das mais variadas formas por todo o lado. Como sabemos, a abertura de uma fábrica em África pode significar o seu fecho num país europeu. Mas cada lugar, segundo o autor, tem algo especificamente seu e que pode potenciar enquanto elemento diferenciador, como uma mais-valia local, chamemos-lhe assim. E já sabemos que a cultura ganha cada vez mais importância num mundo massificado porque, no fundo, é o factor que nos distingue dos outros (locais e povos).

Também Richard Florida (Florida, 2004) fala da importância da concentração de capital humano num determinado local preferindo mesmo falar de uma classe criativa. A grande diferença é que os membros desta classe estão vocacionados para criar novas formas de fazer com significado. Estas pessoas estão empenhadas em encontrar soluções

inovadoras para problemas existentes pondo o seu conhecimento específico à disposição. A teoria de Florida desenvolve-se em torno da ideia de que a capacidade de atrair talento é o que contribui para o desenvolvimento do território, falando-nos por isso de uma economia geográfica do talento. Directamente relacionada com esta ideia está a sua premissa de que o desenvolvimento económico gira à volta de 3 t's: tecnologia, talento e tolerância. A classe criativa – constituída sobretudo por licenciados que trabalham na área das artes, tecnologias, engenharia e ciência - irá procurar para viver um local com oferta cultural, mas também que seja tolerante, aberto à diferença, com condições de acessibilidade e conectividade, que tenha actividades recreativas e onde haja um respeito pelas várias identidades. Estamos a falar de profissões com altos níveis de stresse e que por isso precisam de descompressão. Esta classe criativa, por sua vez, também irá enriquecer o bairro com o seu impulso criativo. Florida introduz nos seus estudos uma medida estatística para aferir onde melhor se situa o talento e a partir de uma análise de várias cidades norte-americanas conclui que o talento está intimamente ligado à indústria da alta tecnologia. Mas essa associação não chega para se encontrarem os meios mais desenvolvidos. Falta para isso adicionar outro indicador importante que é o índice de boémia das cidades. Florida vem provar que cidades mais boémias têm maior abertura à diversidade e que esta diversidade é fundamental para o desenvolvimento da criatividade: barreiras baixas de entrada no mercado estimulam o crescimento económico. Landry aproxima-se desta ideia na sua obra ao defender que as cidades criativas são sítios onde a tradição é combatida pela inovação e onde a ordem estabelecida é posta em causa por novos grupos criativos que vêm trazer novos estímulos. O autor aponta Londres como cidade criativa por excelência onde o fenómeno de gentrificação foi fundamental para o desenvolvimento económico da cidade.

Recorrendo a estas teorias e aos seus autores, tentaremos verificar se podemos aplicar o termo de bairro cultural e sob que formas e, por outro lado, se podemos utilizar o termo de meio inovador na zona da cidade de Lisboa que envolve os bairros de Alfama, Sé, Castelo e S. Vicente de Fora.

## **2.2 Procedimentos metodológicos adoptados na investigação**

Para poder comprovar algumas das teorias acima referidas foi elaborado um guião de entrevista semi-directiva (ver figura 1.2), que foi realizado a mais de 50 pessoas: responsáveis de instituições culturais e recreativas, responsáveis políticos, artistas e artesãos da zona em estudo.

Numa primeira fase, o objectivo principal da entrevista era perceber, segundo os que desenvolvem actividade na área em estudo como é o seu bairro na actualidade e como era há 10 anos atrás ou até mais longinquamente, quando possível. Esta primeira abordagem é

genérica, incluindo questões como a evolução do bairro a nível de população, a nível de actividades comerciais, de modos de vivência, identidade, etc. Numa segunda abordagem, a que nos interessa em particular para esta investigação, tentamos perceber como se caracterizam os bairros a nível criativo e cultural, tentando perceber práticas e tendências nos respectivos espaços. Tentamos perceber também se os entrevistados consideram existir uma ambiência própria, uma identidade, nestes locais e se, indo um pouco mais longe na investigação, consideram os bairros em que estão inseridos como bairros culturais.<sup>1</sup> Mais à frente tentamos entender porque é que as instituições/pessoas em causa estabeleceram a sua actividade nos locais em estudo e também quais as vantagens que tiram dessa localização, sejam elas determinadas por uma escolha pessoal ou não.

O questionário serviu também para aferirmos o reconhecimento de políticas públicas (e no caso de existirem tentamos perceber em que grau) que promovam o aparecimento, manutenção e a sustentabilidade de actividades criativas nestas zonas históricas e também para perceber de que forma, na opinião dos inquiridos, esta morfologia tão específica dos bairros históricos em análise determina ou não o desenvolvimento de actividades (principalmente criativas) nas zonas em questão. Outras respostas importantes são as que dizem respeito às principais dificuldades do território no que toca o desenvolvimento de actividades comerciais e artísticas/criativas porque no fundo nos permitirão perceber que soluções são apontadas como viáveis para um desenvolvimento sustentável das zonas em questão.

---

<sup>1</sup> Não foi apresentada aos inquiridos nenhuma definição de bairro cultural, tratando-se por isso de respostas intuitivas.

### 3. Caracterização dos bairros em análise

#### 3.1 Enquadramento histórico e caracterização actual através de observação participante e de reportagem fotográfica

**Alfama** (ver figura 1.3. do anexo)

Alfama é, certamente, um dos bairros mais conhecidos de Lisboa pelo seu valor histórico, patrimonial, cultural e paisagístico. Ela é a memória da cidade e da sua cultura tradicional e popular vivenciada. Alfama é a Lisboa (...) dos tronos de Santo António, do fado vadio, das pessoas na rua, da roupa nas varandas (Calado, Ferreira, 1992: p. 26).

No séc. XIX as actividades portuárias e a industrialização da zona oriental atraíram moradores a Alfama, vindos sobretudo das Beiras. Neste contexto e motivados pelos novos ideais de solidariedade e pelo programa republicano, foram surgindo associações e instituições como a Sociedade Recreativa da Boa União (1870) e o Sport Clube Adicence. Já nos anos 20 surgiram o sport Lisboa os Onze e o Clube Recreativo 21 de Março.

A degradação física foi pretexto para o lançamento da ideia da “reurbanização de Alfama” a partir de meados do Séc. XIX. O debate sobre a reabilitação do bairro manteve-se durante todo o séc. XX mas “só na década de 80 com a mobilização da população local e da Associação de moradores e a intervenção de diversos técnicos, se veio a colocar a questão da elaboração de um Plano de Salvaguarda programado e implementado a partir da instalação de um gabinete camarário. Em 1985 foi criado um Gabinete Técnico, dando início a um trabalho de proximidade com a população. Os modos de vida alfamista centram-se (ou centravam-se)<sup>2</sup> em quatro sítios: a colectividade, a tasca, a leitaria-mercearia e a rua. Todos eles são lugares de intensa sociabilidade mas com escalas diferentes: as colectividades com peso institucional maior e regras próprias de funcionamento até aos sítios de sociabilização mais espontânea.

Os principais testemunhos recolhidos apontam as seguintes áreas de actividade como as mais frequentes no bairro: turismo, restauração, cafés, bares, mercearias, pequeno comércio em geral, tascas, casas de fado, associações recreativas, lojas de *souvenirs*, antiquários, *hostels*. Outra área recente apontada pela maior parte dos inquiridos é o aluguer de casas a turistas, lojas de artesanato tradicional e de novo artesanato urbano. Foi apontada diversas vezes uma nova tendência para o surgimento de *ateliers* e de outros estabelecimentos de “comes e bebes” mais sofisticados e na maior parte das vezes com uma componente turística. Fado, festas populares, marchas populares são as actividades culturais

---

<sup>2</sup> Nota do autor

mais citadas. A maior parte das actividades são periódicas (como as marchas). Estes bairros continuam a ser essencialmente tradicionais e populares mas nota-se, por vezes, alguma insatisfação em relação a isso. Os bairros estão a sofrer transformações, nomeadamente a nível da população e já não é só a tradição, o popular, as associações recreativas e o fado que despertam interesse.

No entanto, aquilo que é inovador tem ainda dificuldade em implementar-se, confidencia Teresa Milheiros do *atelier* ARTICULA. Pelo Santo António percebemos as potencialidades de Alfama. É um bairro de *ateliers* (até o banqueiro Paulo Teixeira Pinto teve aqui o seu atelier) e galerias de arte, diz-nos Carlos Cabral Nunes, da Galeria de Arte Perve. José Antunes, um jovem que viveu sempre aqui e que tem hoje uma empresa de passeios turísticos, a *Lisbon Walkers*, com sede em Santo Estevão, testemunha que há actualmente muita gente que faz uso do espaço do bairro a nível criativo: para sessões fotográficas, por exemplo. O momento mais criativo é o Santo António, afirma. O dinamismo cultural que o bairro tem é feito por pessoas de fora, diz-nos Isabel Cordeiro, da Associação de Tempos Livres de Alfama (ATLA). Alfama esteve sempre ligada aos ofícios mas no séc. XX essa ligação foi-se perdendo, diz-nos Alda Abreu, Directora do Instituto de Artes e Ofícios (IAO): “nota-se o surgimento de novos núcleos com características próprias e com dinâmicas vocacionadas não só para necessidades locais. O turismo cultural é importante aqui. Há iniciativas locais como um rali fotográfico”. Esta responsável cultural destaca ainda a azulejaria, a cerâmica/artesanato, a sardinha e a sua reinvenção para fins turísticos, a pintura e os antiquários, a feira da ladra, como actividades culturais importantes no bairro. Aponta ainda o Instituto Superior de Psicologia Aplicada (ISPA) como uma instituição que teve um peso importante na renovação do bairro, no sentido da sua abertura ao exterior. Os alunos começaram a frequentar o bairro e a invadir “a aldeia”. Há novos estabelecimentos, cito o caso do bar “Portas do Sol” que pretende ter também um papel importante na vertente cultural (depois de estabilizar a parte comercial), como nos confidenciou Miguel Cristo, responsável do espaço.

A maior parte dos entrevistados afirma existir uma identidade própria em Alfama mas associa-a normalmente às celebrações dos Santos Populares, principalmente às marchas populares e também ao Fado. Alfama é muitas vezes referida como berço da cidade, como bairro típico, ou das poucas zonas onde se tem uma noção tão genuína de bairro. Já os residentes mais antigos dizem que não existe actualmente uma identidade própria em Alfama, que se perdeu, fruto das transformações do bairro. O sentimento geral dos entrevistados manifesta a existência de uma atmosfera especial, um potencial, mas há a sensação partilhada pela quase totalidade de que se trata de um potencial que não tem sido bem aproveitado ao longo dos tempos. São normalmente os mais antigos nestes bairros,

que são os guardiões dessa ancestralidade, mas que estão a desaparecer. Outros referem a existência de uma identidade própria mas não a conseguem dissociar da pobreza material e social que as pessoas evidenciam o que faz com que, independentemente de estar na moda, Alfama seja um bairro muito degradado.

**Sé** (ver figura 2.3. do anexo)

A privilegiada localização da freguesia da Sé por certo contribuiu para que tenha sido dos primeiros territórios urbanizados da cidade, pois ocupa a meia encosta de face a sul da colina dominada pelo Castelo de S. Jorge, articulando-a com a baixa e com o rio. Estes dois factores (...) concorreram para os destinos dissemelhantes que os séculos lhe foram atribuindo: a um tempo sede de poder, espaço cívico e centro religioso, agregadores do povoamento da Lisboa cristã; bairro eleito pela nobreza e pela burguesia mercantil da época das Descobertas para aqui erigir a sua residência; local de amparo de desvalidos junto das mercearias e, ironia última, sítio de punição nas Cadeias do Limoeiro e do Aljube. Hoje permanece a sua importância religiosa, tanto em torno da Sé (...) como da Igreja de Santo António, local de intensa peregrinação popular. Passaram séculos, mas a centralidade da freguesia da Sé persiste – é ainda por aqui que a Baixa se relaciona com o Castelo ou com Alfama, com S. Vicente ou com a Graça – e permite-lhe conservar-se plena de vitalidade, lugar onde, diariamente, os que ali residem e trabalham se cruzam com turistas ou peregrinos, gentes com as mais diversas motivações e propósitos. (Lourenço, Janeiro, 1992: p. 23).

A freguesia da Sé é normalmente apontada como pertencente ao bairro de Alfama porque de facto se encontra paredes meias com a freguesia de S. Miguel. No entanto, a sua especificidade – ruas mais largas, edifícios maiores, mais amplos e de construção mais nobre - faz com que se distinga do bairro mais medieval de que fazem parte as freguesias de Santo Estevão e S. Miguel e que seja muitas vezes definida pelos habitantes como vizinha de Alfama. Mesmo assim, muitos dos entrevistados do bairro da Sé afirmam situar-se em Alfama e caracterizam o bairro tal como uma aldeia no meio da cidade (sobretudo aqueles que se encontram na confluência com a freguesia de S. Miguel e onde, efectivamente, são menos esbatidas as diferenças acima referidas do bairro da Sé – caso específico da rua de S. João da Praça). As ruas estreitas e o contacto permanente entre as pessoas faz com que não pareça estarmos na capital, diz Corrine, responsável pelo espaço Ondajazz. De traça efectivamente diferente e pela ligação que mantém com a baixa da cidade, mais central e melhor comunicada, a Sé é, comparativamente com Alfama, um bairro menos popular e com um cosmopolitismo crescente. O facto de Alfama ser uma malha mais fechada funciona como uma barreira maior na entrada de diferentes actividades e pessoas. Alfama torna-se um bairro mais transitório e a Sé de mais fácil permanência e vivência/usufruto. De qualquer maneira, existe ainda um grande confronto com a diferença,

com a modernidade, como nos confidencia Daniel Devera, responsável da escola EDIT, recentemente sediada na freguesia da Sé.

Na freguesia da Sé as principais actividades existentes, apontadas pelos entrevistados são a restauração, o pequeno comércio (em parte muito decadente e ligado ao turismo e às lojas de *souvenirs* exploradas por paquistaneses), o turismo, em geral, a subsidiodependência também foi indicada sarcasticamente: desempregados e uma população envelhecida que vive das reformas. Predomina o pequeno comércio e ocupações como as de “mulher-a-dias”, electricistas, pedreiros, retrosarias. Mas há também outro tipo de serviços que evidenciam uma nova faceta do bairro como *ateliers* de arquitectos, escritórios de advogados, empresas de consultoria, testemunha Ana Malta, do restaurante Alfândega.

A nível cultural e/ou criativo foram apontadas as casas de fado, a associação Alfamate, antiquários e um tipo de lojas de turismo mais inovadoras que trabalham os ícones que significam ser lisboeta: sardinhas, galo de Barcelos, Santo António. Foi reconhecido por alguns o papel importante junto das populações das Juntas de freguesia, a nível recreativo. O bairro da Sé também é considerado um centro religioso importante e por isso é alvo de uma corrente grande de turismo. O facto de se ter dado a conhecer que o Santo António nasceu na igreja homónima trouxe uma corrente grande de devotos a este local, contou o Cónego Manuel Alves Lourenço, Pároco da Sé de Lisboa entre Outubro 1983 a 1990. A altura dos Santos Populares é também destacada, como em Alfama, como um dos momentos mais criativos do bairro. Tendencialmente vários entrevistados falam no surgimento de outro tipo de espaços criativos ligados à azulejaria, à cerâmica e a outro tipo de ateliers. No campo das instituições destacam-se o Bacalhoeiro, o Lusitano Clube, hoje com menos actividade, o bar Ondajazz e a recentemente aberta Fundação Saramago.

É reconhecida uma identidade própria ao bairro não propriamente distintiva da Sé mas mais do centro histórico da velha Lisboa, no sentido das vivências, do bairrismo, do sentido de comunidade. Tal como Alfama, ou como uma extensão dela, também a Sé é vista ainda, na maioria dos aspectos, como uma aldeia dentro da cidade.

### **São Vicente de Fora** (ver figura 3.3. do anexo)

A freguesia de S. Vicente de Fora tem como centro o Campo de Santa Clara. É uma ampla área terciarizada e pouco habitada, actualmente com uma forte presença castrense, ali estão instalados o Tribunal Militar, as Oficinas Gerais de Fardamento e Equipamento com o seu centro comercial, a Messe dos Oficiais, o Hospital da Marinha e a Direcção da Arma de

Artilharia. No meio do Campo de Santa Clara está o jardim Botto Machado, debruçado sobre o estuário do Tejo, local aprazível de lazer e convívio. Mas nem sempre ali predominaram os militares. Em tempos mais recuados a área era ocupada quase exclusivamente por organizações religiosas. A urbanização de São Vicente de Fora começou no século XVIII. Alguma nobreza endinheirada escolheu o bairro para a edificação dos seus palácios. Não se pode falar de São Vicente de Fora e do seu Campo de Santa Clara deixando esquecida a Feira da Ladra. A feira, velho mercado Lisboeta, remonta ao século XII. Percorreu e repetiu vários locais da cidade, entre outros, o chão da feira, junto ao castelo, o Rossio, a Praça da Alegria, a Campa de Santana, até que a partir de 1882 se fixou definitivamente no Campo de Santa Clara.

S. Vicente de Fora é um bairro de difícil caracterização, é quase uma passagem entre dois estados de espírito distintos: Graça e Alfama. Alguns também o apontam na fronteira entre Alfama e Santa Apolónia. No meio do bulício desses bairros, S. Vicente é um bairro mais sossegado, monumental, com características mais residenciais. Outrora muito ligado à vida religiosa e militar, mantém algumas ocupações nestas áreas mas é a Feira da Ladra que se destaca como actividade principal do bairro, transformando a sua cara dois dias por semana. Não deixa de ser considerado, no entanto, uma aldeia dentro da cidade, onde prevalecem modos de vida tradicionais e um sentido de vizinhança e entre-ajuda dentro da comunidade. De qualquer maneira, é um bairro com uma população envelhecida, que varia entre a classe média alta e a classe média baixa. As casas estão vazias, sendo recuperadas para turismo ou estando em ruínas. Há menos população e a que existe está mais envelhecida. Os filhos das famílias aqui presentes não ficaram no bairro e a juntar a isso muitos reformados do bairro voltaram para as suas terras. Nota-se um desaparecimento do comércio local/tradicional. Convive-se menos na rua porque também as casas não têm tanta gente. Em S. Vicente nota-se algum crescimento de actividades criativas ligado à Feira da Ladra e à Trienal de Arquitectura que se veio instalar recentemente no campo de Sta Clara. O bairro mantém-se estável na sua configuração mas há alguns indícios de mudança. O renovado jardim (Botto Machado) está a trazer uma nova dinâmica ligada à exploração do quiosque Clara Clara, com alguma programação cultural. Nos dias de feira há todo o tipo de pessoas. “Há cada vez menos moradores – desertificação e envelhecimento populacional, embora também se note uma tendência de inversão. Nos últimos 4 anos nota-se a chegada de alguns jovens a tentar viver por aqui – pessoas com outro tipo de educação e que têm feito alguns contactos no sentido de desenvolverem actividades ligadas às artes e que procuram envolver-se na comunidade”, explica Vitor Silva chefe dos serviços sociais da Voz do Operário, citando o exemplo de um projecto recentemente criado: a academia popular de filosofia. A vinda de estrangeiros é também uma mais-valia para o pouco e pequeno comércio local existente e faz com que o bairro seja cada vez mais visitado. Paulatinamente

verifica-se o aparecimento de mais oficinas de várias áreas criativas. As pessoas de fora têm vindo progressivamente a ocupar as lojas vazias. “Desde que estou aqui abriram pelo menos mais 3 *ateliers* e já existe uma rota, um passeio organizado com o título “Arte e Ofícios”, confidencia Cristina Pina, do Atelier de Cerâmica de S. Vicente. Como já vimos, S. Vicente é um bairro que depende da feira da ladra e que, tirando os dias em que esta acontece, é uma zona sem movimento, tranquila, com pouco comércio. Na rua há muitos armazéns de vendedores da feira (mas que estão fechados), há vários restauradores e alfarrabistas. Destaca-se ainda algum pequeno comércio, algumas lojas ligadas à revenda de artigos de confecções, restauração e outras actividades turísticas: hotéis, hostels e alugueres de casas a turistas. O Movimento associativo tem ainda muita importância e está a crescer, nas palavras de Vitor Agostinho, Presidente da Junta de S. Vicente de Fora, que destaca a Associação “O Mirantense” com uma forte componente desportiva.

A nível Cultural mais uma vez temos em destaque as festas populares ligadas ao culto de Santo António e temos, em particular a actividade promovida pela Voz do Operário, a maior instituição da freguesia: concertos, debates políticos, teatro. É uma instituição claramente central na promoção cultural da zona. Há a actividade indiscutível da Feira da Ladra, pólo dinamizador a nível comercial e cultural do bairro. É um bairro muito rico em termos de património, com o Panteão Nacional e Mosteiro de S. Vicente a encabeçarem a lista. Bairro conhecido também pelas Galerias de arte, Antiquários e pelo Fado. O artesanato e o restauro são também actividades importantes por influência da Fundação Ricardo Espírito Santo Silva (FRESS). Cada vez há mais oficinas de todas as áreas criativas. De destacar a recente actividade da Trienal de Arquitectura, instalada na freguesia há uns meses e do Centro de Artes Culinárias, instalado no mercado de Santa Clara há mais de um ano e com actividades regulares.

Quando falamos de identidade em S. Vicente falamos mais uma vez de uma identidade dos bairros históricos, ligada às vivências tradicionais e à sua população. S. Vicente é indissociável da sua monumentalidade e da Feira da Ladra que lhe dá um ambiente único. As palavras do Arquitecto Pedro Mariguesa, dos Ateliers de S. Vicente descrevem bem o ambiente de S. Vicente: “há uma dinâmica de calma em S. Vicente, à procura de uma diferença, de um lugar mais íntimo. É um bairro com uma calma muito própria. Quase eclesiástica”.

## **Castelo e Santiago** (ver figuras 4.3.e 5.3 do anexo)

O Castelo apresenta dois polos distintos, correspondendo às freguesias do Castelo, que diz respeito à zona dentro das muralhas; e de Santiago, área envolvente do castelo, fora das muralhas.

O perímetro da freguesia do Castelo manteve-se inalterável desde a sua fundação, após a reconquista da cidade aos mouros por D. Afonso Henriques. (...) Esta permanência estrutural - espaço encerrado dentro das muralhas – condicionou indelevelmente o desenho urbano, as formas de ocupação e fruição do espaço pelos seus habitantes e, inclusive a forma da freguesia se relacionar com a cidade. O Castelo, ontem, como hoje, é um espaço pequeno, circular e fechado. (Janeiro, 1993: p. 29).

Com a perda de centralidade no contexto da cidade (pela perda de função defensiva e de sede do poder régio)<sup>3</sup>, o castelo acabaria por perder também o seu lugar privilegiado na imagem de Lisboa, abalado pela falta de cuidados e por catástrofes naturais (...). A grande operação de restauro e de reconstituição, a que foi sujeito por ocasião da Exposição do Mundo Português, em 1940, recriou-o enquanto símbolo da cidade e da identidade portuguesas. A partir de então a freguesia abriu-se à cidade (...). Apesar de literalmente invadida por turistas, conseguiu preservar o seu lado mais intimista, mantendo-se como uma bolsa de comunitarismo e de bairrismo em pleno coração de Lisboa. Herdeira de uma assinalável riqueza de memórias e dotada de um dos mais amplos espaços de lazer do casco histórico da cidade – além de um seu privilegiado miradouro -, é hoje uma das imagens de marca de Lisboa. (Janeiro, 1993: p. 29).

Já Santiago é conotada como colina das artes e a expressão Colina Cultural do Castelo ganha mais ênfase precisamente pela quantidade de instituições culturais de renome ali existentes.

A crescente industrialização, sobrepondo-se aos processos tradicionais da produção e a consequente desqualificação da mão-de-obra artesanal preocuparam o financeiro Ricardo do Espírito Santo Silva, motivando-o para a criação de um Museu-Escola de Artes Decorativas (...). Concretizando esse objectivo (...) restaurou em 1948 o Palácio Azurara, adquirido para o efeito(...). (Lourenço, 1993: p. 44).

O palácio veio mais tarde a tornar-se na Fundação com o nome do financeiro, ocupando um lugar de destaque no panorama da colina do Castelo no que às artes e ofícios se refere. Em 1955, no ano da morte de Ricardo Espírito Santo Silva entraram em funcionamento as oficinas da fundação. “O âmbito da actividade da fundação foi enriquecido quando em 1957 foi instituída a Escola de Artes Decorativas, à qual foi em 1990, concedido o grau académico

---

<sup>3</sup> Nota do autor

de bacharelato. Em 1984, abriu o IAO, em Alfama, vocacionado para a formação de artífices (...).“ (Lourenço, 1993: p. 46).

“Em 73 foi fundado o AR.CO ou Centro de Arte e Comunicação Visual, que se sediou também numa antiga casa nobre da freguesia. Instituição privada orientada para o ensino das Artes plásticas e dotada de uma forte componente oficial (...). (Lourenço, 1993: p. 46). “Santiago, freguesia de carácter residencial, tem revelado forte apetência para a fixação de instituições de índole cultural que, aliadas ao seu valioso acervo patrimonial, têm contribuído para a sua valorização urbana e social no conjunto da Colina do Castelo”. (Lourenço, 1993: p. 47). Falta-nos referir o papel importantíssimo do Chapitô que, desde os anos 80 vem trazer uma nova dinâmica ao bairro durante o dia, de formação/educação mas também de animação nocturna. Como nos explicou a sua responsável, Teresa Ricou, “o Chapitô trouxe uma transumância de públicos: idosos, *freaks*, classe média/alta que vive no castelo, alunos de outras proveniências, turistas, etc e tornou-se um espaço interessante por contraste: um espaço contemporâneo por contraposição ao Castelo, um espaço milenar”.

Dos testemunhos das pessoas com actividade na zona do castelo de S. Jorge, temos mais uma vez a imagem da “aldeia dentro da cidade” com uma vida comunitária muito própria mas também, mais uma vez verificamos uma tendência para a descaracterização do espaço, para a desertificação e para o crescente fluxo turístico. Estamos numa zona histórica, num bairro que é um ex-libris da cidade e quer a população local quer os turistas merecem que se trate melhor este espaço. Esta é a opinião de Teresa Ricou e de outros responsáveis culturais com actividade aqui. A Presidente do Chapitô recorda a altura em que chegou ao bairro, há 31 anos, descrevendo-o na altura como um bairro desconhecido. Hoje, diz, “é conhecido mas não lhe é reconhecido o devido valor”. O bairro do castelo, no seu todo, é o resultado de um conjunto de 3 frentes distintas: lado do turismo; lado de quem habita e o lado das estruturas culturais/institucionais. É estranhamente rico. Mas estes 3 planos não se cruzam, como confidencia Ana Martinho, da AR.CO. O bairro tem uma população envelhecida mas em mudança. Vêm alguns jovens morar para cá mas são poucos: os preços praticados são altos e muitas vezes favorecem o estabelecimento de moradores de curta duração/transitáveis, estrangeiros muitas vezes. A par dos preços elevados, as dificuldades de acesso e estacionamento também não facilitam a fixação das pessoas neste bairro, confessa-nos o Presidente da Junta do Castelo. A população que cá vive mais antiga é, nas palavras de Teresa Oliveira, uma população revoltada com as obras que aqui houve e que não lida muito bem com o facto de ter aqui o monumento mais visitado do país. A freguesia de Santiago, em particular, tem pessoas com um estrato económico bastante elevado e que normalmente não fazem vida de bairro. A rua da Costa do Castelo é uma rua com pouco movimento e pouco comércio. É de passagem e por isso torna-se mais perigosa para quem aqui vive, sobretudo a parte da população com menos

posses, explica Maria João Vicente. A responsável do Teatro da Garagem diz ainda que o Castelo talvez seja um pouco elitista mas que há cada vez mais gente nova a morar aqui. Há um novo fluxo de habitantes que se misturam.

Como actividades principais é indicado o pequeno comércio que ainda subsiste, sobretudo dentro do castelo. Artesanato, turismo – pousadas, aluguer casas a estrangeiros; tabernas, mercearias e cafés. Verifica-se também uma abertura generalizada de lojas vocacionadas para o turismo (*souvenirs*) mas que vendem todas o mesmo tipo de coisas, na opinião de Frédéric Coustols. Outros como Maria João Vicente notam o aparecimento de lojas de artesanato urbano e uma renovação do comércio tradicional. “Está-se a assistir a uma substituição progressiva”, diz. Temos, na opinião de Teresa Ricou, espaços de hotelaria em contraposição: Pensão Ninho das águias versus Palácio Belmonte: uma mistura entre coisas mais populares e coisas mais sofisticadas. Temos restauração, entre as tascas e estabelecimentos mais requintados. Existe actualmente o Elevador do Chão do Loureiro e um supermercado, ambos importantes para a vivência e sustentabilidade da zona.

Culturalmente, o bairro do Castelo gira à volta do monumento que lhe dá nome e da sua programação. Existe ainda o Clube Desportivo do Castelo que organiza a marcha. Em Santiago dominam, como já fizemos referência, as instituições de renome cultural como o Chapatô, AR.CO, Teatro da Garagem, Santiago Alquimista, a FRESS. De referir ainda a Igreja do Menino de Deus, que faz um importante trabalho a nível educativo/cultural com as escolas da zona envolvente e a presença ainda de uma escola de dança, da *fremantle* (produtora de televisão), da Casa da Achada e de alguns antiquários.

No que toca a existência de uma identidade própria do bairro, a maior parte dos entrevistados liga essa identidade ao próprio monumento histórico do castelo de S. Jorge, à população que aí reside e às suas vivências. Essa identidade continua a vir ao de cima sobretudo na altura dos Santos Populares, tendo como expoente máximo a organização da marcha do castelo. Mas isso só não chega e, no fundo, a própria mudança do bairro também vem tirar o seu sentido mais popular. Maria João Vicente alerta para a importância de se investir nas actividades culturais e nas instituições que envolvem a população como forma de regeneração urbana, caso contrário corre-se o risco de fazer dos bairros históricos condomínios privados e isolar as pessoas e serviços.

### **3.2 - Evolução Socio-Demográfica. (censos 2001 versus censos 2011)**

A análise da evolução da população é indissociável da própria evolução dos bairros em análise e é fundamental para percebermos os seus contornos e traçarmos estratégias de

futuro. A análise principal incidirá na evolução populacional dos últimos 10 anos, uma vez que temos um instrumento importante de análise - o Censos 2011, que, afortunadamente nos permitiu olhar para a realidade com dados actuais, apesar de serem ainda resultados provisórios, comparando-os com os dados de 2001. Sempre que possível tentamos enriquecer esta análise populacional com outro tipo de dados provenientes de outras fontes. Uma das principais tendências notadas é uma diminuição da população, uma perda que é transversal a todas as freguesias em estudo. Esta já tinha sido, aliás, uma tendência apontada por todos os inquiridos. (ver Quadro nº 1.3 do anexo)

Para citar dados mais antigos, por exemplo em relação à freguesia de S. Miguel, em 1990 havia cerca de 3310 residentes (dados de inquérito local). (Calado, Ferreira, 1992: p.43), o que denota uma redução da população em mais de metade nos últimos 20 anos. Em relação à freguesia do Castelo, dados do recenseamento de 1991 apontam para uma população de 767 habitantes. (Janeiro, Helena Pinto, 1993: p.47) Mais uma vez a quebra populacional, em 20 anos, é para metade. No entanto, esta tendência de desertificação do centro é um fenómeno que se verifica no Concelho de Lisboa por inteiro (apesar de em menor escala) e não apenas nos bairros históricos em análise. O censo de 2001 aponta para um número de população residente no Concelho de Lisboa de 564.657 habitantes, enquanto o Censos de 2011 regista uma população residente de 547.631 (uma diminuição de 3%). Este fenómeno de desertificação do centro da cidade acompanha um fenómeno de crescimento populacional da área metropolitana de Lisboa ou da região de Lisboa que tem vindo a aumentar. Um diagnóstico elaborado pela Segurança Social, CML e pela Santa Casa da Misericórdia (Diagnóstico Social Lisboa, 2009) aponta para os seguintes dados da população existente na região de Lisboa (ver Quadro nº 2.3 do anexo). Consultando novamente o Censos de 2011, vemos que este número volta a crescer na região de Lisboa para 2.821.699 habitantes.

Passando de uma análise macro para uma análise micro achamos pertinente perceber a evolução da população nas 8 freguesias com menos de 1000 habitantes em 2011 (de entre as 53 actualmente existentes) já que aí se inserem 3 (metade) das freguesias em análise neste estudo. Até porque estas 8 freguesias estão situadas no centro histórico. Assim, verificamos que 5 das freguesias menos populosas denotam, no decurso de dez anos, uma redução populacional. Inclusivamente a Sé, que tinha mais de 1000 habitantes em 2001 passa a fazer parte deste grupo em 2011. De salientar, no entanto, uma tendência inversa dentro deste grupo de 8: o caso de 3 freguesias que denotam um crescimento populacional. São elas as freguesias da Madalena (contígua à Sé), dos Mártires (referente a 50% da área do Chiado) e de Santa Justa (incluindo zonas como o Rossio e o Martim Moniz). São sinais animadores dentro do panorama de regeneração dos bairros

históricos, em particular, e da desertificação do centro da cidade, em geral (ver Quadro nº 3.3 do anexo).

No que toca a evolução da população por idade, verificamos o seguinte em traços gerais: Menos nascimentos, redução da camada populacional mais jovem (15-24), manutenção da faixa etária dos 25-64 e redução da camada de idades igual ou superior a 65 anos. No caso da faixa etária dos 25-64 este intervalo de grande amplitude não permite tirar conclusões claras quanto à presença de uma população ou mais jovem ou mais envelhecida (ver Quadro nº 4.3 e 5.3 do anexo). Há uma tendência generalizada para haver menos nascimentos. Só a freguesia da Sé apresenta uma tendência contrária demonstrando, em 2011, uma percentagem maior de crianças dos 0-14 anos em comparação com 2001. Verificamos que a juventude, representada pela faixa dos 15-24 anos sofre um decréscimo muito grande (e preocupante) em todas as freguesias. Normalmente para metade ou mesmo mais de metade ao longo destes 10 anos, casos da freguesia de S. Miguel, Sé, Castelo e Santiago. A faixa etária dos 25-64 é aquela que denota uma maior estabilidade decorridos dez anos de análise, se bem que devemos ter em conta que há sempre um decréscimo a registar em todas as freguesias. Estranhamente, ao primeiro olhar, será o facto de observarmos um decréscimo da população com idade igual ou superior a 65 anos. Tendo em conta que observamos um envelhecimento generalizado da população lisboeta, portuguesa e europeia, poderíamos esperar ver um incremento de volume populacional nesta faixa etária. Estes resultados serão compreensíveis à luz de um número crescente de mortes e também de muitos reformados que terão voltado às suas terras de origem. Estes dados não são científicos mas antes referidos nas conversas com várias habitantes dos bairros em causa. (ver Quadro nº 6.3 do anexo).

Existem também outros indicadores mais detalhados que nos poderão dar mais pistas quanto ao tipo de população que habita nos bairros históricos. Um deles é o nível de escolaridade da população. (ver Quadro nº 7.3, 8.3 e 9.3 do anexo). Uma primeira leitura das taxas de variação de escolaridade ao longo de dez anos mostra-nos logo uma evolução muito positiva nos níveis de escolaridade. Até porque existe uma redução da população em todas as freguesias mas os níveis de ensino superior aumentaram consideravelmente em todas elas. Na freguesia de Santo Estevão observam-se mudanças importantes. A população com nenhuma ou com o 1º ciclo de escolaridade reduz consideravelmente e, mais interessante é a evolução no que toca os níveis de escolaridade situados nos graus de ensino secundário, pós-secundário e/ou superior apresentando uma evolução impressionante em relação a 2001, com níveis acima dos 100%. Sobretudo no que diz respeito ao nível da licenciatura, o valor mais que duplica em relação a 2001. Quanto a S. Miguel, continua a observar-se mais de metade da população com nenhum nível de

escolaridade ou apenas com o 1º ciclo. No que toca o ensino secundário, pós-secundário e superior, há uma evolução grande a registar: um aumento situado nos 216% no que toca a camada com ensino superior, aliás é mesmo a maior evolução verificada nos níveis de escolaridade da totalidade dos bairros analisados. Há uma ideia, ao nível da sugestão, que podemos avançar se compararmos estas duas freguesias. S. Miguel é ainda um conjunto de edificado mais fechado que Santo Estevão, com uma malha mais medievalizante e que apesar de tudo perdeu menos população, o que faz com que o bairro mantenha ainda um maior fechamento e por isso também, possivelmente, uma maior genuidade. De qualquer maneira, a evolução dos níveis de escolaridade em Alfama, no seu conjunto, sugerem-nos uma abertura do bairro ao exterior, a perda de população idosa e com menos escolaridade e a vinda de novos habitantes com outro tipo de educação. Na freguesia da Sé (e também na de S. Vicente de Fora) nota-se um fenómeno estranho: o aumento da população sem qualquer escolaridade o que pode sugerir que sejam pessoas mais velhas que vêm viver com filhos, necessitando de maiores cuidados na velhice ou algum realojamento nestes dois bairros. Mas trata-se de meras suposições. A evolução registada ao nível do primeiro ciclo apresenta uma redução grande, de 46%, mas que está relacionada com a morte de população idosa e com a saída de reformados do bairro. Há a registar também um aumento considerável de população com uma escolaridade ao nível do pós-secundário e sobretudo do ensino superior, com um aumento de 70% em relação a 2001. Em 2011 a freguesia do Castelo regista uma quebra muito grande no número de habitantes que se traduz no desaparecimento de população com menor nível de escolaridade. Nota-se, no entanto, uma evolução positiva nos graus superiores de ensino. Há a destacar um aumento de 150% na população com ensino pós-secundário e um aumento de 52% na população com licenciatura. Na freguesia de Santiago a realidade educacional altera-se, sobretudo, nos graus de escolaridade de nível pós-secundário e/ou superior, registando-se um aumento na ordem dos 46% e 42%, respectivamente. Na freguesia de S. Vicente, olhando para os valores de 2011, continuamos com quase metade da população com nenhum e/ou com o primeiro ciclo de escolaridade. De realçar aqui, aliás como em todas as freguesias, um aumento dos níveis de escolaridade, sobretudo de pós-secundário, aumentando 21% e de licenciatura, com um aumento de 51%, evidenciando um novo tipo de habitantes com educação superior.

Para percebermos mais tendências importantes interessa agora debruçar-nos sobre as formas de ocupação do bairro. A primeira leitura, de carácter mais genérico é que, tal como a população residente, também a população presente na generalidade das cinco freguesias decresce ao longo dos últimos 10 anos (apesar de em menos escala). Excepções feitas em 2011 nas freguesias de S. Miguel e da Sé (também em 2001). Olhando os dados

mais a pormenor e agora em relação à freguesia de Santo Estevão, registamos, em 2001, menos população presente do que residente o que continua a aumentar em 2011. Pode ter a ver com o aumento de casas vazias e com uma população mais flutuante, inclusivamente, de estrangeiros que habita o bairro sazonalmente. (ver Quadro nº 10.3 do anexo).

Em S. Miguel havia menos população presente em 2001 do que em 2011 muda para valores positivos. Tal facto pode ter a ver com o crescente aluguer de casas a estrangeiros mas é estranho só se verificar esta tendência em S. Miguel e não em Santo Estevão também, por exemplo. Na freguesia da Sé os valores entre população residente e presente mantêm-se estáveis ao longo deste período de 10 anos. O castelo tem uma evolução positiva da população presente no bairro: em 2001 tinha menos 21% de população presente em relação à residente mas esses valores mudam em 2011, estabilizando e coincidindo com a população residente. Faz pensar no facto de ter havido grande parte da população que foi “retirada” das suas casas para efeitos de reabilitação urbana, processo que levou anos a realizar e que fez com que muitas pessoas acabassem por não voltar ao bairro. Na freguesia de Santiago verifica-se o contrário: decorridos dez anos desde 2001, existe um aumento da população que se encontra fora do bairro. Em S. Vicente há também um movimento a ter em conta na população que deixa de estar tão presente comparativamente com os residentes e com os dez anos anteriores em que os valores de população residente e presente se mantinham mais estáveis.

Quando olhamos para a variável do número de edifícios e das suas formas de utilização (ver Quadros nº 11.3, 12.3 e 13.3 do anexo), verificamos o seguinte: apenas nas freguesias de Santo Estevão e de S. Vicente se regista um aumento do número de edifícios. Nas outras freguesias esse número diminui. Quanto às formas de utilização, verifica-se uma quebra na utilização exclusivamente residencial nas freguesias de S. Miguel, da Sé e de Santiago. Este número é sobretudo expressivo na Sé, com -63% de utilização exclusivamente residencial, em relação a 2001. De qualquer maneira, a mesma freguesia da Sé apresenta valores superiores a 100% no que toca a utilização principalmente residencial. Nesta variável também Santo Estevão e Santiago apresentam valores interessantes: -67% e menos -62% em relação a 2001, um decréscimo que sugere outras formas de utilização dos edifícios. Apesar das variações, uma das conclusões nesta categoria de análise é que as principais formas de utilização dos edifícios são residenciais. Para podermos tirar conclusões mais interessantes é adequado olharmos para o número de alojamentos e para as formas de ocupação. (ver Quadros nº 14.3 e 15.3 do anexo). Numa visão geral e no que toca as formas de ocupação de alojamentos, é de salientar que o número de alojamentos vagos regista um aumento considerável, sobretudo nos bairros da Sé e do Castelo, acompanhando o movimento de diminuição da população residente. No que toca o registo

de alojamentos como residência secundária nota-se, em geral uma diminuição dessa forma de ocupação com excepção das freguesias do Castelo, Santiago e São Vicente de Fora onde o aumento dos alojamentos como ocupação secundária apresenta números dignos de registo, sobretudo nos dois últimos casos.

### **3.3 – Análise do Plano de Urbanização do Núcleo Histórico de Alfama e do Castelo**

Para percebermos as estratégias de Reabilitação urbana nesta área conversámos com o Dr. Rui Matos, da Unidade de Intervenção do Centro Histórico da Baixa que engloba actualmente os bairros da colina do castelo. Rui Matos traçou-nos uma evolução da actividade de reabilitação urbana levada a cabo pela CML: “Em 1985 foram criados os primeiros gabinetes técnicos locais (GTL) numa lógica de intervenção extra-camarária para tentar preservar os bairros históricos (iniciativa da Administração Central) e colmatar os problemas sociais mais graves relacionados, tais como a questão do saneamento básico. Os GTL entretanto deixaram de funcionar como tal e a CML apoderou-se deles com o objectivo principal de promover o contacto directo com as populações. A partir de 1990 foi criada uma Direcção Municipal de Reabilitação Urbana que organizou os diferentes gabinetes da cidade. Até que em 1994 surge o Plano Director Municipal (PDM) que vai sedimentar toda a teoria da anterior prática de reabilitação urbana. “Até lá servíamos quase sempre de “bombeiro social”. Não existia um plano estratégico”, ressalva Rui Matos. Em 1994 a zona em questão é dividida em vários gabinetes – cria-se o Plano Integrado do Castelo (PIC), com fundos próprios e é criado também o gabinete da Colina do Castelo. Com Pedro Santana Lopes criam-se unidades de intervenção em que a filosofia é sensivelmente a mesma dos GTL: estar no território e observar de perto as populações; intervir no território sem as abandonar. Actualmente há uma reestruturação camarária em que a cidade é dividida em 5 grandes zonas. O centro histórico é uma delas e está dividido em 4 unidades de intervenção: Baixa, Graça/Penha de França, Campo de Ourique e Bairro Alto. Perdeu-se um pouco a mais valia que existia que era o de estarmos próximo da população”.

O Plano de Urbanização do Núcleo Histórico de Alfama e da Colina do Castelo (PUNHACC) foi aprovado por deliberação da Assembleia Municipal de Lisboa de 24 de Outubro de 1996 e publicado no Diário da República, II Série, n.º 239, de 15 de outubro de 1997, através da Declaração n.º 264/97; O seu objectivo, citando o seu Regulamento, era “regular a ocupação, uso e transformação do solo da área de intervenção do Plano de Urbanização do Núcleo Histórico de Alfama e da Colina do Castelo em concordância com os seguintes princípios:

- a) Conservar e valorizar o conjunto histórico e tradicional e a sua envolvente;
- b) Definir as normas de projecto e de edificação
- c) Definir as normas de enquadramento das actividades económicas e sociais.

Dezasseis anos depois, o Plano foi revisto em virtude de se ter verificado na sua aplicação ao longo destes anos “algum desajustamento relativamente aos objetivos que se pretendiam prosseguir, bem como à evolução da dinâmica urbana, social e económica registada, que urge alterar em conformidade”, como refere o próprio relatório que revê o Plano de Urbanização do Núcleo Histórico de Alfama e do Castelo (PUNHAC). Assim sendo, o relatório de revisão do PUNHAC não pretende proceder nem à reconsideração ou reapreciação global das opções estratégicas do plano, nem dos princípios e objetivos do modelo territorial e morfológico definido ou dos regimes de salvaguarda e valorização dos recursos e valores territoriais, nem alterar a filosofia de intervenção sobre o mesmo território em tudo aquilo que assente no Plano em vigor. No entanto, a nova legislação do ordenamento do território [Decreto-Lei n.º 46/2009, de 20 de fevereiro, RJIGT], da reabilitação urbana [Decreto-Lei n.º 307/2009, de 23 de outubro, RJRU] e do controlo prévio das operações urbanísticas [Decreto-Lei n.º 26/2010, de 30 de março, RJUE], prosseguindo a desburocratização e a simplificação administrativa longamente reivindicada pelos cidadãos e pelas empresas, abre campo a alguma inovação na intervenção e administração municipal sobre este território (ainda) deprimido. Assim, diz o relatório que:

“às alterações de conjuntura, mais que local, cada vez mais global, há que responder com celeridade e oportunidade, clarificando e simplificando tanto quanto possível, respondendo em tempo útil e reduzindo assim, ao mínimo, nas operações urbanísticas de promoção privada, os custos de contexto dependentes da administração autárquica”.

A área de intervenção, com cerca de 40 hectares, mantém-se rigorosamente delimitada conforme o Plano de Urbanização em vigor. O relatório reforça que se mantêm, em geral, as características socio-urbanísticas e patrimoniais que orientaram e fundamentaram a estratégia e as propostas de intervenção, diz que se assinalam no território alguma recuperação e revitalização, designadamente no estado de conservação de algum edificado e pela instalação de novas atividades económicas. O relatório evidencia também que a par dos muitos estudos desenvolvidos entre os finais da década de 80 e a de 90 do séc. XX, o investimento significativo de fundos municipais e estatais, por comparticipação em obras particulares ou por promoção direta ao longo dos últimos 15 anos, terá justificado em grande parte estes resultados, embora não se tenham ainda atingido as finalidades de reabilitação da totalidade do bairro e de retenção das camadas jovens da população, como ambicionado:

Registando-se alguma renovação da população acompanhada pontualmente de gentrificação localizada, este último fenómeno não afeta, por ora, a tradição e o espírito próprio da

população que caracteriza o bairro e o seu padrão de vida e de utilização do espaço. A atividade económica, não apontando seguramente para nenhuma especialização, regista um incremento assinalável na procura de novos espaços para hotelaria, de pequena a média dimensão e de *standard* em geral elevado, tirando partido da reduzida dimensão dos edifícios e espaços disponibilizados no mercado imobiliário e do prestígio da memória histórica e da vizinhança do Castelo. Paralelamente, consolidaram-se pequenos núcleos especializados, designadamente de lojas de artesanato urbano e de oficinas de restauro de artes decorativas, a par da tradicional restauração e de espaços dedicados ao fado e outras manifestações performativas, nichos de atividade que cumprirá apoiar e valorizar pela afinidade com as atividades turísticas de alojamento e com a própria reabilitação do edificado, enquanto tarefa continuada que se procura agora, com mais ênfase, estimular junto de promotores privados. (Relatório alteração ao PUNHAC, 2012)

Uma apresentação elaborada pela CML em 2010 sobre os Planos de Pormenor de Reabilitação Urbana nos centros históricos aponta para a Colina do Castelo, entre outros, o seguinte objectivo: Conciliar incentivos à reabilitação com a defesa do património e a sustentabilidade ambiental. Aqui se percebe claramente, comparando com os objectivos delineados para a zona histórica da Bairro Alto e Bica, que a dinamização comercial em conjunto com a função residencial (apontada como objectivo neste último núcleo) não é uma prioridade contemplada na colina do Castelo. No entanto, como refere o relatório que revê o PUNHAC, há uma identificação de actividades criativas predominantes que, embora de cariz não muito acentuado, é importante dinamizar, contribuindo para a reabilitação global do território em questão.

Em entrevista à Vereadora da Cultura da CML, Dra. Catarina Vaz Pinto, percebemos que, efectivamente, sendo, como a própria define, a área da colina do castelo mais fechada e com uma malha urbana mais apertada, será uma área que se conservará naturalmente mais tradicional. Quando tentamos saber que áreas históricas estão a ser alvo de uma evolução a nível de actividades criativas, a Vereadora refere-nos a zona da Baixa-Chiado e Santos, frisando que nem todos os bairros têm de ser criativos ou pólos de inovação. Percebemos por isso que a nível político, a estratégia de reabilitação da Colina do Castelo passa mais pela reabilitação urbana e pela oferta de melhores condições de vida aos habitantes e não tanto por uma estratégia de dinamização do território através da criatividade. A Vereadora refere-nos que actualmente está em curso o programa Piparu (plano de investimento prioritário em acções de reabilitação urbana) mas que também, numa vertente turística está a ser estudada a sinalética, no sentido de a tornar mais apropriada.

#### **4. Conclusões das entrevistas realizadas mediante os parâmetros de análise definidos**

Vemos, em geral, uma camada mais antiga da população (e com maior conhecimento de causa) residente desiludida com a vida de bairro que sofreu alterações muito grandes. Há uma desertificação grande provocada pela saída quer dos mais novos, sobretudo jovens casais que procuram melhores condições de habitabilidade, quer por morte dos mais velhos e ou daqueles que, em idade de reforma, voltam às suas terras de origem. Para não deixar de mencionar também um grande flagelo de droga, sobejamente referido em várias entrevistas e em conversa informal com alguns residentes, que matou muita gente em Alfama, por exemplo. Alfama foi prejudicada, segundo grande parte dos entrevistados pelo fechamento do bairro ao trânsito, diminuindo a circulação e contribuindo para o empobrecimento do bairro. Muitos consideram o encerramento do bairro aos carros como uma boa medida mas todos apontam uma má gestão e inflexibilidade da EMEL - Empresa Pública Municipal de Mobilidade e Estacionamento de Lisboa, na gestão dos acessos ao bairro que é prejudicial a comerciantes e moradores. Além desta medida, a abolição das fronteiras, decorrente da entrada do país na União Europeia acabou igualmente com os ofícios de grande parte da população que trabalhava no Porto de Lisboa – estivadores e despachantes. Estes dois fenómenos em conjunto contribuíram para uma desertificação do bairro e para a perda do seu movimento tradicional. O bairro do Castelo, por sua vez, sofreu uma desertificação devido, entre outros motivos, semelhantes a Alfama, ao fenómeno da reabilitação urbana que contribuiu para a saída de grande parte da população anos a fio e que, em muitos casos, já não quis voltar por se encontrar a viver em melhores condições de habitabilidade. Já S. Vicente atravessa também uma fase de grande desertificação e descaracterização, sendo actualmente em grande parte referido como um bairro monumental, de passagem e de habitação. O fecho do mercado de Santa Clara durante pelo menos 5 anos e a quebra de prestígio e utilidade (por exemplo o serviço militar deixou de ser obrigatório) das instituições militares, de forte representatividade no bairro, contribuíram para essa desertificação. A população dos bairros que compõem a colina do castelo é, em termos gerais, aos dias de hoje, constituída por uma população fixa, envelhecida, mais tradicional e por uma população flutuante, em grande parte representada por estrangeiros que aqui se fixam sazonalmente. A par destas tendências verifica-se também a vinda de alguns jovens – casais e solteiros, fenómeno apontado mais em bairros como Santiago e S. Vicente de Fora, sobretudo na fronteira com a Graça, bairro mais movimentado pela presença forte de espaços comerciais diversificados. Alfama pelo seu maior fechamento em termos de acessos e pelas casas mais pequenas assume uma ocupação mais sazonal e mais turística.

A nível de actividades comerciais, destaca-se, ainda o pequeno comércio, a restauração, os cafés, o turismo em geral, com o aluguer de casas a turistas a ter um desenvolvimento muito grande tornando-se uma actividade muito frequente no conjunto dos bairros analisados. Santiago assume um pendor mais institucional com instituições culturais de vulto como o Chapatô, o ARCO, o Teatro Taborda ou o próprio Castelo de S. Jorge, hoje com uma oferta cultural mais diversificada e contemporânea, sendo o monumento mais visitado a nível nacional. Já S. Vicente de Fora é dominado culturalmente e comercialmente pela Feira da Ladra, pela Voz do Operário e por um conjunto de instituições militares cada vez com menor actividade. Muitos artistas/artesãos vêm actualmente nesta colina a possibilidade de abrir galerias/*ateliers* de arrendamento a preços acessíveis, no fundo, uma oportunidade de terem o seu atelier aberto ao público o que lhes permite trabalhar e vender em simultâneo. A maior parte destaca a calma destes bairros como uma característica muito agradável e propicia ao trabalho artístico. A par dessa tranquilidade, o aumento crescente do turismo contribui para uma afluência constante de pessoas nas zonas em análise, o que agrada à generalidade dos entrevistados. Catarina Vaz Pinto confidencia-nos que os bairros históricos tendem a ser olhados como bairros turísticos, embora faça notar que na zona do Castelo, por exemplo, ainda haja muita população autóctone. A Vereadora salienta a importância de, em simultâneo com o turismo, se conseguirem manter as características essenciais da população. Fazendo uma caracterização a nível cultural, a responsável aponta o património como a área que mais se destaca nos bairros que compõem a colina do Castelo. Além dessa vertente, refere a existência da Fundação Saramago, da Sé, da abertura, em 2014, do Museu do Aljube, do Museu do Teatro Romano, de uma livraria sobre Olissipografia, casas de Fado, do próprio Castelo de S. Jorge, S. Vicente de Fora, do AR.CO, realçando o facto de não existirem muitas actividades de vanguarda. Quando perguntamos sobre o ponto de vista cultural, que tipo de actividade deverá ser desenvolvida e/ou estimulada, a Vereadora reforça a importância de haver uma programação equilibrada entre residentes e turistas para que os bairros não se tornem bairros-museus.

Quando se pergunta pela existência de uma identidade própria no bairro a resposta da maior parte dos entrevistados é positiva. Só os mais antigos por vezes dizem que não, remontando a um passado muito mais vivido do bairro que existia outrora, caso comum a toda a área em questão, onde a vivência colectiva era muito mais forte. De qualquer maneira, a ambiência própria e as maneiras de estar tradicionais ligadas a uma camada mais popular continuam a prevalecer e a ser um factor decisivo para que se considere existir uma identidade própria.

Quando perguntados sobre a possibilidade de caracterizarmos os vários bairros em análise enquanto bairros culturais, o conjunto de respostas também mostra uma tendência:

a maior parte considera estes bairros sim, bairros culturais, mas muito mais a nível patrimonial, arquitectónico e sociológico do que a reconhecê-los como sítios com uma dinâmica pertinente de oferta de actividades culturais. A maioria liga o seu bairro ao turismo cultural pela história, identidade e modos de vida nele existentes. Várias respostas evidenciam também uma ligação destes bairros, sobretudo Alfama, ao fado, o que por si só o transforma em berço cultural do Fado, na opinião de alguns.

De qualquer maneira, quando perguntados em concreto pelas actividades culturais mais predominantes no bairro, a maior parte dos entrevistados refere o Fado, as Marchas Populares e as Festividades ligadas ao Santo António. Referem também as colectividades/Associações Recreativas, a promoção de ícones da cidade, como a sardinha, ligados a novos *ateliers* de produtos turísticos inovadores; *ateliers* de azulejaria e artesanato urbano, antiquários e oficinas de restauro e finalmente, temos a alusão frequente às instituições de vulto da colina do Castelo: Chapitô, Perve Galeria de Arte, Voz do Operário, Feira da Ladra, O Bacalhoeiro; Fundação Ricardo Espírito Santo Silva, AR.CO, Castelo S. Jorge e os mais recentes Centro de Artes de Culinária do Mercado de Santa Clara e a Fundação José Saramago. Quase todos referem um grande potencial a nível criativo e de desenvolvimento por meio das actividades chamadas culturais mas quase todos apontam uma certa apatia, adormecimento dos bairros e uma falta de comunicação entre organismos culturais, populações locais e turismo. Manifestam igualmente uma falta de abertura e de aceitação por parte da população mais vernacular do que é diferente e inovador. Apesar deste sentimento negativo, há que realçar também as respostas que evidenciam um crescimento dos *ateliers*, de procura de artistas para montarem neste bairro as suas actividades, da abertura de novos estabelecimentos hoteleiros como os *hostels*, que contribuem, no seu conjunto para um crescimento importante do turismo cultural com necessidade de outro tipo de oferta que não aquela de cariz tão popular. O caso da abertura de instituições como a Fundação José Saramago ou da Trienal de Arquitectura são também factores importantes para um exponencial crescimento cultural da zona e para a sua modernização.

As razões que levam a maior parte das pessoas entrevistadas/instituições a desenvolverem a sua actividade nestas zonas históricas prende-se sobretudo ou com circunstâncias casuais, que nada têm a ver com o sítio ou então com uma escolha pessoal de um sítio, de um bairro que consideram bonito, intimista, tranquilo e sobretudo com uma ambiência e personalidade muito próprias para se poder desenvolver, em simultâneo, uma actividade artística e comercial. Por isso, muitos responderam não ter inclusivamente vantagens comerciais de maior ao vir para a Colina do Castelo. Quando falamos de vantagens comerciais, os entrevistados destacam o crescente número de turistas

frequentadores da Colina do castelo, que revela um grande potencial, e as oportunidades comerciais que os espaços oferecem – rendas baixas comparativamente com outras zonas históricas da cidade. No caso do bairro da Sé as vantagens, à parte das características já evidenciadas, prendem-se com a sua maior centralidade e ligação à Baixa, uma zona melhor comunicada em termos de transportes do que as restantes. Quando se trata de respostas de instituições políticas e/ou recreativas de bairro, a grande vantagem está, obviamente, na proximidade que podem ter com a população residente, ajudando a solucionar os seus problemas.

No que toca o capítulo de avaliação do incentivo das entidades públicas em relação às actividades existentes nos bairros da colina do castelo, vemos em geral um descontentamento grande face a um apoio expectável: a maior parte dos entrevistados refere existir pouco ou nenhum apoio da CML. O descontentamento tem sobretudo a ver com uma grande burocracia, uma actuação lenta e excessivamente controladora, falta de apoio à divulgação das actividades existentes e sinalética deficiente. É também apontada à CML uma falta de interesse, bem como uma falta de pro-actividade em relação à preservação dos bairros históricos. Normalmente este aspecto está relacionado com uma reabilitação insuficiente ou que tarda muito tempo. A Emel, empresa camarária que gere os acessos aos bairros históricos é criticada pela maioria dos entrevistados. É sempre referida como inflexível, sobretudo no que toca o acesso de bens e materiais necessários aos estabelecimentos comerciais existentes nos perímetros controlados pela empresa. Como pontos positivos, vários entrevistados referem melhorias a nível da limpeza e do ambiente (melhor qualidade do ar decorrente do acesso limitado do bairro a automóveis). Embora se tenha destacado acima como um aspecto negativo, muitos reconhecem a reabilitação do edificado e as melhorias de condição de vida que se têm verificado nestes bairros ao longo dos anos. Já o trabalho realizado pelas Juntas de Freguesia é mais apreciado pela maior parte dos entrevistados porque é mais visível. Devemos ter em conta, no entanto, que as Juntas agem normalmente através de orçamento da CML e ao abrigo de protocolos que permitem uma actuação independente a vários níveis. Houve no entanto quem apontasse um desajustamento com a realidade na actividade das Juntas de Freguesia, normalmente vocacionadas sobretudo para a acção social e para o desenvolvimento de actividades que servem apenas uma população mais popular e mais idosa.

Os principais problemas apontados nas entrevistas e que foram considerados prejudiciais às actividades existentes nos bairros em análise têm a ver com: acessos difíceis, com transportes públicos deficientes em horários e/ou em rotas que não chegam a todos os bairros isolando as populações e impedindo o acesso de outros visitantes. Além disso, a falta de estacionamento automóvel é também um factor considerado muito crítico

quer por dificultar o acesso ao bairro pelas pessoas de fora quer, principalmente, por ser um factor dissuasor da fixação de nova população. Também muito citada é a falta de segurança e os assaltos realizados mesmo dentro dos estabelecimentos. Outras queixas prendem-se com a falta de cuidado na preservação de ruas, acessos (ao castelo por exemplo no Largo Rodrigues de Freitas) e do edificado, falta de cuidados de limpeza e de melhoramentos nas estruturas básicas como a iluminação ou a própria rede eléctrica que alimenta os estabelecimentos considerada muito antiga e falível. Há pouca gente – residentes e visitantes - para dar resposta a actividades comerciais existentes; a população está envelhecida e tem um poder económico baixo. Além disso, existe muita delinquência, toxicodependência e sem-abrigo. Alguns denunciam uma falta de civismo da população e uma mentalidade tradicional e fechada a tudo o que é novidade. No que toca as actividades económicas, culturais e turísticas, a maior parte aponta a falta de financiamento, muita burocracia e uma falta de sinalização e divulgação das actividades existentes no bairro. Além disso, vários referem a falta de infra-estruturas básicas de apoio como casas de banho públicas, postos de turismo e multibancos. O preço dos imóveis é muito elevado não propiciando a fixação de nova população (ou trazendo apenas uma população de classe social mais elevada mas que normalmente não vive o bairro) e há falta de comunicação e colaboração entre as entidades presentes na Colina do Castelo, outras das dificuldades levantadas nas entrevistas. Colocámos a mesma questão à Vereadora da Cultura da CML, dirigindo-nos em particular aos principais problemas que dificultam o enraizamento de actividades criativas consistentes nesta área. Catarina Vaz Pinto aponta como principais dificuldades a falta de estruturas básicas e a questão fulcral de saber manter, nestes bairros, a traça e a identidade o que normalmente mexe com vários conflitos em campo. Outra questão fundamental que refere é a necessidade de tirar mais carros dessas zonas.

Depois de enumerarmos as principais dificuldades avançadas pelos entrevistados, cabe-nos apresentar as suas sugestões para um desenvolvimento sustentado da zona. De salientar respostas muitas vezes repetidas como a aumento do policiamento para colmatar a insegurança vivida nestes locais; continuar a cuidar dos pavimentos e dos edifícios, dando lugar, inclusivamente, a que haja novas regras de reabilitação urbana que permitam alterar edifícios (foi sugerido, no caso particular de Alfama, com alojamentos muito pequenos, que se permita o emparcelamento de diferentes casas permitindo melhores condições de habitabilidade). Daqui partimos para a necessidade partilhada por vários de um repovoamento dos bairros históricos e da criação de condições vantajosas para a fixação de jovens, tais como isenções fiscais. Outra medida importante apontada é a de melhorar a política de transportes públicos, tornando-a mais adequada às necessidades locais, melhorar as condições de estacionamento, essenciais para a fixação de população e de

actividades nestas zonas e criar, se possível, formas de acesso inovadoras que façam mais gente subir facilmente a colina, como umas escadas rolantes em Alfama. Além dos transportes e estacionamento, outras infra-estruturas essenciais para fixar pessoas no bairro foram enunciadas, tais como escolas, parques, espaços verdes. Também, foi referida a importância de apoiar as instituições culturais presentes na zona uma vez que desempenham um papel muito importante na comunidade – quer na integração, quer na educação de públicos. Uma limpeza cuidada do território foi também indicada como medida a impulsionar. A nível estrutural, a CML, opinião partilhada por vários entrevistados, deve desburocratizar-se mais, concedendo mais facilidades à iniciativa privada a nível fiscal ou disponibilizando espaços para exploração de privados. Foi referido o facto de a CML ser dona de muito património edificado em Lisboa que não está a ser utilizado e que poderia ser explorado como residência artística, por exemplo. À CML foi igualmente apontado um papel muito importante (actualmente não satisfatório) a nível da divulgação cultural do que é feito *in loco*, e a responsabilidade pela correcta sinalização de lugares e/ou rotas de interesse cultural e turístico. Por último e de ressaltar pela quantidade de pessoas que manifestaram uma preocupação semelhante, é necessário, palavras da Directora da FRESS, “criar projectos âncora que façam a ligação entre residentes e turistas”. Da mesma opinião é Frédéric Coustols, proprietário do Palácio Belmonte, quando diz que “é preciso reinventar a vivência conjunta de uma comunidade pequena e sustentável”. Essa reinvenção, defende, deve ser feita por jovens criativos. Também Pedro Moreira, da EGEAC defende que os bairros históricos precisam de projectos de médio e longo prazo, que criem calendário e que envolvam a população. É comum o sentimento de necessidade de uma partilha de informação, de um diálogo entre instituições, de cedência de espaços, uma associação entre antigos do bairro e novos moradores, criadores e turistas. Catarina Vaz Pinto defende que é preciso haver uma procura regular e uma boa informação sobre o que existe disponível a nível cultural. A vereadora cita a FRESS como um excelente exemplo do que é uma boa oferta cultural e ainda a recém-inaugurada Fundação Saramago, enquanto instituição que poderá ter também um papel importante, assim como outros pólos culturais como o núcleo museológico do Castelo de S. Jorge da autoria do Arquitecto Carrilho da Graça.

Finalmente, tentámos perceber se a morfologia do território tende a condicionar as actividades que se desenvolvem no território em questão, fomentando-as ou, pelo contrário deprimindo-as. Dois terços dos entrevistados respondem claramente que sim. E o sentimento comum é de que a morfologia do território, apesar de diferente no seu conjunto – Alfama e o Castelo com uma malha mais apertada e S. Vicente de Fora e a Sé com espaços mais amplos, representa simultaneamente uma dificuldade e uma oportunidade. Dificuldade

sobretudo pelas ruas estreitas, pela dificuldade de acessos, por serem zonas de passagem, algumas, votadas ao abandono, pelos custos mais elevados na realização de eventos, mas, simultaneamente, uma oportunidade pela paisagem natural única, pela inspiração que possibilita, por ser uma bairro de micro-escala, intimista, dado aos ofícios, ateliers, serviços, pela singularidade dos eventos que aí se podem desenvolver. A Vereadora da Cultura da CML é da mesma opinião da maioria, defendendo a ideia de que o espaço é imutável e que, nesse sentido, é preciso renovar na tradição. “Manter a morfologia e adaptá-la aos tempos modernos”.



## 5. Conclusões

Retomamos o objectivo principal do trabalho, referido na introdução: perceber se estamos na presença de um meio inovador. Para isso levámos a cabo uma investigação que se propôs caracterizar, ao dia de hoje, os bairros da Colina do Castelo. Tentámos perceber que tipo de populações os constitui a nível socio-demográfico e, especialmente, perceber se existem novas dinâmicas criativas (e antigas) com predominância em alguma (s) área(s) em particular e que, nesse sentido, possam ser estrategicamente relevantes para o futuro desenvolvimento do território em questão.

Para percebermos a evolução da população fizemos uso da informação já disponibilizada pelo Censos 2011 e comparámo-la com os últimos dez anos. Nota-se, como era expectável, uma redução grande do número de habitantes nesta zona da cidade. Os números são particularmente assustadores no que se refere à população da freguesia do castelo. No entanto, dentro do panorama dos bairros históricos e da desertificação do centro da cidade, em geral, há algumas boas notícias indiciadoras de sinais positivos num futuro próximo: há 3 freguesias da zona histórica de Lisboa: Madalena, Mártires e Santa Justa com um aumento populacional. De destacar, pelos valores apresentados, esta última, com um aumento de população bastante significativo (27%) em relação a 2001. Santa Justa engloba zonas como a estação do Rossio, a Praça da Figueira ou a Praça do Martim Moniz. Interessa-nos também destacar o crescimento de população na freguesia de Madalena, sendo uma freguesia que faz fronteira com a destacada área da Freguesia da Sé, tendo sido por vezes alvo da nossa atenção com algumas instituições e entrevistados a situarem-se no limiar das duas freguesias. Deixando de parte a freguesia dos Mártires que faz parte da zona do Chiado, o crescimento populacional nas Freguesias de Santa Justa e da Madalena estão com certeza ligados a um fenómeno de repovoamento (espontâneo ou estratégico, não nos cabendo aqui analisar este facto) do centro histórico da cidade: mais central e acessível por transportes públicos. De destacar o investimento recente em bairros como a Mouraria, apostando na reabilitação urbana e na dinamização do bairro pela vertente criativa (Programa de Acção QREN Mouraria – as cidades dentro da cidade). A Mouraria é talvez o bairro histórico mais multicultural, parte integrante da colina do Castelo, e daí que a sua revitalização seja aqui referida pois poderá ter efeitos interessantes a nível da própria atracção de novos habitantes e frequentadores que poderão facilmente subir a colina em direcção ao Castelo, fazendo vida neste bairro. O mesmo se pode dizer em relação à freguesia da Madalena que, sendo colada à da Sé, imprimirá com certeza uma nova dinâmica nas freguesias vizinhas. A própria criação do recente elevador do Chão do Loureiro (propriedade da EMEL) que liga o Largo do Caldas à rua da Costa do Castelo tem um importante efeito a nível da vivência do bairro do castelo por moradores e visitantes.

Debruçando-nos em concreto sobre a população dos bairros em análise, como já vimos há uma redução geral do número de habitantes, acompanhados de um envelhecimento de população. Esta redução manifesta-se na quantidade crescente de casas vazias e na tendência geral para o aumento da actividade de aluguer de casas a turistas. Não podemos falar ainda aqui num efeito de gentrificação porque no fundo ainda se mantêm, principalmente, os modos tradicionais de vivência ligados aos moradores originários daqui. Contudo, registamos um tipo novo de habitantes no bairro, que se mistura com a população mais antiga: muitos estrangeiros adquirem segunda residência aqui e ocupam-na em determinados períodos do ano, há também uma população flutuante de estudantes estrangeiros (ao abrigo do programa Erasmus) e há também um fluxo de portugueses – jovens solteiros e casais, muitas vezes uma camada ligada às artes, que querem viver no centro histórico e que desfrutam, nesta zona em particular, de um mercado habitacional com valores mais em conta comparativamente a outras áreas históricas com mais dinâmica comercial/cultural e melhor comunicadas a nível de transportes públicos. Esta nova população é perceptível na análise evolutiva do Censos de 2001 para 2011 quando olhamos para os níveis de escolaridade. De facto, em, 10 anos, a camada de população com níveis de escolaridade mais elevados teve um aumento muito considerável, sobretudo se tivermos em conta o número de população com o grau de licenciatura, o que evidencia a vinda de novos moradores.

Na introdução desta dissertação questionámos a existência de uma causa-efeito entre população actual e níveis de criatividade no território. Sabemos já que a população antiga está progressivamente a ser substituída por uma nova que já não é originária daqui na maior parte das vezes. Como referimos anteriormente, os filhos dos casais aqui nascidos saem normalmente do bairro em busca de melhores condições de habitabilidade não podendo fazer face aos custos acrescidos do mercado imobiliário. Este facto, se não for olhado com atenção pode fazer com que estes bairros passem a ser condomínios residenciais de uma classe mais favorecida ou de uma população que é meramente transitória (e que não cria raízes aqui) caso não se criem boas condições de habitabilidade e estruturas de apoio, em primeiro lugar, para os moradores. Apesar de ficar este alerta de grande importância, assistimos também a outro fenómeno importante: a vinda de artistas que por vezes não habitam os bairros em destaque mas que passaram a desenvolver aqui a sua actividade. Muitas vezes usufruem também de um mercado de arrendamento comercial mais em conta comparativamente com outros lugares com um potencial comercial mais atractivo e por isso mesmo incomportável para alguns artistas, casos do Bairro Alto, Chiado ou Príncipe Real. Por outro lado, a par desta vantagem competitiva, há outro efeito atractivo do meio que importa destacar: quer a nível de bairro histórico e logo, turístico por excelência

quer a nível de determinadas actividades nicho como a cerâmica/artesanato urbano ancoradas na actividade da Fundação Ricardo Espírito Santo Silva e na tradição de ofícios e *ateliers* existente nestes bairros e também de actividades inovadoras relacionadas com a reinvenção dos ícones da cidade ligados ao turismo que vieram suscitar novas criatividade e novos estabelecimentos comerciais directamente relacionados. Assistimos, assim, a uma reconversão do comércio tradicional promovida por uma camada artística jovem, com vontade de desenvolver actividades ligadas á criatividade e inovação, de transformar a cara dos bairros históricos e muitas vezes com o intuito declarado de fazer face a um número crescente de lojas de *souvenirs*, no vulgo chamadas de “lojas de indianos, paquistaneses e também lojas de chineses”, existentes em todos os países e que, no fundo, contribuem para uma descaracterização de um espaço que é, por contradição com essas lojas, único. No fundo são movimentos identitários e que surgem muitas vezes em defesa do que é português. Dois testemunhos apontam exactamente estes motivos como estando na base do estabelecimento das suas lojas nestes bairros. Ver entrevistas SARDINA e ZAZOU. Lembro também os casos interessantes da apropriação de antigos espaços comerciais tradicionais para actividades criativas: casos de uma padaria na Sé reconvertida em *atelier* (Teresa Pavão), de um talho convertido em empresa de Design (Re-design) e de uma farmácia convertida em Atelier de Cerâmica (Atelier de Cerâmica de S. Vicente).

O Plano de Urbanização do Núcleo Histórico de Alfama e da Colina do Castelo, recentemente revisto, aponta exactamente para alguma renovação da população, e para alguma gentrificação, se bem que o documento atesta que esta nova população não afecta ainda a vivência tradicional da população deste território, como também confirmámos. O plano confirma uma falha na retenção de uma população mais jovem, na nossa opinião, aquela que será mais capaz de efectuar uma renovação da área territorial em destaque. O PUNHAC destaca ainda uma necessidade de se continuar com a reabilitação urbana do edificado e uma estratégia de agilização de processos relacionados com determinados nichos de actividade que verificam uma procura crescente nestes bairros: a hotelaria, sobretudo, hotéis de charme (pela morfologia do território), o fado, o artesanato urbano e oficinas de restauro ligadas às artes decorativas. Assim, a existência de uma causa-efeito entre população actual e níveis de criatividade no território tem, sim, um fundamento mas que carece de reflexão. Há, de facto, uma vivência do bairro diferente da que existia há 10 ou 15 anos atrás, no sentido da sua abertura a uma população totalmente diferente da habitual. Mas o que é de notar é que essa nova população é ainda composta sobretudo por turistas que vivem o bairro passageiramente Corre-se assim o risco de criar estruturas unicamente turísticas que não privilegiem os que realmente vivem o bairro diariamente com as necessidades que isso implica e correndo o risco de perder a essência do território. De

qualquer maneira existem novos residentes: jovens solteiros e casais, portugueses e estrangeiros, nas faixas etárias dos 30-40 anos. É claro que apesar da sua expressão ser ainda pouco significativa no conjunto da população residente, estes novos habitantes têm com certeza necessidades, formas de convivência e interesses diferentes daqueles que existiam antigamente. Este facto, só por si, revela desde já uma mudança e com ela uma oportunidade para o desenvolvimento do território. Mas há que ter atenção à melhor forma de a efectuar. Há uma necessidade extrema de repovoar este território em transição, criando condições, estruturas para que uma camada jovem venha instalar-se aqui ou desenvolva aqui as suas actividades. Outro aspecto interessante a ter em conta é que uma parte considerável das actividades criativas que vão surgindo no conjunto dos bairros, surgem pela mão de estrangeiros que se apaixonam pelo país e querem cá ficar e desenvolver actividade (Pois Café, Ondajazz, Palácio Belmonte, Atelier S. Vicente, etc). De destacar ainda uma grave crise económica com consequências negativas, de uma forma geral, em todas as actividades económicas e na diminuição do poder de compra das populações mas também com contornos interessantes a nível do surgimento de novas actividades/criatividades despoletadas muitas vezes por situações de desemprego.

Ao olharmos em detalhe para o conjunto de respostas das entrevistas que realizámos podemos tecer os seguintes comentários. Detendo-nos em primeiro lugar no bairro de Alfama, não podemos falar propriamente de inovação. Podemos referir uma intensa reabilitação urbana, que tem mudado a cara do bairro mas não podemos falar de grandes mudanças estruturais a nível de criatividade. Alfama continua a ter uma atmosfera especial e uma vivência particular mas é essencialmente um bairro popular e humanamente degradado. A vida cultural gira, sem dúvida, à volta do fado e para potenciar essa vertente foi criado o Museu do Fado. De qualquer maneira é o fado espontâneo que mais se ouve nos restaurantes, tascas, casas de fado ou em manifestações públicas de rua e que, no fundo, dão uma maior genuidade ao bairro. São inclusivamente muitas vezes actividades promovidas pelas Juntas de Freguesia. As actividades criativas estão sobretudo ligadas a uma vertente mais popular e quem vem para o bairro viver ou passear procura este sentido genuíno da cultura popular portuguesa (também na nossa opinião porque não existe outro tipo de oferta). De constatar que tem havido um crescimento da vida nocturna em Alfama e também se nota o aparecimento de novos *ateliers* e/ou espaços que apresentam uma diferenciação em relação ao tradicional. Mas são ainda excepções. (ver figura 1.5. do anexo) Uma reflexão importante acerca de Alfama é que o aumento crescente do turismo tem servido para abrir um bairro que era tendencialmente hermético ao exterior. Esta abertura também foi propiciada por instituições de ensino como o ISPA, uma universidade presente no bairro há já bastantes anos e que veio introduzir um novo público ou uma franja

de frequentadores do bairro diferenciada, como já foi referido. A Sé, mesmo ali ao lado, e talvez pela maior centralidade e abertura do bairro (ao lado da baixa) já demonstra uma maior modernidade – nos restaurantes, *ateliers*, cafés que estão a surgir cada vez em número maior e que já estão vocacionados para outro tipo de habitante ou público que não apenas o tradicional. Cito os casos do Ondajazz, do Pois Café, do Restaurante italiano Esperanza, de um ou outro *atelier* de Design, entre outros estabelecimentos comerciais que muitas vezes nascem da recuperação de espaços históricos, antigamente estabelecimentos de pequeno comércio, tais como padarias e talhos. Gostaria de referir também o estabelecimento no bairro da EDIT – Escola de Design Interactivo e de Tecnologia, que vem dar talvez o salto mais ambicioso, do passado para o futuro, nesta zona. A Sé alia ainda à sua centralidade, pela força das igrejas ali implantadas, um turismo religioso acentuado e uma maior frequência de turistas devido à passagem pelo bairro do também turístico eléctrico 28. Por tudo isto, em contraposição, em Alfama, não se verifica tanto esta tendência “obrigatoriamente” modernizante, por ser um espaço mais residencial, menos acessível e por isso também mais genuíno/tradicional. (ver figura 2.5. do anexo)

O mesmo se passa dentro da Freguesia do Castelo, com traços ligeiramente diferentes. Sendo o monumento mais visitado do país, o castelo de S. Jorge traz todos os dias, especialmente no verão, um fluxo enorme de turistas àquele espaço hermético e de características tão especiais. Mas a sensação que temos é que turistas e habitantes são duas faces distintas que convivem no mesmo espaço, sem realmente se tocarem. Claro que há muitos estabelecimentos que vivem deste movimento transitório e destas visitas diárias mas são efectivamente realidades à parte. Para este fosso contribuiu também a medida de acabar com a gratuidade do acesso ao Castelo (com as devidas excepções). Mas em termos de inovação, devemos referir uma programação cultural do monumento que o transporta da ancestralidade para a modernidade. É o caso da criação do recente filme multimédia “Lisboa quem és tu?” que faz a ponte entre passado e presente do monumento. Há, pois, alguns sinais de inovação.

Já a freguesia de Santiago é ligeiramente diferente e um caso curioso. É uma área simultaneamente residencial: o local é de uma beleza singular e a reabilitação levada a cabo nesta zona fez com que se fixasse aí um tipo de população com um maior poder económico mas que não faz, em geral, vida de bairro. No entanto é, como já foi referido, local de implantação de importantes instituições culturais, o que por si só constituiria um factor atractivo de pessoas ao bairro. Instituições como o Chapitô envolvem não só turistas como a própria comunidade. O mesmo se pode dizer da FRESS. E a verdade é que trazem pessoas ao bairro. Mas estes dois exemplos são de instituições que se encontram no bairro há muitos anos. E nem por isso se nota um desenvolvimento do território proporcionado por

estas entidades. Pelo contrário, a zona permanece sensivelmente igual, não se podendo falar aqui de meio inovador.

Falando no caso específico de S. Vicente de Fora, temos observado ali, em concreto, um crescimento de actividades/serviços ligados à área criativa. S. Vicente é um caso muito especial porque chega a ter actualmente uma rua, a Rua de S. Vicente, com um tipo de comércio e serviço muito ligado aos *ateliers*: de cerâmica, de artes decorativas, de restauro de mobiliário, galerias. É de facto uma rua interessante e que, além disso, ganha mais potencial porque liga com a própria feira da Ladra, por um lado, e, por outro, liga com o Largo Rodrigo de Freitas e com a Rua do Salvador, polos onde se verifica uma crescente instalação de lojas/estabelecimentos criativos. (ver figura 3.5. do anexo) A própria área da feira da Ladra está a ser palco de mudanças interessantes: a exploração do mercado de Santa Clara foi cedida ao Centro de Artes Culinárias e a exploração de várias lojas do mercado foi posta a concurso público, sendo destinada a actividades criativas. Existe o quiosque Clara Clara, que tem, paulatinamente, contribuído para um maior e melhor usufruto do espaço, cada vez mais reconhecido e, além disso, instalou-se recentemente em Santa Clara a Trienal de Arquitectura. Durante o tempo em que se realizou este trabalho instalaram-se também no bairro os Ateliers de S. Vicente, especialmente dedicados a serviços de Arquitectura.

Com o caso particular de S. Vicente de Fora podemos fazer alusão a dois aspectos interessantes da nossa investigação. O primeiro está relacionado com a intervenção pública. Nota-se, nesta área específica o incentivo do sector público. Cito os casos dos concursos efectuados para a exploração de lojas criativas no mercado de Santa Clara, da cedência de um antigo palácio também em Santa Clara para a instalação da Trienal de Arquitectura durante seis anos e, de realçar ainda, uma aposta na recuperação do jardim Botto Machado e a concessão da exploração do Quiosque Clara Clara, com uma implantação bem conseguida no território, há já 6 anos, e a provar que só os projectos com consistência (o do quiosque revelou-se através do empenho constante na recuperação do jardim e na criação de uma programação que fidelizasse público) conseguem criar raiz e vingar. Deste caso em particular podemos realçar que o poder político e outros agentes institucionais têm um papel crucial na agilização de medidas ou meios que favoreçam o desenvolvimento de determinadas actividades culturais/criativas e, com isso, de determinados locais especificamente. Não nos apercebemos, no entanto, nas restantes áreas em análise de um conjunto semelhante de medidas que potenciasses a área criativa. Este facto leva-nos a outro aspecto da investigação: a morfologia do território. S. Vicente, dentro do conjunto dos bairros analisados, é, de facto, o que mais se diferencia pela amplitude do espaço, reunindo por isso condições mais facilitadoras a nível da vivência do espaço e do próprio acesso, que

permitem maiores aglomerados de pessoas do que qualquer um dos outros bairros analisados. Há outro factor que pode impulsionar o desenvolvimento de S. Vicente que é a vizinhança com o bairro da Graça e com Santa Apolónia.

A especificidade do território afecta, sim, na nossa opinião, o tipo de actividade que se desenvolve nestes bairros. Se dantes tínhamos sobretudo um pequeno comércio que sustentava as vivências do bairro, hoje, com as transformações que verificamos, temos os mesmos espaços, abandonados, que tendem a ser recuperados com novas actividades porque existem novos públicos e um novo tipo de vivência do espaço. Não queremos com isto dizer que não se privilegiem outro tipo de soluções como o emparcelamento de casas mais pequenas, permitindo o seu melhor usufruto quer para habitação quer para outro tipo de serviços/comércio.

Numa altura em que se fala como nunca em bairros, cidades e indústrias criativas, em economia da cultura, em meios inovadores e na reabilitação urbana através da criatividade e das actividades culturais no seu sentido mais lato, este estudo pretende oferecer-se como mais uma vertente de análise na área específica da Colina do Castelo e como um instrumento académico-ciêntífico e estratégico para os decisores políticos das áreas em destaque. Estamos de facto na presença de bairros que se aproximam da definição de bairro cultural. Em grande parte dos casos muitas vezes apenas pela sua monumentalidade, arquitectura e carga histórica. (S. Vicente, Sé e Castelo, são por si só bairros monumentais; Santiago com a presença de instituições culturais de vulto, Alfama pela arquitectura e pelo fado). Mas, será este aspecto suficiente para falarmos numa economia territorial que pode ser potenciada pela actividade criativa? Falamos de uma ambiência cultural inquestionável mas, onde está a inovação? Scott (2000) defende que só quando introduzimos a noção de sistema de produção e o meio envolvente é que estamos de facto aptos a falar de criatividade e inovação na economia da cultura. No caso concreto dos bairros em questão podemos falar em dois tipos de comunidade cultural minimamente organizada: uma comunidade cultural ligada ao fado e outra comunidade ligada ao restauro, ao artesanato urbano e às artes decorativas em geral. No primeiro caso esta comunidade está concentrada nos bairros de Alfama e Sé – nos restaurantes, casas de fado (com uma actividade mais profissional) e com a escola de guitarra existente no Museu do Fado. No caso das artes decorativas, a actividade espalha-se mais por toda a colina tendo-se verificado mesmo um aumento dos estabelecimentos que trabalham nesta área com meios de produção próprios. Muito importante destacar a existência aqui da FRESS, com sede na Freguesia de Santiago mas com uma ligação imediata ao bairro de Alfama e de S. Vicente e também o IAO (Alfama) parte integrante da Fundação, ambos com um papel âncora no ensino, prática e desenvolvimento das actividades oficiais de restauro e das artes

decorativas em todo o território analisado. Podemos ainda conjecturar à volta de uma nova comunidade criativa em torno da Arquitectura que pode estar a surgir e pode ser impulsionada no território de S. Vicente de Fora.

Nem todos os bairros históricos têm de ser inovadores, como afirma a Vereadora da Cultura. E de facto, respondendo à questão inicial: Colina do Castelo, meio inovador? A nossa resposta é que não. O meio continua ainda a ser essencialmente tradicional. Há, no entanto, alguns sinais animadores, que referimos neste estudo e que a par da mudança económica e social e da situação de crise económica podem despoletar novas criatividade e inovação. O bairro, como organismo vivo que é, actualmente está deprimido e precisa curar-se através de uma cura inovadora. Esta analogia dos lugares enquanto organismos vivos preconizada por Charles Landry salienta o papel da criatividade como estímulo ao desenvolvimento dos territórios, a criatividade enquanto cura. Landry apresenta também outra ideia muito ajustada ao nosso estudo em concreto, ao defender que *a criatividade não tem apenas a ver com uma invenção contínua de novidades mas também com um processo de reinvenção do passado, com a capacidade de jogar adequadamente com o antigo*. Que futuro então pode ser pensado para este território em transição? Que soluções para a sua sobrevivência? Para o seu desenvolvimento? Esta ideia de Landry é fundamental na nossa investigação porque estamos na presença de bairros tradicionais, com uma grande carga histórica e onde os principais modos de vida têm a ver ainda com o antigamente. A melhor estratégia é aprender a reinventar a tradição existente, dando-lhe novos contornos e adaptando-a à mudança de frequentadores e de vivências que se vão verificando no território. É preciso dar um passo para o futuro não ignorando o passado. Medidas importantes foram a criação do Museu do Fado, com um papel muito importante na preservação da memória da canção e dos seus mestres, mas, sobretudo, na divulgação do que de novo se faz, dos talentos emergentes e na sedução de novos artistas e novos públicos para esta arte. No caso das Artes Decorativas, seria importante criar maiores condições no espaço para o desenvolvimento desta área artística e comercial. Uma medida importante seria a recuperação de património camarário para exploração por artistas desta área de actividade. Outro passo importante e que foi citado por um dos entrevistados (Ana Martinho, do AR.CO) seria trazer para este território a ESAD – Escola Superior de Artes Decorativas que seria uma medida importante no campo da oferta formativa superior, o que conferiria um desenvolvimento e reconhecimento da área como *cluster* das actividades das artes decorativas por excelência. Estamos a falar de bairros tradicionais, intimistas, de vivências fortes de vizinhança. Bairros onde o contacto pessoal é importante. Na nossa opinião este aspecto tradicional pode e deve ser potenciado e reinventado. Estes novos artistas que desenvolvem actividade no bairro fazem-no muitas vezes em oficinas/ateliers

onde também vendem o seu trabalho. Esta particularidade única: o visitante pode ver o artista/artesão a trabalhar e, em seguida, comprar a sua obra é um aspecto com muito potencial no tipo de território em questão. A par destas medidas estratégicas, cabe, antes de mais, ou em simultâneo, a criação de condições estruturais de vivência do espaço que privilegiem a fixação de uma população mais jovem e também, do usufruto por visitantes externos, como os turistas com uma presença crescente no território. Outro factor de importância determinante no território é a colaboração entre entidades, que vivem de costas voltadas ou na ignorância das actividades aqui promovidas.

Acreditamos que a preservação e simultaneamente o desenvolvimento dos bairros históricos só poderá passar por uma reinvenção da tradição cultural e por uma nova criatividade, aliada a uma estratégia que fixe uma população jovem nos bairros históricos e que privilegie a boa convivência entre a comunidade e o crescimento do turismo nesta área.



## Referências bibliográficas

Benis, Khadija (2011) *Vielas de Alfama – Entre Revitalização e Gentrificação – Impactos da “gentrificação” sobre apropriação do espaço público*. Dissertação de Mestrado em Estudos Urbanos em Regiões Mediterrâneas, Lisboa Faculdade Arquitectura. Universidade Técnica de Lisboa.

Disponível em :<http://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/3659/1/VIELAS-DE-ALFAMA-20110916.1.pdf>

Calado, Maria; Ferreira, Vitor Matias. *Guias Contexto – Lisboa, freguesia de S. Miguel (Alfama)*. Lisboa. Contexto, Editora, Lda. 1992.

Castells, Manuel. *A Sociedade em Rede. A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura Volume I*. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian. 2007

Comunicação da Comissão ao parlamento europeu, ao conselho, ao comité económico e social europeu e ao comité das regiões. Comunicação sobre uma agenda europeia para a cultura num mundo globalizado {sec(2007) 570} (pág. 3)

<http://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=COM:2007:0242:FIN:PT:PDF>

Costa, António Firmino da. *Sociedade de Bairro: Dinâmicas Sociais da Identidade Cultural*. Lisboa. ISCTE. 1999. 629 p.

Costa, Pedro. *Efeitos de meio e desenvolvimento sustentável num bairro cultural : a zona "Bairro Alto - Chiado" : relatório final*. Lisboa. Centro de Investigações Regionais e Urbanas. 2003. 236 p.

Costa, Pedro. *A Cultura em Lisboa – Competitividade e Desenvolvimento Territorial*. Lisboa. Imprensa Ciências Sociais. 2007.

Costa, Pedro *et al* (2006) *on “Creative Cities” governance models: a comparative approach*, Lisboa. Dinâmia – Centro de Estudos sobre a Mudança Socioeconómica. ISCTE-IUL.

Crevoisier, Olivier ( 2003), “A abordagem dos meios inovadores: avanços e perspectivas”, *Interações – Revista Internacional de Des. Local*, IV, 7, pág. 16-17.

Disponível em [http://www3.ucdb.br/mestrados/RevistaInteracoes/N7\\_Olivier.pdf](http://www3.ucdb.br/mestrados/RevistaInteracoes/N7_Olivier.pdf)

*Diagnóstico Social Lisboa*. Março 2009. Segurança Social. Câmara Municipal de Lisboa. Santa Casa da Misericórdia.

Disponível em: <http://habitacao.cm-lisboa.pt/documentos/1245064061D0aCC1bx8ly10DT8.pdf>

Florida, Richard. *Cities and the Creative Class*. New York. Routledge. 2004. 198 p.

Indicadores Urbanos – Censos 2001

Disponível em <http://ulisses.cm-lisboa.pt/data/002/00050/index.php?ml=4&x=censos.xml>

Janeiro, Helena Pinto. *Guias Contexto – Lisboa, freguesia do Castelo*. Lisboa. Contexto, Editora, Lda. 1993.

Landry, Charles. *The Creative City. A Toolkit for Urban Innovators*. London. Sterling, VA. 2000. 300 p.

Lisboa, Câmara Municipal. *Alfama. Caracterização Sociológica da População*. Lisboa. Direcção Municipal de Reabilitação Urbana. 1991.

Lisboa, Câmara Municipal. *Estratégias para a Cultura em Lisboa*. Dinâmia – Centro de Estudos sobre a Mudança Socioeconómica. ISCTE-IUL. 2009

Lourenço, Ana Cristina. *Guias Contexto – Lisboa, freguesia de Santiago*. Lisboa. Contexto, Editora, Lda. 1993.

Lourenço, Ana Cristina; Janeiro, Helena Pinto. *Guias Contexto – Lisboa, freguesia da Sé*. Lisboa. Contexto, Editora, Lda. 1992.

OECD (2005), *Culture and Local Development*, Local Economic and Employment Development (LEED), OECD Publishing. Pages 200. doi: [10.1787/9789264009912-en](https://doi.org/10.1787/9789264009912-en)

Reabilitação urbana – ESTRATÉGIA DE REABILITAÇÃO URBANA DE LISBOA – 2011-2024  
Disponível em: <http://ulisses.cm-lisboa.pt/data/002/004/prospectivos/1/proposta.pdf>

Regulamento do Plano de Urbanização do Núcleo Histórico de Alfama e do Castelo  
Disponível em: <http://ulisses.cm-lisboa.pt/data/002/004/legisla/10.pdf>

Relatório que revê o Plano de Urbanização do Núcleo Histórico de Alfama e do Castelo  
Disponível em: <http://ulisses.cm-lisboa.pt/data/002/004/puistoria/colina/2/relatorio.pdf>

Santagata, Walter. Cultural Districts, Property Rights and Sustainable Economic Growth. *International Journal of Urban and Regional Research*, Volume 26.1, March 2002, pp.9-23.

Scott, Allen J. *The Cultural Economy of Cities: Essays on the Geography of Image-Producing Industries*. London. Sage. 2000. 245 p.

Sugahara, Gustavo (2009), *Cidades Criativas e Envelhecimento populacional*, Dissertação de Mestrado em Economia e Políticas Públicas, Lisboa, ISCTE-IUL.

*The Economy of Culture in Europe*. A study prepared for the European Commission (Directorate General for Education and Culture). October 2006. Kea European Affairs

*The impact of culture on creativity*. A study prepared for the European Commission (Directorate General for Education and Culture). June 2009. Kea European Affairs

Disponível em [http://ec.europa.eu/culture/documents/study\\_impact\\_cult\\_creativity\\_06\\_09.pdf](http://ec.europa.eu/culture/documents/study_impact_cult_creativity_06_09.pdf)

Outras fontes de informação online:

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Gentrifica%C3%A7%C3%A3o>

<http://www.jf-santoestevao.pt/>

<http://www.jf-svicentefora.pt/index.php/turismo/9>

# Anexos

Figura nº 1.1. – Mapa de freguesias em estudo

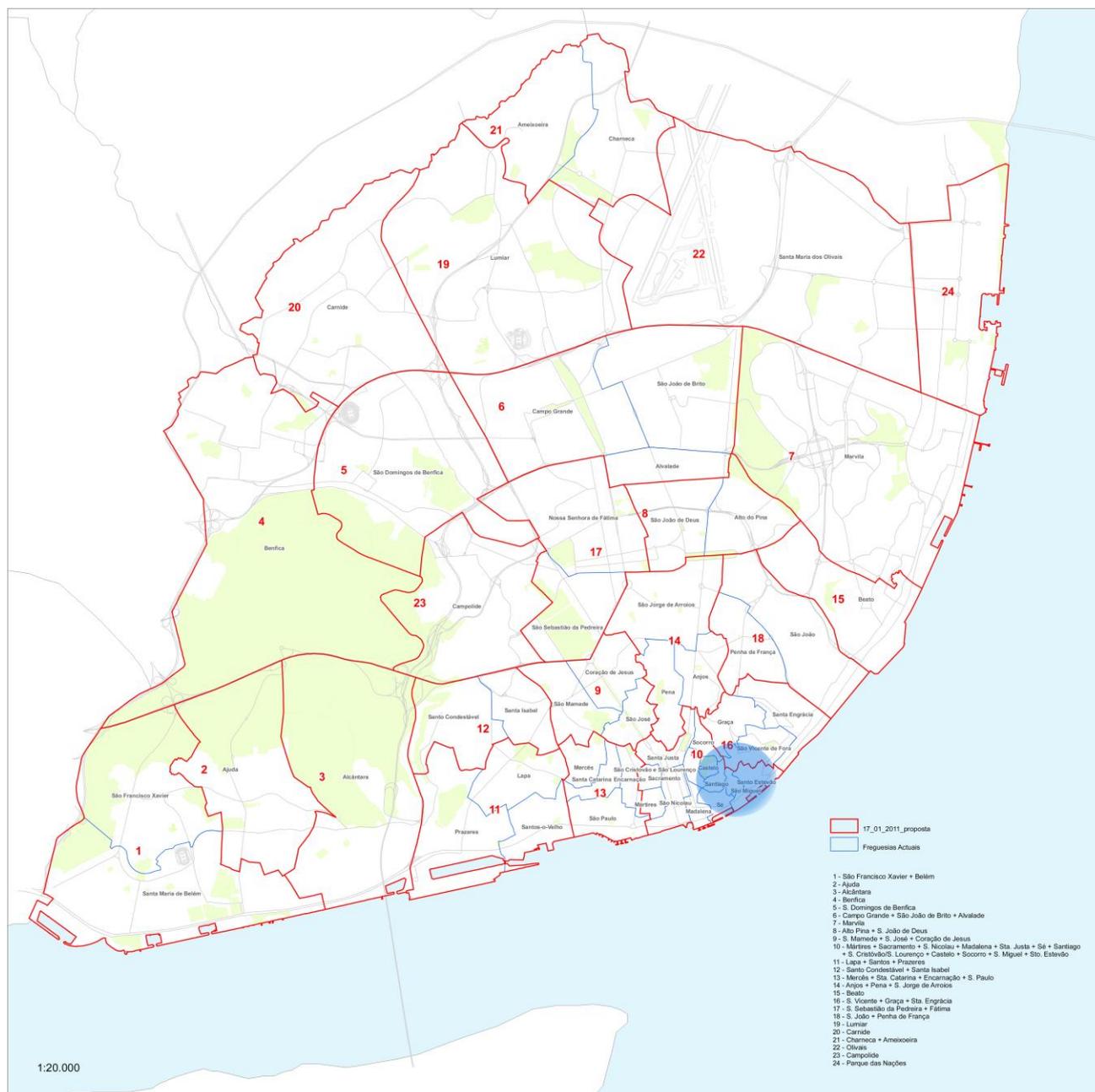


Figura 1.2

Questionário

Caracterização da entidade/artista	
Principais traços descritivos do bairro	
Mudanças no bairro para melhor e pior nos últimos 10 anos	
Porque é que tem actividade neste bairro?	
Principais áreas de actividade económica do bairro	
Principais áreas de actividade a nível cultural/criativo	
Existe uma identidade própria do bairro?	
Esta zona pode ser considerada um bairro cultural?	
Quais as vantagens em desenvolver actividade neste bairro?	
Principais dificuldades/problemas existentes no bairro e que sejam prejudiciais às actividades aí existentes	
Intervenção Pública em relação às actividades criativas e ao bairro em geral	
Factores importantes para um desenvolvimento sustentável das actividades criativas no bairro	
A morfologia do espaço condiciona o tipo de actividade que se desenvolve no bairro?	

Figura nº 1.3 – Fotografias do bairro de Alfama



Figura nº 2.3 – Fotografias do bairro da Sé



Figura nº 3.3 – Fotografias de São Vicente de Fora



Figura nº 4.3. – Fotografias do Castelo



Figura nº 5.3. – Fotografias de Santiago



Figura nº 1.5



Figura 2.5



Figura 3.5



Quadro nº 1.3

**População residente**

	2001	2011	Varição
<b>Santo Estêvão</b>	2047	1511	<b>-26%</b>
<b>São Miguel</b>	1777	1531	<b>-14%</b>
<b>Sé</b>	1160	910	<b>-22%</b>
<b>Castelo</b>	587	355	<b>-43%</b>
<b>Santiago</b>	857	619	<b>-27%</b>
<b>São Vicente de Fora</b>	4267	3539	<b>-17%</b>

Quadro nº 2.3

**Evolução da População na Região de Lisboa**

2005	2006	2007	2011
2.779.097	2.794.226	2.808.414	2.821.699

Quadro nº 3.3

**Freguesias com menos de 1000 habitantes em 2001 e 2011**

	2001	2011	Varição
Castelo	587	355	-40%
Madalena	380	393	3%
Mártires	341	372	9%
Sacramento	880	742	-16%
Santa Justa	700	891	27%
Santiago	857	619	-28%
Sé	1160	910	-22%

Quadro nº 4.3

**Evolução da População por níveis etários 2001**

	0-14 anos	15-24	25-64	65 ou mais
<b>Santo Estêvão</b>	179	250	992	626
<b>São Miguel</b>	207	243	864	463
<b>Sé</b>	81	145	589	345
<b>Castelo</b>	55	64	288	180
<b>Santiago</b>	65	100	421	271
<b>São Vicente de Fora</b>	381	492	2181	1213

Quadro nº 5.3

**Evolução da População por níveis etários 2011**

	0-14 anos	15-24	25-64	65 ou mais
<b>Santo Estêvão</b>	107	130	840	434
<b>São Miguel</b>	132	112	848	439
<b>Sé</b>	100	61	533	216
<b>Castelo</b>	26	27	198	104
<b>Santiago</b>	36	42	325	216
<b>São Vicente de Fora</b>	377	272	1889	1001

Quadro nº 6.3

**Variação da Evolução da População por níveis etários (2001-2011)**

	0-14 anos	15-24	25-64	65 ou mais
<b>Santo Estêvão</b>	-40%	-48%	-15%	-31%
<b>São Miguel</b>	-36%	-54%	-2%	-5%
<b>Sé</b>	23%	-56%	-10%	-37%
<b>Castelo</b>	-53%	-58%	-31%	-42%
<b>Santiago</b>	-45%	-58%	-23%	-20%
<b>São Vicente de Fora</b>	-1%	-45%	-13%	-17%

Quadro nº 7.3

**Evolução da População por níveis de escolaridade 2001**

	Total Pop.	Nenhum	1º ciclo	2º ciclo	3º ciclo	Secund.	Pós-secund.	Superior
<b>Sto Estevão</b>	2047	265	727	192	305	208	9	125
<b>S. Miguel</b>	1777	285	712	200	170	131	6	64
<b>Sé</b>	1160	107	296	112	182	193	11	151
<b>Castelo</b>	587	65	214	54	93	66	2	31
<b>Santiago</b>	857	73	227	86	154	118	13	90
<b>S. V. Fora</b>	4267	472	1364	431	556	549	53	432

Quadro nº 8.3

**Evolução da População por níveis de escolaridade 2011**

	Total Pop.	Nenhum	1º ciclo	2º ciclo	3º ciclo	Secund.	Pós-secund.	Superior
<b>Sto Estevão</b>	1511	233	437	154	208	190	26	263
<b>S. Miguel</b>	1531	279	535	153	210	137	15	202
<b>Sé</b>	910	176	159	92	95	119	12	257
<b>Castelo</b>	355	46	120	40	50	47	5	47
<b>Santiago</b>	619	65	181	55	78	93	19	128
<b>S. V. Fora</b>	3539	572	962	335	508	445	64	653

Quadro nº 9.3

**Varição da Evolução da População por níveis de escolaridade 2001-2011**

	Nenhum	1º ciclo	2º ciclo	3º ciclo	Secundário	Pós-secundário	Superior
<b>Sto Estevão</b>	-12%	-40%	-20%	-32%	-9%	189%	110%
<b>S. Miguel</b>	-2%	-25%	-24%	24%	5%	150%	216%
<b>Sé</b>	64%	-46%	-18%	-48%	-38%	9%	70%
<b>Castelo</b>	-29%	-44%	-26%	-46%	-29%	150%	52%
<b>Santiago</b>	-11%	-20%	-36%	-49%	-21%	46%	42%
<b>S. V. Fora</b>	21%	-29%	-22%	-9%	-19%	21%	51%

Quadro nº 10.3

**População Residente versus População presente 2001-2011**

	2001			2011		
	Residente	Presente	Varição	Residente	Presente	Varição
<b>Sto Estevão</b>	2047	1962	-4%	1511	1398	-7%
<b>S. Miguel</b>	1777	1714	-4%	1531	1534	0,20%
<b>Sé</b>	1160	1161	0,10%	910	913	0,30%
<b>Castelo</b>	587	461	-21%	355	353	-0,60%
<b>Santiago</b>	857	856	-0,10%	619	582	-6%
<b>S. V. Fora</b>	4267	4250	-0,40%	3539	3430	-3%

Quadro nº 11.3

**Número de edifícios e formas de utilização**

2001

	Total	Exclusivamente residencial	Principalmente residencial	Principalmente não residencial
<b>Santo Estevão</b>	358	250	97	11
<b>São Miguel</b>	303	217	78	8
<b>Sé</b>	192	153	33	4
<b>Castelo</b>	114	90	20	3
<b>Santiago</b>	168	110	55	3
<b>S. V. Fora</b>	586	410	154	8

Quadro nº 12.3

**Número de edifícios e formas de utilização**

2011

	Total	Exclusivamente residencial	Principalmente residencial	Principalmente não residencial
<b>Santo Estevão</b>	409	373	32	4
<b>São Miguel</b>	264	167	91	6
<b>Sé</b>	144	57	82	5
<b>Castelo</b>	102	85	17	0
<b>Santiago</b>	113	90	21	2
<b>S. V. Fora</b>	831	719	106	6

Quadro nº 13.3

**Variação da Evolução do Número de Edifícios e Formas de Utilização**

	Total	Exclusivamente residencial	Principalmente residencial	Principalmente não residencial
<b>Santo Estevão</b>	14%	49%	-67%	-64%
<b>São Miguel</b>	-13%	-23%	17%	-25%
<b>Sé</b>	-25%	-63%	148%	25%
<b>Castelo</b>	-11%	-6%	-15%	-100%
<b>Santiago</b>	-33%	-18%	-62%	-33%
<b>S. V. Fora</b>	42%	75%	-31%	-25%

Quadro nº 14.3

**Número de alojamentos e formas de ocupação**

	2001				2011			
	Total	Residência habitual	Residência Secundária	Vago	Total	Residência habitual	Residência Secundária	Vago
<b>S. Estevão</b>	1651	1000	200	447	1571	836	122	607
<b>S. Miguel</b>	1243	807	134	301	1139	859	102	177
<b>Sé</b>	830	515	94	212	871	410	86	366
<b>Castelo</b>	364	269	19	76	349	190	22	136
<b>Santiago</b>	561	373	48	138	559	319	73	164
<b>S. V. Fora</b>	2889	1981	206	695	2650	1781	368	495

Quadro nº 15.3

**Varição da Evolução do Número de Alojamentos e Formas de Utilização**

	Total	Residência habitual	Residência Secundária	Vago
<b>S. Estevão</b>	-5%	-16%	-39%	36%
<b>S. Miguel</b>	-8%	7%	-24%	-41%
<b>Sé</b>	5%	-20%	-9%	73%
<b>Castelo</b>	-4%	-29%	16%	79%
<b>Santiago</b>	-0,40%	-14%	52%	19%
<b>S. V. Fora</b>	-8%	-10%	79%	-29%

## Entrevistas

Quadro I – Listagem dos Agentes entrevistados/inquiridos

<b>Entidade</b>	<b>Pessoa Inquirida</b>	<b>Função</b>
EGEAC	Pedro Moreira	Administrador
Unid. Inter. Centro Histórico de Alfama	Dr. Rui Matos	Historiador
Junta de Freguesia de Santo Estevão	Lurdes Pinheiro	Presidente
Junta de Freguesia do Castelo	Carlos Lima	Presidente
Castelo S. Jorge	Teresa Oliveira	Directora
Ateliers de S. Vicente	Pedro Mariguesa	Arquitecto
Olaria	Tiago Praça	Oleiro
Atelier “As Coisas do Alberto”	Alberto Gourgel	artista
Onda Jazz	Corrine	-
Palácio Belmonte	Frédéric Coustols	Coleccionador de Paisagens
Zazou	Mónica Gonçalves	-
IAO	Eng <sup>a</sup> Alda Abreu	Directora Instituto
As Marias com Chocolate	M <sup>a</sup> do carmo	Chefe Cozinha
Galeria Artícula	Teresa Milheiro	Artista/joalheira
Casa de Linhares/Bacalhau de Molho	Dr. Pedro Guerra	Economista
Alfama Hostel	João Teixeira	Gestor
Quiosque Clara Clara	António Pedro	Arquitecto
FRESS	Dr <sup>a</sup> Conceição Amaral	Directora
Junta de Freguesia da Sé	João Martins	Tesoureiro
Livraria	Eduardo Martinho	Alfarrabista – Feira da Ladra
ISPA	Miguel Tecedeiro	Professor
Junta de Freguesia de S. Vicente de Fora	Vitor Agostinho	Presidente
Restaurante Alfândega	Ana Malta	Gestora
Caulino	Sofia Magalhães	Sócia-Gerente
Centro Artes Culinárias	Rosário Saraiva	Coordenadora
Sardina	Filomena Carmo Pinto	Artista e dona de loja
Atelier de Cerâmica	Anabela Cardoso	Artista e dona de loja
Amasso	Sara Guerreiro	Artista ceramista

Galeria Perve	Carlos Cabral Nunes	Gestor/curador
Amores de Tóquio	Isabel Tomás	Artista e dona de loja
Atelier	Teresa Pavão	Artista e dona de loja
Atelier de Cerâmica	Ricardo Casimiro	Artista e dono de loja
Talho – re-design/Open Studio	Frederico	Designer
Museu do Fado	Sofia Bicho	-
Azulejos e Faianças de S. Vicente	Cristina Pina	Artista e dona de loja
AR.CO	Ana Martinho	Directora Pedagógica
Bacalhoeiro	Pedro Fidalgo	Gerente
Atelier s. Vicente	Chloé	Marcenaria
Lisbon Walker	José Antunes	-
ATLA	Isabel Cordeiro	Dir. Pedagógica
Lusitano Clube	Sr. Germano	Presidente
Clube Adicense	Virgílio Teixeira	-
Voz do Operário	Vitor Hugo Silva	Chefe de Serviços Sociais
Bar Portas do Sol	Miguel Cristo	Sócio-gerente
Clube Tejolense	Carlos Pereira	sócio
Edit	Daniel Devera	Dir. Pedagógico
Cyan	Maria	Artista/joalheira
Porta 16	Rita Martins	Artista/ceramista
Nélson Albuquerque – Restaurador Arte Sacra	Nélson Albuquerque	Restaurador
Atelier de Costura	Carmo Boucinha	Costureira
Restaurante Duetos da Sé	Carlos Lala	Gestor
Teatro da Garagem	Maria João Vicente	Produção
Chapitô	Teresa Ricou	Presidente
Trienal Arquitectura	Arq. Manuel Henriques	Presidente
Sé	Cónego Dr. Manuel Lourenço	Antigo Pior Sé
Vereação Cultura CML	Drª Catarina Vaz Pinto	Vereadora

## QUADROS FINAIS ENTREVISTAS

1

**Pedro Moreira – EGEAC, Castelo/Santiago**

Empresa Municipal da CML para gestão dos equipamentos culturais e gestão dos principais eventos da cidade a nível cultural – festas da cidade, dia mundial da música, carnaval, natal, etc). Fazemos também consultoria para organização de eventos em espaço público. EGEAC está obrigada a apresentar resultados e a ter viabilidade financeira. Os seus resultados são conseguidos através do orçamento da CML e de financiamento próprio através de bilheteiras/ entradas e patrocínios. Decorrente da sua actividade a EGEAC tem um relacionamento privilegiado com os promotores da cidade. Estão a surgir novas associações ou a reposição de antigas como “Renovar a Mouraria”.

Principais traços descritivos do bairro	Castelo/Santiago
Mudanças no bairro para melhor e pior nos últimos 5-10 anos	<p>Envelhecimento da População. Nos últimos anos está-se a notar a vinda de alguns jovens com mais posses. Estão a surgir novas associações ou a reposição de antigas como “Renovar a Mouraria”. Está a abrir mais comércio para jovens também. Esta iniciativa passa por desafios e/ou iniciativa própria. Associações, Colectividades e grupos locais procuram pelos seus próprios meios criar e estimular condições de dinamização dos espaços inerentes à zona/Bairro do Castelo.</p> <p>A CML tem paralelamente procurado conceder alguns meios para que essa dinâmica seja mais acentuada. Decorrente da realização do orçamento participativo os municípios, organizações e demais organismos podem apresentar os seus projectos e caso tenham aprovação poderão desta forma dispor de orçamento para a execução dos mesmos. Por outro lado têm também auferido de alguns suportes de promoção e divulgação de actividades.</p>
Porque é que tem actividade neste bairro?	A sede da EGEAC está aqui desde 2003. O espaço é da CML, estava disponível e fazia sentido estarmos perto dos bairros históricos.
Principais áreas de actividade económica do bairro	Fica muito marcado pelas instituições que cá estão- teatro alternativo, circo, actividades teatrais de rua, fado, marcha do castelo, o próprio castelo de S. Jorge
Principais áreas de actividade a nível cultural/criativo	Teatro alternativo, circo, actividades teatrais de rua, fado, marcha do castelo, o próprio castelo de S. Jorge
Existe uma identidade própria do bairro?	Penso que sim. Vemos isso sobretudo quando desenvolvemos os projectos das marchas populares.
Esta zona pode ser considerada um bairro cultural?	Sim. Acho que o é porque consegue aliar a componente cultural com uma componente turística (faz parte de uma rota/oferta de turismo cultural). O turismo passou inclusivamente a ser visto com bons olhos pelos habitantes.
Quais as vantagens em desenvolver actividade neste bairro	Neste momento sim, sobretudo pela proximidade física

	com o próprio executivo camarário (Paços Concelho). Por outro lado estamos numa zona de fácil acesso para as entidades que promovemos o que facilita o relacionamento. Permite também um melhor entendimento do local e das necessidades que existem.
Principais dificuldades/problemas existentes no bairro e que sejam prejudiciais às actividades aí existentes	Acessos. Transporte de mercadorias é complicado.
Intervenção Pública em relação às actividades criativas e ao bairro em geral	Existe apoio à criatividade. O maior problema é dar visibilidade aos vários projectos. Trabalhar sinalética, por exemplo, requer envolvimento de vários serviços (CML, toponímia...). Também há sobrecarga de sinalética, existem acordos com entidades gestoras de imóveis urbanos o que dificulta a colocação desses mesmos suportes de sinalização.
Factores importantes para um desenvolvimento sustentável das actividades criativas no bairro	A questão fulcral é que as pessoas têm que pensar em desenvolver projectos que envolvam a comunidade local a médio/longo prazo. Têm de criar hábito – calendário. Pensar algo estruturado. A questão do empreendedorismo é vital.
A morfologia do espaço condiciona o tipo de actividade que se desenvolve no bairro?	Sim, para o bem e para o mal. A questão da realização de um evento em espaço público requer que se pense muito bem. O bom programador tem de estar em constante diálogo com o espaço e usar de bom senso. Para o evento encaixar no espaço. Permite também a realização de eventos muito engraçados: nos recantos destas ruelas.

2

**Dr. Rui Matos – Historiador – Unidade Intervenção Centro Histórico da Baixa – CML, Alfama**

Principais traços descritivos do bairro	Alfama. Há uma realidade histórica e urbana. Temos Alfama (santo Estevão e São Miguel) que é um núcleo mais medievalizante e mais antigo em termos de malha urbana. Depois temos a Sé, uma continuação da baixa pombalina a nível de construção, onde as casas têm uma dimensão maior. Depois temos o Castelo que tem uma malha medievalizante mas como é fechado é um território muito particular. A população é mais fechada. Misto entre Sto Estevão/São Miguel e S. Vicente com grandes casarões pombalinos. Em São Vicente e Santiago temos uma população mais de classe média e alta.
Mudanças no bairro para melhor e pior nos últimos 5-10 anos	Tem havido uma transformação do território que não se reflecte a nível social. Nunca houve um investimento forte e concertado na reabilitação urbana. As obras arrastaram-se ao longo dos tempos. Nunca houve grande gentrificação. Talvez algum movimento urbanizante nos últimos anos (R. dos Remédios) em que se apercebe uma apetência maior de aproximação a um Bairro Alto mas não há um novo tipo de

	<p>população. Na Sé sempre existiu uma parte da população com um estrato social mais elevado.</p> <p>Verifica-se uma perda de população, mas que é um traço geral da cidade de Lisboa. Há uma melhoria muito significativa a nível das condições de habitabilidade.</p> <p>Com os grandes eventos culturais como a Expo 98 ou o Euro 2004 para citar 2 exemplos, Lisboa abriu-se ao turismo internacional e Alfama entrou automaticamente nesse movimento. O movimento imobiliário sofreu aqui um grande <i>boom</i> normalmente feito às custas do desaparecimento da população original. Os descendentes da população idosa estão também a sair para a periferia (de qualquer maneira muitas crianças frequentam aqui creches e escolas por estarem perto dos avós). Muitas pessoas mais velhas foram aliciadas a sair mais cedo para as terras em troca de dinheiro. Há um novo tipo de habitante que vem à procura da essência da cidade. Estrangeiros sobretudo.</p>
Porque é que tem actividade neste bairro?	-
Principais áreas de actividade económica do bairro	Comércio. Ligação grande ao turismo – restaurantes, bares, hostels, ateliers de cerâmica. Espaços diferenciados em relação ao que havia há 2 anos atrás.
Principais áreas de actividade a nível cultural/criativo	Marchas populares (mais tradicional), Chapatô, Perve – Galeria de Arte, Artesanato Urbano.
Existe um identidade própria do bairro?	Sim, fortíssima. Alfama é um estado de espírito. Uma rede de solidariedade social. Tem a ver com a população. A malha urbana exponencia isso. É uma realidade que surge no Séc. XIX/XX. Muita gente oriunda da Pampilhosa da Serra e de Ovar (o-varinas).
Esta zona pode ser considerada um bairro cultural?	Sim. A nível patrimonial. E tem muita apetência para o ser no sentido actual do termo. Existe património – Fado, Fundação Ricardo Espírito Santo Silva. Tem o espaço ideal para ser um bairro cultural. Há muitos espaços camarários que poderiam dar lugar a centros de arte criativa – Ex. Convento do Salvador; Antigas Oficinas de Fardamento do Exército).
Quais as vantagens em desenvolver actividade neste bairro	-
Principais dificuldades/problemas existentes no bairro e que sejam prejudiciais às actividades aí existentes	A principal dificuldade é a capacidade de gestão e de implementação. Não há uma ideia de cidade conjunta e pensada.
Intervenção Pública em relação às actividades criativas e ao bairro em geral	-
Factores importantes para um desenvolvimento sustentável das actividades criativas no bairro	Cedência de espaços da CML. Passagem para o sector privado com fiscalização da CML (no sentido da preservação do património).
A morfologia do espaço condiciona o tipo de actividade que se desenvolve no bairro?	Não, o que condiciona é a qualidade do espaço urbano.

Lurdes Pinheiro – **Presidente Junta de Freguesia de Santo Estevão, Alfama**

A Junta de Freguesia de Santo Estevão intervém em várias vertentes. Como tem tido inúmeros cortes orçamentais, este fazem-se sentir mais em certas actividades. O ênfase tem sido posto na acção social. De qualquer maneira apostamos também no estímulo cultural à comunidade através de actividades como os Fados no Lavadouro, o Folclore com as casas regionais, as exposições no nosso salão, etc. A CML realiza actividades culturais mais no âmbito de uma cultura de elite. O trabalho com as comunidades em concreto é assegurado pelas Juntas de Freguesia.

Principais traços descritivos do bairro	Alfama. Bairro histórico. Popular, um dos mais antigos da cidade de Lisboa.
Mudanças no bairro para melhor e pior nos últimos 5-10 anos	Um bairro com tendência para se descaracterizar, com falta de apoios. As pessoas mais antigas foram-se embora. Temos muitos idosos. Apesar disso o bairro não deixou de ser o Bairro de Alfama mas a vivência popular perde-se. As pessoas que vêm actualmente viver para o bairro têm outra capacidade financeira e outra educação (muitas vezes ligados às artes e cultura). A reabilitação está atrasada. Pratica-se muito o aluguer de casas a turistas. É um bairro caro para as pessoas viverem e com vários condicionamentos.
Porque é que tem actividade neste bairro?	–
Principais áreas de actividade económica do bairro	Restauração. A maior parte das actividades são periódicas. Pontuais. Neste momento estamos a trabalhar para a marcha de alfama e para as festas da Cidade.
Principais áreas de actividade a nível cultural/criativo	Fado. Festas populares em Junho. Em Setembro há festival folclore.
Existe um identidade própria do bairro?	Sim. Alfama tem uma identidade própria desde sempre e é visitada por milhares de turistas durante todo o ano.
Esta zona pode ser considerada um bairro cultural?	Sim. Tem identidade. História. Pessoas
Quais as vantagens em desenvolver actividade neste bairro	A proximidade com a Comunidade. O conhecer toda a gente pelo nome próprio
Principais dificuldades/problemas existentes no bairro e que sejam prejudiciais às actividades aí existentes	Falta de apoios. População muito idosa. Conseguir dar-lhes melhores condições de vida. Falta de reabilitação. Acompanhamento aos idosos (realojamentos). Acessibilidades. Condicionamento do trânsito.
Intervenção Pública em relação às actividades criativas e ao bairro em geral	Falta de intervenção por parte da CML. Devia haver uma política de recuperação dos bairros históricos para proteger a sua cultura e identidade. Falta de política cultural e de apoio à reabilitação do bairro.
Factores importantes para um desenvolvimento sustentável das actividades criativas no bairro	Investir na reabilitação urbana, no turismo, dinamizar a vertente cultural.

A morfologia do espaço condiciona o tipo de actividade que se desenvolve no bairro?	Acho que não.
---	---------------

4

**Carlos Lima – Presidente da Junta de Freguesia do Castelo, Castelo**

Carlos Lima é Presidente há 11 anos pela coligação do PCP/CDU. A Junta de Freguesia do Castelo não chega aos 400 eleitores. Nascido no Castelo de S. Jorge está agora a meio do seu terceiro mandato. Existem várias actividades para a população: desportivas/recreativas para idosos e jovens até 9º ano. Há um médico 2 vezes por semana e cuidados de enfermaria. Existe a Escola Primária do Castelo com 170 crianças (acumula as crianças da Freguesia de Santiago).

Principais traços descritivos do bairro	É uma aldeia dentro da cidade. Um bairro pequeno. No dia-a-dia tem poucas pessoas. É um bairro de pessoas idosas. É o melhor miradouro de Lisboa. O mais abrangente.
Mudanças no bairro para melhor e pior nos últimos 5-10 anos	O tecido social alterou-se. Enquanto fui criança e jovem a viver aqui o Castelo era uma família. Ainda hoje é uma aldeia dentro da cidade mas naquela altura, há uns 15 anos atrás, funcionava mesmo como uma família. (nos santos populares todos ofereciam sardinhas) As festas populares eram organizadas pelo Grupo Desportivo do castelo, que hoje apenas organiza a marcha do Castelo. Foi um Clube que rivalizou com Benfica e Sporting no Futsal. Hoje em dia a população encontra-se pouco. A população está mais envelhecida. Vêm alguns jovens morar para cá mas os preços praticados são exorbitantes. São quase sempre moradores de curta duração/transitáveis. Estrangeiros também. Uma faceta actual do bairro é o aluguer de casas a estrangeiros. O nro de eleitores está a decrescer. As dificuldades de acesso e estacionamento também não prendem as pessoas. O castelo era um jardim grande e bonito e hoje já não é. Os miradouros em Lisboa não são pagos e este é. Devia haver mais regimes de excepção. Pequeno comércio tem vindo a fechar.
Porque é que tem actividade neste bairro?	-
Principais áreas de actividade económica do bairro	Artesanato. Turismo. Pequeno comércio – tabernas e mercearias (apesar de muito mais reduzidas actualmente). Cafés. Pousada do Castelo.
Principais áreas de actividade a nível cultural/criativo	O Castelo de S- Jorge tem inúmeros eventos ao longo do ano. A população participa
Existe um identidade própria do bairro?	Sim. Ainda existe. Castelo é diferente da Mouraria e de Alfama. São coisas distintas.
Esta zona pode ser considerada um bairro cultural?	Sim. Aqui nasceu Lisboa. Devia mostrar-se o que foi a história da nossa cidade
Quais as vantagens em desenvolver actividade neste bairro	-

Principais dificuldades/problemas existentes no bairro e que sejam prejudiciais às actividades aí existentes	As dificuldades de acesso e estacionamento também não prendem as pessoas. A bilheteira está sempre cheia de gente. Os acessos de mercadorias são muito difíceis.
Intervenção Pública em relação às actividades criativas e ao bairro em geral	A resolução de problemas demora demasiado tempo, tais como a não conclusão do projecto integrado de reabilitação do castelo, a repavimentação e o tratamento dos espaços verdes.
Factores importantes para um desenvolvimento sustentável das actividades criativas no bairro	Conclusão da reabilitação, pavimentação das ruas da freguesia. Melhoramento do funcionamento das bilheteiras de acesso ao Castelo, estacionamento.
A morfologia do espaço condiciona o tipo de actividade que se desenvolve no bairro?	Sim.

5

**Teresa Oliveira – Castelo de S. Jorge, Castelo**

Monumento nacional mais visitado do país. Está aberto 7 dias por semana. Pode-se desfrutar da vista, do jardim, do núcleo museológico e arqueológico. Era um bairro islâmico onde ainda existem vestígios do palácio de Santiago (última residência a existir ali). Existe o periscópio que permite uma visão de 360° à volta do castelo. Temos actividades lúdico-pedagógicas para escolas e outros eventos como as festas do fado. Embora seja o monumento mais visitado do país, mais de 80% são estrangeiros. Para tentar dinamizar o monumento junto do público nacional tentámos lançar programas com um carácter mais pedagógico, como os Domingos em família.

Principais traços descritivos do bairro	Castelo. O bairro tem uma população envelhecida mas em mudança. É uma população revoltada com as obras que aqui houve e que não lida muito bem com o facto de terem aqui o maior monumento do país.
Mudanças no bairro para melhor e pior nos últimos 5-10 anos	A população não é muita mas tem o seu comércio local que ganha com as visitas turísticas. Inclusivamente acho que tem havido um aumento do comércio. A reabilitação do castelo desenrola-se há muito tempo mas está a terminar. Há poucos jovens.
Porque é que tem actividade neste bairro?	–
Principais áreas de actividade económica do bairro	Comércio – lojas, cafés, artesanato
Principais áreas de actividade a nível cultural/criativo	O castelo de S. Jorge. À parte disso temos o Clube Desportivo do castelo que organiza a marcha.
Existe um identidade própria do bairro?	O bairro podia ter uma ligação muito maior ao monumento que lhe dá nome. Por várias razões criou-se um fosso entre o castelo e os seus moradores. Devíamos estar mais de mão dada. A identidade tem a ver com o monumento e com quem cá vive.
Esta zona pode ser considerada um bairro cultural?	Sim. Por causa do monumento nacional.
Quais as vantagens em desenvolver actividade neste bairro	Monumento mais visitado do país

Principais dificuldades/problemas existentes no bairro e que sejam prejudiciais às actividades aí existentes	O facto de estarmos dentro da freguesia condiciona o tipo de actividade. É mais difícil fazer eventos durante a noite, que façam ruído. O condicionamento do trânsito devia ser maior por causa dos turistas. Há carros a mais. Devia haver um parque de estacionamento.
Intervenção Pública em relação às actividades criativas e ao bairro em geral	Tem melhorado mas podia ser melhor. A logística não funciona bem (EMEL) em termos de fornecedores para cargas e descargas.
Factores importantes para um desenvolvimento sustentável das actividades criativas no bairro	Questões de Segurança, de disciplina do trânsito, dos carteiristas, funcionamento dos horários de cargas e descargas do monumento. A sinalética deveria ser melhorada.
A morfologia do espaço condiciona o tipo de actividade que se desenvolve no bairro?	Sim. Os custos são muito mais elevados para se poderem fazer eventos nesta zona. Há também a questão dos acessos e dos horários. Sendo a maioria do público estrangeiros o comércio também tem de se adaptar a isso.

6

**Pedro Mariguesa – Arquitecto – Dinamizador dos novos Ateliers de S. Vicente, S. Vicente de Fora**

Dedica-se à arquitectura e à Renovação/Reabilitação urbana. Os ateliers de S. Vicente são provisórios. Antes integrou outros ateliers num espírito de cooperativa (funcionavam ou em conjunto ou individualmente) Alugámos primeiramente uns edifícios na baixa com o mesmo espírito cooperativo e provisório. Ficámos lá durante 3 anos mas depois os donos quiseram vender o prédio. Há um ano atrás adquirei este prédio com a sociedade de que faço parte e dedicámos este andar a um conjunto de 5 ateliers de arquitectura/design/artistas plásticos e urbanistas.

Principais traços descritivos do bairro	São Vicente é um bairro entalado entre a Graça, pouca cuidada e envelhecida, e Alfama, uma bairro popular mas cansativo em termos dos acesso e da população. Sentimo-nos numa aldeia.
Mudanças no bairro para melhor e pior nos últimos 5-10 anos	Há um número de carros crescente que se tem vindo a instalar. Há um novo olhar para o bairro da Graça que começa a ter mais dinâmica. Nota-se que há mais jovens. Esta é uma zona apalaçada e aqui mantém-se uma população constante d e classe média/média-alta. Em S. Vicente nota-se algum crescimento ligado à Feira da Ladra e à Trienal de Arquitectura que se veio instalar no campo de Sta Clara.
Porque é que tem actividade neste bairro?	Foi uma oportunidade. É um sítio tranquilo onde se consegue relaxar num sítio tranquilo à hora de almoço por exemplo.
Principais áreas de actividade económica do bairro	É um bairro de fronteira, quase um bairro dormitório. É também um bairro monumental. Tem a feira da Ladra. Há restauradores e alfarrabistas. As pessoas estão bastante ligadas à Igreja. Na rua há muitos armazéns de vendedores da feira (que estão fechados) Há uma dinâmica de calma em S. Vicente, à procura de uma diferença, de um lugar mais íntimo.

Principais áreas de actividade a nível cultural/criativo	Destacaria o Santo António e a actividade da Voz do Operário que está sempre a promover eventos – concertos, debates políticos. É claramente central na promoção cultural. E há a feira da ladra.
Existe um identidade própria do bairro?	Sim. É um bairro com uma calma muito própria. Quase eclesiástica. É uma linha entre a Graça e Alfama, por oposição a estes dois pólos.
Esta zona pode ser considerada um bairro cultural?	Sim, mas apenas a nível patrimonial. Mas tem muito potencial.
Quais as vantagens em desenvolver actividade neste bairro	A calma e inspiração. De resto é um trabalho que poderia ser feito noutra lado. É essencialmente de escritório.
Principais dificuldades/problemas existentes no bairro e que sejam prejudiciais às actividades aí existentes	Estacionamento dos carros. Não há cuidado a gerir o espaço público.
Intervenção Pública em relação às actividades criativas e ao bairro em geral	Não há intervenção. Excepto no mercado de Santa Clara e no jardim e agora com a sede da Trienal de arquitectura aqui.
Factores importantes para um desenvolvimento sustentável das actividades criativas no bairro	Melhorar o estacionamento. Regular melhor o espaço do mercado. É um “no mans land”. Deveria haver novas políticas na cidade no que toca a reabilitação urbana
A morfologia do espaço condiciona o tipo de actividade que se desenvolve no bairro?	Sim. Por um lado é uma zona muito tranquila e com acessos difíceis. Por outro, é uma zona que inspira, dada à criação.

7

**Tiago Praça – OLEIRO, Rua do Salvador, Alfama**

Olaria e Cerâmica. Desde 1994 que trabalha como oleiro. Faço peças para todos os ateliers de cerâmica. Não há outro oleiro na cidade e como há várias lojas cerâmicas, acabo por abastecer várias oficinas na zona.

Principais traços descritivos do bairro	Para mim isto é Alfama, apesar de ser S. Vicente no limite. Há uma proximidade grande das pessoas para o bem e para o mal. As pessoas sabem da vida umas das outras. É um bairro muito bairrista. Há uma população envelhecida.
Mudanças no bairro para melhor e pior nos últimos 5-10 anos	Novos habitantes estrangeiros. Muita gente a ganhar dinheiro a alugar casas. Há gente nova e gente de fora. Novos emigrantes pobres, holandeses e alemães nos seus 35-40 anos. Mas também noto novos habitantes que vêm para aqui. Estão a abrir muitas lojas de artesanato com conceitos novos. Há 15 anos não se viam tantos turistas. Há autocarros cheios, cruzeiros. O eléctrico 28 tem um impacto gigante. Há mais assaltos também.
Porque é que tem actividade neste bairro?	Instalado aqui há ano e meio. Estava instalado na Doca Pesca mas fechou. Como tinha aqui alguns clientes e este atelier vagou e tinha uma renda em conta vim para aqui. Além de que aqui posso fazer venda directa.

Principais áreas de actividade económica do bairro	Turismo. Cafés. Restauração. Alugueres de casa, lojas de artesanato e novo artesanato (tecnocraft)
Principais áreas de actividade a nível cultural/criativo	Azulejos, cerâmica, a sardinha, artesanato, pintura e os antiquários. Feira da ladra.
Existe um identidade própria do bairro?	Sim. De alfama e que está concentrada nas celebrações dos Santos Populares.
Esta zona pode ser considerada um bairro cultural?	Talvez não. Creio que é um bairro popular de pessoas e pequenos negócios.
Quais as vantagens em desenvolver actividade neste bairro	A cerâmica aqui é uma área forte, tenho vários clientes na zona (tenho encomendas de outras oficinas) e posso vender ao público. Há muitos turistas também.
Principais dificuldades/problemas existentes no bairro e que sejam prejudiciais às actividades aí existentes	A maior dificuldade é a do estacionamento e do aumento do preço dos transportes (eléctrico 28). Conservação dos edifícios e a degradação dos acessos. O sistema de lixo também não funciona muito bem e faltam multibancos no bairro. As cargas e descargas são muito difíceis.
Intervenção Pública em relação às actividades criativas e ao bairro em geral	Noto uma tentativa de melhorar as coisas. Manter as coisas limpas.
Factores importantes para um desenvolvimento sustentável das actividades criativas no bairro	Melhorar a limpeza. Manutenção dos edifícios, multibancos, licenças, burocracias, facilitar as esplanadas. Melhorar infraestruturas.
A morfologia do espaço condiciona o tipo de actividade que se desenvolve no bairro?	Sim. Potencia as actividades típicas, os ateliers. E as rendas são baixas...

8

**Alberto Gourgel – Atelier “As coisas do Alberto”, Rua do Salvador, Alfama**

Dedica-se ao restauro e transformação de objectos antigos. Começou a vender na Feira da Ladra há 10 anos (antes dedicava-se à Publicidade, Cinema, Encenação). Sempre teve um fetiche por malas. (em criança estávamos sempre em mudança). Comecei a comprar malas antigas com as etiquetas dos hotéis. (caixeiros-viajante). A ideia de lhes colar revistas veio por acaso. O meu trabalho ganhou relevância quando comecei a trabalhar na Vida Portuguesa. (eram dos produtos mais vendidos). Também tive malas à venda em edições comemorativas da República e dos amores de Pedro e Inês. Fui a 2ª pessoa a instalar-me aqui (a Glória – costureira, foi a primeira há 5 ou 6 anos). Estou satisfeito com este espaço!

Principais traços descritivos do bairro	S.Vicente/Alfama. Digo normalmente que estou perto do Castelo.é o típico bairro. Faz-me lembrar o bairro alto que conheci. As pessoas conhecem-se todas e andam sempre às turras. Quando vem uma ameaça de fora, unem-se todas! Uma coisa que se nota é que quem preserva este espírito típico são os mais velhos. A malta nova não quer saber. Esta zona vai ser a última a ser intervencionada. (requalificação começa na Madragoa, Bairro Alto, alfama e castelo). Talvez por isso ofereça condições mais vantajosas: rendas mais baratas. Aqui podemos fazer tudo de novo sem cometer os mesmos erros.
---	--

Mudanças no bairro para melhor e pior nos últimos 5-10 anos	Os ateliers criativos aqui são algo muito recente. A criatividade está na moda e os bancos emprestam dinheiro a esse tipo de projectos. Continua a ser um bairro muito popular e familiar. E as pessoas vão-nos aceitando. Esta rua tem um ambiente único e era uma das ruas mais movimentadas da cidade.
Porque é que tem actividade neste bairro?	Estou aqui há quase 2 anos. Foi uma coincidência. Tinha outro atelier em Santa Clara mas era um primeiro andar (estava sozinho, não tinha retorno nenhum). Comecei a ver coisas na baixa mas eram muito caras. Depois descobri este espaço que estava decrépito na altura e era muito escuro. Há coisa de um mês fiz obras e agora sim está perto do que idealizei.
Principais áreas de actividade económica do bairro	Actividades tradicionais: bares, cafés e uma nova tendência de ateliers e de outros comes e bebes mais elaborados (“fora de modas”).
Principais áreas de actividade a nível cultural/criativo	Fado. Ateliers de cerâmica,
Existe um identidade própria do bairro?	Não sei. Acho que a identidade do bairro vem das pessoas que aqui habitam.
Esta zona pode ser considerada um bairro cultural?	Sim. Há alguma actividade criativa.
Quais as vantagens em desenvolver actividade neste bairro	Rendas baixas. Venda directa ao público. Rua suficientemente agitada mas tranquila ao mesmo tempo. Potencial turístico do local, perto Castelo e do Campo de Santa Clara.
Principais dificuldades/problemas existentes no bairro e que sejam prejudiciais às actividades aí existentes	Não há sinalização. Falta de divulgação. Aqui há uma população muito envelhecida e a CML e as Juntas preocupam-se sobretudo com eles e com a acção social. No entanto, há por exemplo miúdos que não vão à escola.
Intervenção Pública em relação às actividades criativas e ao bairro em geral	Desde que os carros foram proibidos em Alfama a qualidade do ar melhorou.
Factores importantes para um desenvolvimento sustentável das actividades criativas no bairro	Uma ideia seria criar uma cooperativa/associação para andarmos a circular e a mostrar a nossa actividade. Devia haver uma cooperação entre antigos e novos. (a nível das associações). Que se comunicasse mais. Que nós que viémos de fora conseguíssemos usar uma linguagem o mais acessível possível para estas pessoas e que através dela os mais velhos pudessem baixar a guarda.
A morfologia do espaço condiciona o tipo de actividade que se desenvolve no bairro?	Não. Qualquer actividade pode desenvolver-se aqui. ... mas o tipo de ateliers tem sem dúvida a ver com o local.

O OndaJazz é um projecto meu do meu irmão e do meu marido. Somos todos franceses. E nasceu de um sonho. O meu irmão é músico de Jazz . É um projecto de música Jazz onde se privilegia a qualidade musical. O Jazz é o pilar principal mas há variações. Música aberta a todos. Jazz e músicas do mundo. Queremos fazer com que pessoas que não conhecem passem a gostar do género. Todos os dias temos música ao vivo com músicos portugueses e estrangeiros. Estamos aqui há 8 anos.

Principais traços descritivos do bairro	É uma aldeia. Não tem nada a ver com o resto de Lisboa. É um bairro de fado mas onde há espaço para todos.
Mudanças no bairro para melhor e pior nos últimos 5-10 anos	Abriram mais espaços interessantes. Há muito comércio que abre e fecha. O comércio tradicional está a acabar (talhos, padarias) Muitas lojas para turistas. Os paquistaneses estão a tomar conta das lojas de souvenirs e mercearias. Esta zona em concreto está mais desenvolvida (são João da Praça). Há turistas e estrangeiros a comprar casa aqui.
Porque é que tem actividade neste bairro?	Não foi intencional vir para aqui. Sabíamos que tínhamos de achar um lugar com encanto e encontrámos este espaço por acaso. Ficámos agarrados a Alfama porque é um ponto de encontro de culturas. E isso tem a ver connosco.
Principais áreas de actividade económica do bairro	Restaurantes, pequeno comércio em parte muito decadente e ligado ao turismo e aos souvenirs (paquistaneses)
Principais áreas de actividade a nível cultural/criativo	A Associação Alfama-te. Lojas de turismo mais inovadoras. Altura dos Santos Populares. Nessa altura há mais movimentos criativos.
Existe uma identidade própria do bairro?	Sim, pelas pessoas, pelos costumes que se mantiveram. As ruas estreitas e o contacto permanente entre as pessoas. Não parece a capital.
Esta zona pode ser considerada um bairro cultural?	Não.
Quais as vantagens em desenvolver actividade neste bairro	Pensámos no Bairro Alto antes mas cremos que ali o OndaJazz não funcionaria tão bem. Perderia identidade. Quem vem cá vem de propósito e acaba por se criar um ambiente próprio. Comercialmente podia ser mais interessante mas acabava por perder identidade.
Principais dificuldades/problemas existentes no bairro e que sejam prejudiciais às actividades aí existentes	Falta de Segurança. A violência crescente. Muita burocracia
Intervenção Pública em relação às actividades criativas e ao bairro em geral	Fraca. Não há actividade. Estamos divulgados na Agenda do Turismo de Lisboa mas para isso pagamos (59€ mês)
Factores importantes para um desenvolvimento sustentável das actividades criativas no bairro	Só o poder político pode mudar o estado das coisas.
A morfologia do espaço condiciona o tipo de actividade que se desenvolve no bairro?	À partida não. Qualquer tipo de actividade, qualquer iniciativa cultural pode acontecer.

<b>Frédéric Coustols – Palácio Belmonte, Castelo</b>
--

Define-se como um colecionador de paisagens. Mas não apenas por coleccionar. Defende que se deve cuidar do espaço, das populações que o habitam. Há 15 anos em Portugal, data em que adquiriu o Palácio Belmonte, um símbolo da arquitectura portuguesa, e em que o recuperou na íntegra e o transformou em hotel de luxo.

Principais traços descritivos do bairro	Castelo. É um bairro vernacular e multicultural. Com regeneração urbana, mantendo as traças originais tem potencial para se transformar no bairro mais moderno do mundo.
Mudanças no bairro para melhor e pior nos últimos 5-10 anos	Abertura de lojas que vendem todas a mesma coisa. Algum comércio tradicional desapareceu. Os antigos ofícios desapareceram. Não há água nas fontes. Temos de pagar para entrar no castelo. Está fechado quando se quer entrar. O turismo cresce mas está a ameaçar as formas tradicionais de vida e se essa autenticidade acabar acaba-se também o turismo.
Porque é que tem actividade neste bairro?	Razões pessoais
Principais áreas de actividade económica do bairro	Ligado a actividades culturais.
Principais áreas de actividade a nível cultural/criativo	Jovens a abrirem ateliers
Existe uma identidade própria do bairro?	Completamente
Esta zona pode ser considerada um bairro cultural?	Nada. O que é mais importante aqui é a população. É a vida real. Estamos numa autêntica vila portuguesa que deve ser mantida e potenciada.
Quais as vantagens em desenvolver actividade neste bairro	Autêntica vila portuguesa no centro da cidade de Lisboa
Principais dificuldades/problemas existentes no bairro e que sejam prejudiciais às actividades aí existentes	Burocracia governamental
Intervenção Pública em relação às actividades criativas e ao bairro em geral	Há trabalho bem feito mas é tudo muito lento, burocrático e controlado.
Factores importantes para um desenvolvimento sustentável das actividades criativas no bairro	Que as pessoas trabalhem umas com as outras dentro do bairro. Tem de se reinventar a vivência conjunta de uma comunidade pequena mas sustentável. As regras do planeamento urbano deveriam ser mudadas. Devia haver uma maior autonomização das pessoas a todos os níveis. As freguesias são muito relutantes em abrirem-se aos estrangeiros. A mudança deve ser feita pelos jovens criativos e não pela mudança do estrato social. O turismo beneficia pouco as pessoas. Devia ser mais aberto às populações. É a mistura de tudo que torna as coisas funcionais. Seria importante haver treinadores para promoverem a cidade, desenvolver ideias pessoais e transformá-las em acção.
A morfologia do espaço condiciona o tipo de actividade que se desenvolve no bairro?	Completamente. Casas pequenas, ruas estreitas sem acesso automóvel. É perfeito. Devíamos tentar aumentar os

espaços verdes e manter as coisas como estão.

11

**Mónica Gonçalves – ZAZOU, Sé**

Abertos há 5 meses. Promovemos produtos portugueses. 100% tradicionais e regionais. O objectivo é promover a qualidade e a autenticidade dos sabores de antigamente e do artesanato português. Tentamos dar uma imagem positiva do nosso país de forma genuína e com qualidade. Como não há promoção digna do nosso artesanato achamos que temos esse dever.

Principais traços descritivos do bairro	Alfama. Zona da Sé. Zona histórica com grande afluência de turismo e com muita tradição.
Mudanças no bairro para melhor e pior nos últimos 5-10 anos	Parece-me que está igual. Não tem sido feita grande coisa.
Porque é que tem actividade neste bairro?	
Principais áreas de actividade económica do bairro	Turismo, restauração, artesanato
Principais áreas de actividade a nível cultural/criativo	Ateliers de moda, design, pintura, bijuteria e sabonetes. Festivais: todos (mouraria); santos populares, bacalhoeiro, fado
Existe uma identidade própria do bairro?	Aqui não, mais para dentro em Alfama, sim. Assemelha-se com o tipo de Lisboa de antigamente.
Esta zona pode ser considerada um bairro cultural?	Não. Porque não existe promoção. As pessoas não vêm para cá. Não é uma zona visitada pelo português. São os turistas que dão vida à zona. Os locais vão aos sítios do costume. Já o fado traz as pessoas específicas do fado.
Quais as vantagens em desenvolver actividade neste bairro	A localização, os turistas que aqui passam (passam 10.000 turistas dia nos meses de verão). O facto de ser um bairro turístico e histórico.
Principais dificuldades/problemas existentes no bairro e que sejam prejudiciais às actividades aí existentes	Falta de Segurança. Há muitos assaltos. Iluminação, policiamento. A reabilitação urbana está muito abandonada. Abandono a nível urbanístico.
Intervenção Pública em relação às actividades criativas e ao bairro em geral	Não existem apoios. Não há muita iniciativa pública. Houve uma iniciativa da Junta de Freguesia da Sé no sentido de saber junto das empresas e comerciantes formas de melhorar os negócios.
Factores importantes para um desenvolvimento sustentável das actividades criativas no bairro	Passa por se criarem circuitos gastronómicos, circuitos de fado, passa por haver uma imagem da colina, pela comunicação/divulgação – haver canais de comunicação entre comerciantes. Haver sinalização nas ruas. Circuitos pedestres. Haver um dinamismo que abarque as freguesias da colina. Fazer um turismo melhor.
A morfologia do espaço condiciona o tipo de actividade que se desenvolve no bairro?	-

**Eng<sup>a</sup>. Alda Abreu – Directora IAO – Instituto de Artes e Ofícios, Alfama**

Artes e Ofícios. Formação na área da pintura decorativa (peças mobiliário, painéis, murais) em qualquer tipo de suporte. A nível das madeiras temos formação na área da marcenaria e talha (mobiliário). Trabalhamos metais também (serralharia e cizelagem). O instituto foi criado em 1985 e sempre existiu aqui. Vem responder a uma necessidade entendida de que cada vez menos se exercia este ensino das artes decorativas com uma vertente profissionalizante. As pessoas aprendem o exercício dos ofícios e técnicas clássicas que lhe permitem abrir as linhas de criatividade ou seguir o caminho do restauro e conservação do património. Normalmente os alunos realizam aqui o 12º ano ou pós-secundário e normalmente seguem para Belas Artes.

Principais traços descritivos do bairro	O bairro é Alfama. Faz parte do coração da cidade. Tem características muito particulares. É a alma mais antiga, núcleo histórico principal. Culturalmente esta zona é o principal veículo de identidade da cidade do ponto de vista histórico.
Mudanças no bairro para melhor e pior nos últimos 5-10 anos	<p>Há 20 anos atrás respirava-se um ar diferente. Era uma aldeia em que parecia que tínhamos de ser aceites. As pessoas conheciam-se todas. Esta configuração medieva de pátios de caminhos estreitos, de os vizinhos viverem muito próximos estimulava a proximidade.</p> <p>Hoje há menos gente nas ruas, menos crianças a brincar. O bairro está mais deserto mas mais aberto. Vêm-se mais turistas e mais cosmopolitismo. Há pessoas novas a habitar o bairro e que têm um modo de estar diferente. O ISPA teve um peso importante nesta renovação, na abertura de um bairro fechado. Os alunos começam a frequentar o bairro e a invadir a aldeia. Surgem cafés e restaurantes que já não são das pessoas do bairro.</p> <p>Temos também o ARCO e o Chapitô que aparecem no final dos anos 70 e que vêm trazer novas dinâmicas. Sendo escolas com uma vertente artística (e não só) vêm estimular o meio e até estudar estes núcleos.</p>
Porque é que tem actividade neste bairro?	
Principais áreas de actividade económica do bairro	Alfama esteve sempre ligada aos ofícios: no séc- XX foi-se perdendo. As pessoas foram para a indústria, para o comércio, serviços - à medida que foram envelhecendo foram fechando. Notam-se novos sinais. Temos ateliers de cerâmica e azulejaria. Trabalhos de objectos decorativos. Novos núcleos com características próprias, dinâmicas vocacionadas não só para necessidades locais. É um modo de estar. Não é por acaso que a FRESS está localizada nesta zona.

Principais áreas de actividade a nível cultural/criativo	Há muitas actividades. Para citar um exemplo, o castelo há uns anos era apenas monumento onde se ia passear. Hoje tem actividades próprias. O turismo cultural é importante também. E há iniciativas locais como um rali fotográfico. Há o fado de bairro que é genuíno daqui.
Existe uma identidade própria do bairro?	Sim.
Esta zona pode ser considerada um bairro cultural?	Sim
Quais as vantagens em desenvolver actividade neste bairro	Vantagens totais. Estamos a dois passos da sede e do museu (Fundação Ricardo Espírito Santo Silva)
Principais dificuldades/problemas existentes no bairro e que sejam prejudiciais às actividades aí existentes	Acessos. Mas o síndrome do carro estacionado à porta está em extinção. Os transportes públicos são no entanto deficientes. Há pouco estacionamento automóvel.
Intervenção Pública em relação às actividades criativas e ao bairro em geral	A nível das Juntas há um papel muito importante de ligação às populações, à comunidade. A nível camarário não se sente. Apenas pela existência de um gabinete de reabilitação de Alfama. Que pretende salvaguardar as características arquitectónicas. A nível de sinalética dos percursos há muita dificuldade. E para andar a pé e com carrinhos também é complicado. (devia-se eliminar os desníveis dos passeios).
Factores importantes para um desenvolvimento sustentável das actividades criativas no bairro	Diálogo entre instituições. Partilha de espaços. Ligação com o meio.
A morfologia do espaço condiciona o tipo de actividade que se desenvolve no bairro?	Sim, e com o modo de estar também. A escala aqui é de proximidade. Há mais comunicação. Há uma necessidade de diálogo com o exterior. A proximidade é facilitadora e as pessoas sentem-se mais protegidas.

13

**Maria do Carmo – AS MARIAS COM CHOCOLATE, S. Vicente de Fora**

É uma Chocolataria situada numa zona histórica da cidade de Lisboa, entre Alfama e a Graça. É no Mercado de Santa Clara, junto ao Panteão Nacional. Tudo aqui é artesanal. Maria do Carmo e Pedro Duarte, ambos Chefes, são licenciados pela ESHTE (Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril) e ambos já passaram por restaurantes conceituados como o restaurante Porto de Santa Maria ou a Bica do Bica do Sapato. Estou aqui há ano e meio.

Principais traços descritivos do bairro	Considero que estou num bairro histórico de Lisboa. Entre Santa Apolónia e a Graça. Na feira da Ladra. É um bairro onde a população está envelhecida e tem mobilidade reduzida.
Mudanças no bairro para melhor e pior nos últimos 5-10 anos	Há mais de 6 ou 7 anos o mercado era a praça onde se vendiam desde legumes a galinhas vivas. As pessoas lembram esses tempos com saudade. Havia mais gente. O mercado fechou para obras e assim se manteve fechado durante 5 anos. Nesse tempo as pessoas mudaram os

	<p>hábitos e saíram daqui.</p> <p>Como positivo destaco talvez o facto de dar a possibilidade a pessoas para crescerem aqui através do empreendedorismo. A ideia é positiva. Negativo é não se dar ao apoios que prometeram. (publicidade e transportes). Falta também sinalização.</p>
Porque é que tem actividade neste bairro?	Foi um acaso por ter aberto um concurso na CML. Não somos de Lisboa. Soubémos do concurso, já trabalhávamos com o chocolate e decidimos concorrer.
Principais áreas de actividade económica do bairro	Feira da Ladra
Principais áreas de actividade a nível cultural/criativo	Património – Panteão e Mosteiro de S. Vicente. Centro de Artes culinárias
Existe uma identidade própria do bairro?	Sem dúvida. Pela história, pelos monumentos.
Esta zona pode ser considerada um bairro cultural?	Sim. Faltam-lhe apenas algumas coisas para ser mais atractivo. Tais como esplanadas.
Quais as vantagens em desenvolver actividade neste bairro	O movimento causado pela Feira da Ladra. Vêm muitos turistas e todo o tipo de portugueses. (apesar de ser apenas às terças e sábados).
Principais dificuldades/problemas existentes no bairro e que sejam prejudiciais às actividades aí existentes	Burocracias camarárias. Tudo o que necessita autorização leva muito tempo para implementar. Transportes às vezes são deficientes para aqui. Falta sinalética e informação. Financeiramente as custas são difíceis de suportar.
Intervenção Pública em relação às actividades criativas e ao bairro em geral	Pouca ou nenhuma intervenção
Factores importantes para um desenvolvimento sustentável das actividades criativas no bairro	Desburocratização
A morfologia do espaço condiciona o tipo de actividade que se desenvolve no bairro?	O espaço do mercado é interessante para se desenvolverem várias actividades mas faltam condições que o propiciem.

14

**Teresa Milheiro – ARTICULA – Jóias Contemporâneas e Objectos de Arte, Alfama**

Estou há 13 anos na zona de Alfama em diferentes locais. Aqui estou há cinco anos. Como espaço aberto desde 2007, como galeria. Este é um espaço multifuncional onde trabalho, faço exposições e divulgo o trabalho de outras pessoas. Trabalho joalheria contemporânea, artística com materiais diferentes e que têm dificuldade de venda porque ainda há muito conservadorismo nas jóias.

Principais traços descritivos do bairro	Alfama. É um bairro intimista. Parece uma aldeia. Isso transmite calma e segurança.
---	---

Mudanças no bairro para melhor e pior nos últimos 5-10 anos	Há alguma mudança. Na recuperação. Havia ruas em Alfama em que nem se via o céu. Houve algum esforço mas mesmo assim insuficiente. Por exemplo só agora é que começa a haver noite em Alfama. Esta é a zona mais antiga da cidade e que podia ter um turismo ainda de maior qualidade. Há melhoria a nível da recuperação dos edifícios e da limpeza. Outra coisa boa é o facto de a rua ter sido fechada ao trânsito. Conseguem-se passear melhor. Mas há falta de flexibilidade com o normal funcionamento dos estabelecimentos. A entrega de materiais/mercadorias, por exemplo, é um aspecto difícil.
Porque é que tem actividade neste bairro?	Tenho a galeria aqui em Alfama porque os meus antigos ateliers, já eram em Alfama. Já estou em Alfama há 12 anos e como já gostava muito deste bairro, por ser um bairro histórico e ao mesmo tempo parecer uma pequena aldeia achei que não faria sentido quando abri a galeria, ir para outro sítio.
Principais áreas de actividade económica do bairro	Mercearias, tascas, cafés, restauração. Actualmente há cada vez mais o aluguer de casas a estrangeiros.
Principais áreas de actividade a nível cultural/criativo	Actividades próprias da zona. Com um cariz muito popular. Arraiais. Fazem sentido pela população mas já são um pouco patéticos. Os bairros estão a mudar. Já não é só o arraial popular que interessa. Há mais vida para além do fado e da tradição. Tudo o que é inovador tem ainda dificuldade em implementar-se.
Existe uma identidade própria do bairro?	Sim, é um bairro típico. É o berço da cidade. Das poucas zonas onde se tem uma noção tão genuína de bairro. Muitos dos residentes continuam a ser daqui apesar de haver gente nova e estrangeiros que aqui vêm habitar.
Esta zona pode ser considerada um bairro cultural?	Sim, porque faz parte da cultura lisboeta. É um berço cultural. O fado nasceu aqui.
Quais as vantagens em desenvolver actividade neste bairro	Acho que deveria haver algumas vantagens, ou mais vantagens. Agora também é mais difícil por causa da crise. Há turistas mas não compram muito. De qualquer maneira esta loja/atelier é um espaço intimista. O turista chega e tem contacto com o artista. E isso faz sentido nos bairros históricos.
Principais dificuldades/problemas existentes no bairro e que sejam prejudiciais às actividades aí existentes	Falta de flexibilidade para o bom funcionamento do comércio, cruzeiros não permanecerem aqui por uma noite, ficam apenas umas horas e isso não dá aos turistas tempo para compras; falta de divulgação dos sítios de interesse; falta de apoios públicos.
Intervenção Pública em relação às actividades criativas e ao bairro em geral	Fraca ou inexistente. A CML só se mexe para picar o ponto
Factores importantes para um desenvolvimento sustentável das actividades criativas no bairro	Haver mais apoios a nível de sinalética, divulgação. Agilização de parcerias. Um exemplo prático é que os sidecars não têm onde parar. Devia haver spots de estacionamento. Fazer percursos, roteiros.

A morfologia do espaço condiciona o tipo de actividade que se desenvolve no bairro?	Sim. Propicia a que haja um tipo de loja intimista.

15

**Dr. Pedro Guerra – CASA DE LINHARES/BACALHAU DE MOLHO – Sé**

Existem cerca de 50 casas de fado regular. Há vários tipos. Há um núcleo restrito em que se incluem 5 casas. Se formos mais abrangentes 10 casas com um elenco profissional. As restantes têm elencos semi-profissionais. Estes 3 escalões orientam-se para tipos de pessoas distintas. Nas 1as incluem-se a casa de Linhares, o Clube de Fado, Sr. Vinho, Faia (bairro Alto) e o Marquês de Sé. Que vivem do turismo. As outras vão abrangendo mais públicos. A casa de Linhares existe desde 2003, antes era Bacalhau de Molho e antes Tia Ió (década de 70)

Principais traços descritivos do bairro	A nível europeu é dos bairros mais bonitos. Mas está muito degradado. É um bairro com uma identidade própria. É uma aldeia dentro da cidade.
Mudanças no bairro para melhor e pior nos últimos 5-10 anos	Houve uma evolução em termos de segurança. Houve uma fase muito insegura nos anos 70. A criminalidade hoje é mais dispersa.  A população está a morrer. Mas o bairro está mais valorizado hoje. Estão a vir novas pessoas com vontade de viver num bairro bonito, calmo, com uma intelectualidade moderna. As casas novas são sobretudo ocupadas por pessoas vindas de fora.
Porque é que tem actividade neste bairro?	A Taverna do Embuçado era a casa de referência de Fados em Lisboa. Mas a rua foi para obras durante anos a fio. Era onde iam as figuras de Estado. Fechou lá e abriu aqui como Casa de Linhares.
Principais áreas de actividade económica do bairro	A subsidiodependência. População envelhecida, que vive das reformas e há o pequeno comércio, serviços de mulher a dias, electricistas, pedreiros.
Principais áreas de actividade a nível cultural/criativo	O fado é o tipo de música que faz parte do bairro. Aqui curiosamente foi o primeiro cinema sonoro de Lisboa (cinema Portugal). Não há muitas actividades culturais. Há o lazer ligado à cerveja. A nível recreativo as juntas têm um lugar importante junto das populações. O grande momento são os santos populares.
Existe uma identidade própria do bairro?	Sim
Esta zona pode ser considerada um bairro cultural?	Apenas a nível arquitectónico, histórico e sociológico.
Quais as vantagens em desenvolver actividade neste bairro	Não há uma associação fácil entre uma casa de fados e um

	sítio moderno. O fado é intimista e para ser ouvido com atenção a envolvente deve ser intimista.
Principais dificuldades/problemas existentes no bairro e que sejam prejudiciais às actividades aí existentes	A antiguidade dos sistemas, apoio/meios. É muito fácil falhar a electricidade, por exemplo. Negligência na iluminação. Espaços abandonados. Antiguidade das estruturas e por isso falta de higiene nas ruas. Circulação automóvel. O facto de ser interdito dificulta a vinda de algumas pessoas. A nível de requalificação estamos muito condicionados. Qualquer alteração necessita parecer do Igespar, qualquer intervenção no solo requer a supervisão de arqueólogos. E há outros condicionantes burocráticos.
Intervenção Pública em relação às actividades criativas e ao bairro em geral	É fraca. Há falta de gestão nas intervenções.
Factores importantes para um desenvolvimento sustentável das actividades criativas no bairro	O ideal é não fazerem nada para que os privados possam fazer. O estado deve facilitar o investimento privado. O ideal era que todo o bairro fosse recuperado.
A morfologia do espaço condiciona o tipo de actividade que se desenvolve no bairro?	Faz com que se estabeleçam aqui oficinas, ateliers, serviços.

16

João Teixeira – Alfama Hostel - Alfama

Alojamento socialmente activo para turistas. Temos 4 anos de existência. O conceito é de partilha. Temos jantares partilhados, visitas guiadas a casas de fados, a Sintra, à praia, bares da colina

Principais traços descritivos do bairro	Alfama. Tem uma estratificação social que se nota ao longo da colina. À medida que vamos subindo o estrato social vai aumentando. Ruas mais estreitas e vernaculares na parte de baixo da colina e à medida que se sobe espaços maiores e casas maiores. O bairro tem sido alvo de uma bênção e de uma praga: Foi o menos afectado pelo terramoto o que fez com que mantivesse a sua traça original e a estrutura morfológica. Conseguir ler-se uma cidade medieval mas também foi esquecido ao mesmo tempo. Como não consegue introduzir-se o automóvel ficou aqui esquecida. População está envelhecida e empobrecida. Há um grande sentido de pertença. As pessoas dizem que são de alfama e não de Lisboa.
Mudanças no bairro para melhor e pior nos últimos 5-10 anos	Estou aqui há 4 anos mas dou um exemplo: eu costumo passar o filme Lisbon story aos meus hóspedes. (filme de 1994) e o que as pessoas sentem é que estão no mesmo bairro que vêem no filme. Há gentrificação. Estrangeiros a

	viver aqui sazonalmente, profissionais liberais que compram aqui segunda habitação. Nota-se um movimento mas que actualmente está mais parado. Há muitos Erasmus a querer ficar nestas zonas. Havia vários sites de aluguer temporário na internet mas apercebi-me que deixaram de funcionar recentemente. Os habitantes temporários parecem ter diminuído. Estou a pensar mudar para Cais Sodré porque acho que aqui as coisas estão muito paradas.
Porque é que tem actividade neste bairro?	Bairro histórico e turístico
Principais áreas de actividade económica do bairro	Restauração e Casas de Fado
Principais áreas de actividade a nível cultural/criativo	Fado e associações recreativas. E os Santos Populares.
Existe uma identidade própria do bairro?	Sim. É um bairro típico, com uma grande coesão familiar.
Esta zona pode ser considerada um bairro cultural?	Creio que quem está de fora considera que sim por ser um bairro rico em tradições que fazem parte da identidade nacional, como o fado, porém, quem vive aqui não sente desta maneira. Pela falta de diferenciação, pela falta de abertura.
Quais as vantagens em desenvolver actividade neste bairro	Há 4 anos julgava ter mais vantagens. Acho um sítio perigoso. Os acessos são muito difíceis. Estamos no centro da cidade antiga. Creio que não é vantajoso para o meu tipo de público que quer é carimbar o passaporte e que procura os “spots” mais divertidos.
Principais dificuldades/problemas existentes no bairro e que sejam prejudiciais às actividades aí existentes	As acessibilidades. Segurança. Limpeza. As pessoas colocam o lixo na rua muito cedo...
Intervenção Pública em relação às actividades criativas e ao bairro em geral	Não creio haver intervenção (excepto na limpeza onde conseguimos impor a entrega de sacos para separação adequada de lixo). Reabilitação insuficiente.
Factores importantes para um desenvolvimento sustentável das actividades criativas no bairro	Regeneração urbana. Trazer as pessoas de baixo para cima. Fazê-las viver mais o bairro. Por exemplo poderia fazer-se umas escadas rolantes públicas por alfama acima.
A morfologia do espaço condiciona o tipo de actividade que se desenvolve no bairro?	Sim. É um bairro de micro-escala.

17

António Pedro – Quiosque Clara Clara – S. Vicente de Fora

Este foi o 2º quiosque a abrir em Lisboa. Temos uma preocupação grande com a qualidade, queremos marcar a diferença mas sem sermos presumidos. Este é um espaço de bem-estar. Vamos fazer 3 anos em Julho 2012. Temos uma clientela variada. Os mais antigos e os mais novos do bairro e turistas. Ganhámos a exploração do quiosque por concurso e achámos a localização interessante. No princípio não havia muita gente. As pessoas tinham medo de vir para aqui porque o jardim esteve fechado muito tempo. No verão de 2009 foi inaugurado pela CML. O Jardim chama-se Botto Machado. Foi arranjado com o dinheiro do casino de Lisboa.

Principais traços descritivos do bairro	Não há muita habitação junto ao quiosque. Era um bairro mais militar e de monumentos. Creio que estamos a meio entre Graça, S. Vicente e Santa Apolónia.
Mudanças no bairro para melhor e pior nos últimos 5-10 anos	Não sei
Porque é que tem actividade neste bairro?	Ganhámos a exploração do quiosque por concurso e achámos a localização interessante
Principais áreas de actividade económica do bairro	Feira da Ladra
Principais áreas de actividade a nível cultural/criativo	Mercado. Centro artes culinárias. Galeria Fernando Pessoa. Voz Operário. Fado.
Existe uma identidade própria do bairro?	Há uma identidade de Lisboa. Ligação grande ao centro histórico e ao turismo.
Esta zona pode ser considerada um bairro cultural?	Apenas numa perspectiva patrimonial. Há também uma dinâmica em volta da feira da Ladra
Quais as vantagens em desenvolver actividade neste bairro	Fomos felizes na escolha. Não é um quiosque de passagem. É um quiosque a que se vem de propósito. Tem também o parque infantil. E tem a vantagem da feira da ladra e de não ser uma zona desgastada pelo fenómeno da noite. Há também um fluxo de turistas relevante.
Principais dificuldades/problemas existentes no bairro e que sejam prejudiciais às actividades aí existentes	Poucas pessoas. É necessária uma dinâmica maior de pessoas. Em termos operacionais a segurança é um problema. Faz falta mais gente.
Intervenção Pública em relação às actividades criativas e ao bairro em geral	Estamos integrados numa Junta de Freguesia comunista que normalmente está associada a uma intervenção cultural forte. A CML peca por falta de intervenção.
Factores importantes para um desenvolvimento sustentável das actividades criativas no bairro	Regeneração urbana. Incentivos fiscais para os privados. Capacidade de alterar os edifícios.
A morfologia do espaço condiciona o tipo de actividade que se desenvolve no bairro?	Sim, a forma do bairro faz com que haja pouca gente. O jardim é positivo nesse aspecto.

18

Dra. Conceição Amaral – Directora Fundação Ricardo Espírito Santo Silva, Santiago

A Fundação funciona no antigo palácio Azurara. Houve uma associação a uma escola de artes e ofícios que funcionou aqui mas que saiu dando origem à ESAD (Escola superior de Artes Decorativas) e ao IAO (Instituto das Artes e Ofícios). Aqui funcionam 18 oficinas de artes e ofícios tradicionais. O Museu tem desenvolvido exposições com artistas contemporâneos que fazem a ponte com os ofícios tradicionais. Promovemos uma ligação entre o desenho e os artesãos. O nosso espólio termina no Séc. XIX e a ideia é que haja uma inspiração para colmatar essa falha. É preciso inovar. Buscar uma geração nova que traga novos gostos e tendências.

80% dos nossos visitantes são estrangeiros. Estamos actualmente a fazer uma acção grande de dinamização com agências de viagens. Para o público interno existe uma grande aposta nos workshops com grande procura sobretudo por parte dos reformados. O museu deve intervir na comunidade, contribuir para uma formação mais alargada das pessoas.

Principais traços descritivos do bairro	<p>Estamos numa confluência de 3 bairros: Alfama, Castelo e Graça. É o 2º maior eixo turístico da cidade de Lisboa (castelo, sé e miradouro Portas do Sol). Concilia um património paisagístico com o patrimonial. É um bairro com muitas fragilidades.</p> <p>É um bairro com muitos emigrantes, multicultural, com crianças de vários países.</p>
Mudanças no bairro para melhor e pior nos últimos 5-10 anos	Há uma mudança positiva apesar de tudo. Há mais oferta de serviços. No nosso caso há uma articulação com as escolas destes 3 bairros através do programa “do museu para o bairro”. Alfama era o bairro onde havia mais artesãos – artes e ofícios mas isso desintegrou-se.
Porque é que tem actividade neste bairro?	Palácio Azurara da família Espírito Santo
Principais áreas de actividade económica do bairro	Turismo – cafés, restauração, lojas de souvenirs
Principais áreas de actividade a nível cultural/criativo	Tirando as festas populares talvez os antiquários.
Existe uma identidade própria do bairro?	Sim. É um dos bairros mais antigos da cidade. Mas essa identidade não está bem aproveitada.
Esta zona pode ser considerada um bairro cultural?	Em termos de património sim, mas é um bairro que está adormecido.
Quais as vantagens em desenvolver actividade neste bairro	A localização. Este é sem dúvida um dos espaços mais cenográficos da cidade de Lisboa. Tem uma grande vertente turística.
Principais dificuldades/problemas existentes no bairro e que sejam prejudiciais às actividades aí existentes	O bairro devia estar mais preparado em termos de infra-estruturas. Não há um posto turístico, não há uma casa-de-banho pública. Há falta de Segurança. Há falta de diálogo entre as instituições para promover o largo e o bairro. O acesso por vezes é um problema também.
Intervenção Pública em relação às actividades criativas e ao bairro em geral	A nível de actividades é praticamente nula. Há um grande dinamismo dentro do castelo apenas. A nível do espaço público não há. A reabilitação urbana é positiva assim como a limpeza do bairro.
Factores importantes para um desenvolvimento sustentável das actividades criativas no bairro	Faltam projectos âncora que façam a ligação entre turismo e residentes. Tem de haver espaços onde os turistas possam conviver com as formas de vida que aqui existem. Talvez através dos jovens artistas. Por exemplo podia fazer-se um bilhete comum para actividades em Alfama.
A morfologia do espaço condiciona o tipo de actividade que se desenvolve no bairro?	Sim, mas tem um lado mais positivo do que negativo. O tipo de bairro convida ao passeio e à descoberta. Propicia actividades de rua.

Tem 26 anos de autarca. Começou na J.F. da Pena. Em 1985 fixou-se em Alfama como despachante oficial da alfândega de Lisboa. Vai actualmente no segundo mandato como tesoureiro em regime “part-time”. Na verdade trabalha todo o dia na Junta, mas o número reduzido de eleitores não justifica um trabalho pago a tempo inteiro. Uma das características do poder local é a maior proximidade com as pessoas. É o poder do Estado mais perto do cidadão.

Principais traços descritivos do bairro	A sé não é Alfama. É vizinha de Alfama. É um bairro interessante no coração de Lisboa. Tem boa habitação. Casas com pé alto. Tem muitos idosos também e a viver sozinhos. Temos cerca de 25/30 famílias carenciadas.
Mudanças no bairro para melhor e pior nos últimos 5-10 anos	Como noutros bairros nota-se a saída dos mais jovens em procura de melhores condições de vida. Há poucas crianças entre os 6 e 12 anos. Para termos inscrições em actividades temos de angariar jovens de outras freguesias. Os clubes recreativos estão em decadência desde os anos 60. Eram o ponto de encontro das populações mas as pessoas deixaram quase todas de ser sócias. Aqui viveram e vivem pessoas com alguma capacidade económica. Há alguns estrangeiros a procurar casa e alguns jovens, mas menos.  A zona da Sé está condicionada ao trânsito e isso é uma má medida.
Porque é que tem actividade neste bairro?	–
Principais áreas de actividade económica do bairro	O que predomina é a restauração. A casa de óculos tem grande importância. O turismo. Casas de fado. Centro religioso de Lisboa.
Principais áreas de actividade a nível cultural/criativo	Teatro gota? (camarário, cedido a um grupo de teatro amador). Temos concertos na Sé nas épocas festivas. Temos o Lusitano Clube, com 106 anos.
Existe uma identidade própria do bairro?	Sim.
Esta zona pode ser considerada um bairro cultural?	Acho que não. Religioso talvez, mas cultural, não.
Quais as vantagens em desenvolver actividade neste bairro	–
Principais dificuldades/problemas existentes no bairro e que sejam prejudiciais às actividades aí existentes	A Emel condicionou os acessos dos automóveis e isso é prejudicial ao comércio. Preço das casas é elevado. Há vários sem-abrigo que pernoitam na Sé.
Intervenção Pública em relação às actividades criativas e ao bairro em geral	Desde a década de 90 que a CML apoia e subsidia iniciativas importantes: actividades para os jovens, programas contra a toxicodependência e programas que promovem envelhecimento activo. Existem protocolos de delegação de competências no que diz respeito a pequenas manutenções do bairro como passeios, bancos de jardim, pilaretos...
Factores importantes para um desenvolvimento sustentável das actividades criativas no bairro	Incentivar o regresso dos jovens para a freguesia. Não há sequer um parque infantil no bairro nem uma escola mais condigna.
A morfologia do espaço condiciona o tipo de actividade que se desenvolve no bairro?	Também. É um bairro hermeticamente fechado. O turismo passa cá mas não nas ruas principais da Sé. Não há grande convivência entre as pessoas.

Eduardo Martinho – Alfarrabista – Feira da Ladra, S. Vicente de Fora

Livreiro, alfarrabista. Há cerca de 25 anos. Tem também a Galeria Stuart no Chiado.

Principais traços descritivos do bairro	É um bairro que depende do mercado e da feira da ladra. Durante a semana não tem movimento. É uma zona sem comércio.
Mudanças no bairro para melhor e pior nos últimos 5-10 anos	A feira da ladra é cíclica. Tem momentos bons e maus. Há uma regeneração. Os estrangeiros de uma maneira geral apreciam a zona. É um local privilegiado pelo património. Os edifícios estão a ser recuperados. Em termos patrimoniais temos a fundição onde se fez a estátua equestre de D. José.
Porque é que tem actividade neste bairro?	Pelo ambiente que a feira possibilita
Principais áreas de actividade económica do bairro	Restaurantes, lojas ligadas à revenda artigos de confecções. Fardamento.
Principais áreas de actividade a nível cultural/criativo	Galerias de arte. Antiquários.
Existe uma identidade própria do bairro?	Sim. Pelo tipo de construções e pela amplitude do espaço.
Esta zona pode ser considerada um bairro cultural?	Sim. Pela feira da ladra. Vem desde a idade média.
Quais as vantagens em desenvolver actividade neste bairro	O ambiente. Os turistas.
Principais dificuldades/problemas existentes no bairro e que sejam prejudiciais às actividades aí existentes	Estacionamento. Abuso de carros. Não há controlo eficaz. Degradação dos edifícios.
Intervenção Pública em relação às actividades criativas e ao bairro em geral	A CML tinha mais obrigações em relação à feira em termos de publicidade, preservação, uma feira que é a principal feira da cidade.
Factores importantes para um desenvolvimento sustentável das actividades criativas no bairro	Estimular os comerciantes a venderem as suas mercadorias cá. Saíram bons comerciantes daqui, que davam boa imagem da feira para belém e Algés.
A morfologia do espaço condiciona o tipo de actividade que se desenvolve no bairro?	Sim

Miguel Tecedeiro – Professor no ISPA – Instituto de Psicologia Aplicada, Alfama

O ISPA existe no bairro de Alfama desde 1983.

Principais traços descritivos do bairro	É um bairro arquitectonicamente tradicional. Muitas casas foram recuperadas. É um bairro em mudança: de bairro típico de pessoas que nasciam. Cresciam e casavam aqui para um bairro mais impessoal. Mantém um cariz popular mas mais impessoal.
Mudanças no bairro para melhor e pior nos últimos 5-10 anos	O bairro mudou muito desde que está aqui implantado o ISPA. Perdeu vida, perdeu habitantes. Um exemplo prático é que dantes tinha de fechar a janela da sala de aula para não ouvir a música e os berros lá de fora. As casas estão vazias e o estilo de vida mudou. Vimos aparecer muitos restaurantes com uma componente turística. Algumas bares também mais trendy à procura de um outro tipod e frequentadores.
Porque é que tem actividade neste bairro?	O Ispa acabou por se instalar aqui porque havia espaço e condições favoráveis.
Principais áreas de actividade económica do bairro	Restaurantes, tascas, comércio tradicional. Turismo.
Principais áreas de actividade a nível cultural/criativo	Associações. Não tem conhecimento.
Existe uma identidade própria do bairro?	Hoje em dia já não há.
Esta zona pode ser considerada um bairro cultural?	Não como o bairro alto por exemplo.
Quais as vantagens em desenvolver actividade neste bairro	Dá-nos o usufruto do próprio bairro e este edifício onde estamos instalados (conjunto de 3 edifícios típicos). Isso dá-nos uma identidade muito própria. (apesar de ter numerosos custos)
Principais dificuldades/problemas existentes no bairro e que sejam prejudiciais às actividades aí existentes	Dificuldades de espaço, de custos de manutenção relacionados com o edifício em particular. Estacionamento. Não é uma localização muito central.
Intervenção Pública em relação às actividades criativas e ao bairro em geral	O ISPA é uma cooperativa. Uma instituição particular. Acho que para a CML somos um pouco indiferentes. Com a Junta de Freguesia há uma relação mais cordial (damos consultas de psicologia à população pelo preço simbólico de 1 Euro). Existe uma falta grande de apreciação pelo património que aqui existe.
Factores importantes para um desenvolvimento sustentável das actividades criativas no bairro	A primeira preocupação é fixar uma população no bairro. Houve um esvaziamento. Antes de haver uma fixação cultural há que haver povoamento. Para fixação de actividades medidas como isenções de sisa ou IMI. Criação de espaços criativos com rendas acessíveis. Mas de qualquer maneira, antes de mais temos um problema de vida tout-court.
A morfologia do espaço condiciona o tipo de actividade que se desenvolve no bairro?	Sim. Não funciona com actividades de massas. Ruas estreitas, espaços pequenos, íngremes.

Vitor Agostinho – Presidente da Junta de Freguesia de S. Vicente de Fora

Desenvolvemos um trabalho de proximidade com a população.

Principais traços descritivos do bairro	S. Vicente foi dos primeiros bairros que nasceu fora de portas da muralha fernandina. Tem grande importância histórica. É a primeira freguesia a nascer e a do padroeiro da cidade. Bairro monumental, muito ligada à área militar.
Mudanças no bairro para melhor e pior nos últimos 5-10 anos	Não houve evolução. A casa é uma questão fulcral, é a base das famílias e tem-se vindo a degradar. As casas estão vazias ou então são recuperadas para turismo ou estão a cair. Há menos população e está mais envelhecida. Somos 3500 pessoas na freguesia e mais de 1000 têm mais de 65 anos. Está tudo a fechar. Os espaços públicos melhoraram. Os arruamentos e a sujidade pioraram. Hoje convive-se menos na rua. As casas não têm tanta gente.
Porque é que tem actividade neste bairro?	–
Principais áreas de actividade económica do bairro	Comércio, mercearias, restaurantes.
Principais áreas de actividade a nível cultural/criativo	Centro de Artes Culinárias. Voz do Operário (maior instituição da freguesia) Movimento associativo que tem muita importância e está a crescer. Destaco o Mirantense com uma forte componente desportiva. Na Voz do Operário há mais de 100 voluntários a trabalhar em actividades. Ateliers da feira da ladra mas que, refira-se, não têm a ver com uma ida frequente dos moradores à feira. Temos todas as condições para realizar eventos, mesmo pequenos, mas é preciso apoio da CML. Há um grupo de teatro amador “Os disfarces”. Temos fado e temos agora aqui instalada a Trienal de Arquitectura.
Existe uma identidade própria do bairro?	Existe. Pela monumentalidade e pela população que vive nestes bairros. A nível de vivência, sim.
Esta zona pode ser considerada um bairro cultural?	Sim mas pelo património apenas
Quais as vantagens em desenvolver actividade neste bairro	–
Principais dificuldades/problemas existentes no bairro e que sejam prejudiciais às actividades aí existentes	Estado de degradação das ruas e a habitação.
Intervenção Pública em relação às actividades criativas e ao bairro em geral	Insuficientes. Não há apoios. Devia haver um programa da CML do ponto de vista cultural para as colectividades por exemplo. Dar mais apoios.
Factores importantes para um desenvolvimento sustentável das actividades criativas no bairro	Povoar o bairro. Juntar casas em Alfama, tornando-as maiores. Haver apoios às actividades culturais.

A morfologia do espaço condiciona o tipo de actividade que se desenvolve no bairro?	Sim. É um cenário natural com espaços interessantes.
---	--

23

Ana Malta, Restaurante Alfândega, Sé

Armazém de Sabores. Era um convento. Manteve-se a igreja aqui ao lado. Depois foi um armazém da Alfândega e foi um bar alternativo nos anos 90 e depois snack-bar. Comprámos o espaço há 6 anos. Praticamos uma cozinha à base dos produtos mediterrâneos. Venho da área da Publicidade e Relações Públicas e por isso sempre tivemos muito cuidado com a imagem. Fazemos concertos também. Temos um DJ e convidamos artistas. Além disso potenciamos todo o tipo de colaboração a nível cultural e parcerias com as entidades que nos rodeiam como por exemplo com a Conserveira de Lisboa e com a Fundação Saramago. Temos sempre o lado cultural presente. Realizamos exposições também.

Principais traços descritivos do bairro	É um bairro com muitos velhotes. Mas há também muita gente nova, portuguesa e estrangeira. Tem o lado muito triste e feio de Lisboa: os sem-abrigo. Tem o comércio tradicional a fechar. Está cheio de lojas indianas. Tem muita decadência. Casas a cair. Há várias associações de imigrantes (as rendas devem ser baratas). É um bairro multicultural.
Mudanças no bairro para melhor e pior nos últimos 5-10 anos	Para melhor, no geral. A CML faz um trabalho notável. Alimpeza funciona bem.
Porque é que tem actividade neste bairro?	Foi um acaso. Uma oportunidade.
Principais áreas de actividade económica do bairro	Restauração, bares, pequeno comércio, retrosarias, chineses, ateliers de arquitectos, escritórios de advogados, ministério finanças, empresas de consultoria, tecidos.
Principais áreas de actividade a nível cultural/criativo	CEM, Chapitô, escola de dança, Bacalhoeiro, Fundação Saramago
Existe uma identidade própria do bairro?	Sim. De toda a velha lisboa.
Esta zona pode ser considerada um bairro cultural?	É um bairro com história, com mundo, mas não de actividades culturais. Começa a ser um bairro de artistas mas aqui, tradicionalmente, trata-se de bairros populares.
Quais as vantagens em desenvolver actividade neste bairro	Sim. É um bairro com muito turismo e lisboetas.
Principais dificuldades/problemas existentes no bairro e que sejam prejudiciais às actividades aí existentes	Estacionamento. EMEL com uma atitude intolerante e punitiva. Falta de segurança (roubos mesmo dentro do restaurante)
Intervenção Pública em relação às actividades criativas e ao bairro em geral	Falta de divulgação
Factores importantes para um desenvolvimento sustentável das actividades criativas no bairro	Espírito colectivo. Somos pouco dados a associar-nos. Temos vergonha. É difícil avançar com coisas que envolvam mais do que uma actividade. É-se pouco solidário.

A morfologia do espaço condiciona o tipo de actividade que se desenvolve no bairro?	Sim. Por um lado condiciona mas por outro é um desafio. Alfama está bonita. Temos de vencer as dificuldades e dar valor à unicidade do que aqui há. Isso não pode ser impedimento.

24

Sofia Magalhães – sócia-gerente – CAULINO, Sé

Atelier de cerâmica. Estamos aqui há 6 anos. Fazemos o trabalho criativo, damos aulas, temos espaço de venda própria e de outros ceramistas. É um espaço multifunções.

Principais traços descritivos do bairro	Bairro da Sé. Tem uma carga histórica enriquecedora. É central e ao mesmo tempo resguardado. Há uma espécie de sossego mas ao mesmo tempo estamos a 5 min de tudo. É um bairro com um sentido bairrista forte (proximidade pessoal) ao mesmo tempo há também uma frescura constante com os turistas que aparecem- Há sempre uma espécie de renovação. Outra coisa interessante é que há muitos estrangeiros não turistas que habitam nesta zona.
Mudanças no bairro para melhor e pior nos últimos 5-10 anos	Não sabe dizer
Porque é que tem actividade neste bairro?	Nós viemos para aqui porque gostámos do espaço. Há um movimento turístico permanente que é positivo. Faz com que não seja um ciclo viciado.
Principais áreas de actividade económica do bairro	Restauração. Mas cada vez mais há outro tipo de espaços.
Principais áreas de actividade a nível cultural/criativo	Azulejaria (3 ou 4 ateliers de azulejo) Tem muito a ver com o turismo.
Existe uma identidade própria do bairro?	Não específica do bairro da Sé. Acho que existe uma identidade própria dos bairros históricos. Sé é igual a sossego para mim. Bairros como a Baixa, Alfama, Graça tem uma maior carga humana.
Esta zona pode ser considerada um bairro cultural?	Bairro cultural no sentido histórico da cidade, do património arquitectónico. Vai tendo cada vez mais actividades culturais. Desde que chegámos até agora nota-se um crescimento.
Quais as vantagens em desenvolver actividade neste bairro	O espaço do atelier é muito agradável. Pouco trânsito. É uma zona, bonita, nobre, central. Perto de transportes. Zona que não está superlotada de pessoas. Tem q.b.
Principais dificuldades/problemas existentes no bairro e que sejam prejudiciais às actividades aí existentes	O estacionamento. Parques caros.

Intervenção Pública em relação às actividades criativas e ao bairro em geral	Não há qualquer tipo de apoio ou benefício. É um bocadinho fazer por nós. A nível da reabilitação esta zona tem sido bastante trabalhada. Há renovação. Muitos prédios devolutos estão a ser reabilitados.
Factores importantes para um desenvolvimento sustentável das actividades criativas no bairro	Reduzir a burocracia nomeadamente a nível das licenças camarárias para montar uma loja. Demora-se muito tempo. Prédios que pertencem à Câmara de Lisboa e que podem ser disponibilizados para artistas, para ateliers. (como em Inglaterra ou países nórdicos). Contratos anuais para artistas. Impedir carros no centro histórico.
A morfologia do espaço condiciona o tipo de actividade que se desenvolve no bairro?	Sim. Pode ajudar e desajudar. Ruas em ziguezague. O acesso não é fácil. Por outro lado é positivo. Há imensos turistas que se perdem pelas ruas. Desperta curiosidade, as pessoas perdem-se e vêm aqui dar.

25

**Rosário Saraiva , Coordenadora Projecto. Centro de Artes Culinárias , S. Vicente de Fora**

Este é um projecto antigo. Já tem 10 anos. É um projecto da associação “As Idades dos Sabores” e que foi começado a partir da Colecção particular da actual Presidente: Maria Proença. Conta actualmente com cerca de 4000 objectos relacionados com as artes culinárias. É uma forma de nos mantermos ligados às tradições (artes culinárias e não gastronomia) ao “saber-fazer” tradicional. Aqui no mercado de santa Clara estamos desde Junho 2011.

Há uma relação grande com os produtores e uma função educativa. Pretendemos evidenciar a sazonalidade dos produtos e relacioná-los com os territórios em que são produzidos. O objectivo principal é ter um espaço aberto ao público com uma tripla vertente: Museológica, Cursos de Culinária e loja de produtos regionais portugueses.

Principais traços descritivos do bairro	Estamos no campo de Santa Clara que é uma espécie de ilha dentro do bairro de S. Vicente, Sta Apolónia. Acho que são bairros mortos, com poucos habitantes e muitas instalações militares. Trata-se de um local e passagem e não de paragem. Acredito no entanto que o novo jardim mesmo aqui ao lado está a trazer uma nova dinâmica!
Mudanças no bairro para melhor e pior nos últimos 5-10 anos	Não sei por experiência própria. Pelas pessoas que oiço (mesmo jovens) têm pena que o mercado tenha desaparecido. Há cada vez menos moradores – desertificação e envelhecimento populacional, embora também se note uma tendência de inversão. Novas lojas e o jardim.
Porque é que tem actividade neste bairro?	O Centro das Artes Culinárias, situa-se no mercado de Santa Clara, como resultado duma parceria entre a CML e As Idades dos Sabores – Associação para o Estudo e Promoção das Artes Culinárias que cedeu este espaço para acolhimento destes saberes. Foi o resultado de vários anos de pedido de cedência de local pela Associação à CML. Será mais um concurso de circunstâncias ter sido o espaço disponível na altura em que finalmente houve condições, tanto da parte da CML em ceder um local e sobretudo em

	encontrar uma actividade permanente para esse edifício desocupado, como da Associação em gerir esse local. O facto de ser um edifício fortemente ligado à alimentação sempre foi um desejo da Associação
Principais áreas de actividade económica do bairro	Feira da Ladra. Turismo. Esta zona é também uma área militar. Há oficinas do exército. Há também o Hospital da Marinha.
Principais áreas de actividade a nível cultural/criativo	A nível criativo os artesãos. A nível cultural creio não haver muita oferta ou então é mais popular. Talvez o Voz do Operário também.
Existe uma identidade própria do bairro?	Acho que sim. Zona da Feira da Ladra. Zona facilmente identificada pelos lisboetas.
Esta zona pode ser considerada um bairro cultural?	Não. Pela falta de actividades culturais.
Quais as vantagens em desenvolver actividade neste bairro	Não necessariamente vantagens. Mas é um bom lugar. Sobretudo por ser um mercado (edifício histórico). Em termos de situação geográfica não. É um bairro que fica fora dos circuitos lisboetas. Nem por isso. Há mais afluência por causa da feira e da rota do eléctrico 28 o que é positivo mas no resto dos dias é mais difícil.
Principais dificuldades/problemas existentes no bairro e que sejam prejudiciais às actividades aí existentes	Envelhecimento da população, nível económico da mesma que é baixo. A Junta de Freguesia faz festas populares apenas para as pessoas pobres. Outro problema é a dificuldade de acessos.
Intervenção Pública em relação às actividades criativas e ao bairro em geral	Houve intervenção pública a nível de obras neste espaço e também no jardim. Há um esforço de reabilitação (vereador Sá Fernandes).
Factores importantes para um desenvolvimento sustentável das actividades criativas no bairro	A política de transportes públicos devia ser melhorada e, pelo contrário, está a ser reduzida em termos de quantidade e dos trajectos (carreiras). O eléctrico 12 podia ser também dinamizado a nível turístico. Devia-se criar mais animação, apoio financeiro às actividades criativas. Pelo menos na divulgação. No nosso caso tivemos apoio na produção de panfletos. Realizar residências artísticas. Os cruzeiros também são uma vertente interessante apesar de os turistas serem do tipo “pacote tudo incluído” sem grande margem para compras adicionais.
A morfologia do espaço condiciona o tipo de actividade que se desenvolve no bairro?	A morfologia do espaço do bairro de S. Vicente de Fora condiciona as actividades que aí se desenrolam, na minha opinião por dois motivos: acesso e enclave. S.Vicente é um bairro de acesso difícil, seja a pé seja de transportes, e no fundo só lá vai quem quer lá ir. O difícil acesso e o lado um pouco enclavado do bairro também não atrai muitos passantes, até porque para além de S.Vicente e da Feira da Ladra, não parece haver grande motivo para aí se deslocar. Parece-me que as principais actividades do local - vida militar e Feira da Ladra - não são suficientemente atractivas para que a população se desloque ao bairro.

	<p>Muitos lisboetas conhecem o bairro apenas dos dias de Feira da Ladra, tendo conseqüentemente uma leitura do bairro muito marcada (deturpada) por isso; de tal forma, que muitas pessoas nunca tinham percebido que havia um Mercado (e um jardim público!) em pleno centro da área da Feira!</p> <p>Estes aspectos são reforçados por outras características da cidade de Lisboa mais próxima: o Castelo e Alfama, a Baixa e o Chiado que atraem desde sempre, e agora de novo cada vez mais, lisboetas, turistas e passantes. O acesso a S.Vicente pela cidade, faz-se de eléctrico tendo-se atravessado zonas mais apelativas e por isso já não se chega lá... Pela zona norte (Penha de França e Sapadores, não é um percurso muito apelativo nem turístico. Vindo de Santa Apolónia ou Alfama, é mais viável, embora o declive a transpor seja difícil e, mais uma vez, pode demover os menos motivados. Chegar a São Vicente é mesmo por vontade raramente por acidente. Assim, a morfologia do bairro condiciona as actividades porque à partida acrescenta um factor de dificuldade ao seu sucesso; é preciso que a actividade seja muito mobilizadora ou esteja integrada em temáticas, redes ou festivais que ocasionem a ida. Parece-me por outro lado que o Campo de Santa Clara, pela dimensão de espaço aberto que oferece, tem potencialidades pouco exploradas, podendo-se propor actividades adaptadas a esse espaço.</p>
--	--

26

**Filomena Carmo Pinto. Artista e Dona da Loja SARDINA, Sé.**

Actividade criativa de pintura e escultura têxtil. Bonecas e outros objectos com motivos ligados aos ícones da cidade. Vendia via internet até abrir aqui o atelier em Dezembro de 2011.

Principais traços descritivos do bairro	Situo-me no bairro da Sé/Alfama. O bairro está decadente. Gosta-se de Alfama nos santos populares mas depois não se trata o bairro com carinho.
Mudanças no bairro para melhor e pior nos últimos 5-10 anos	Penso que actualmente há dois pólos de atracção: Museu do Fado e Casa dos Bicos mas às vezes parecem funcionar numa lógica de centro comercial. Muito aparato mas pouco conteúdo.
Porque é que tem actividade neste bairro?	Existe um empenho em inovar/renovar os ícones. Fugir ao que é produzido na China em quantidades industriais. É importante aqui a ideia de vender experiências. Estes ateliers/lojas originais vendem também uma história, uma

	maneira de estar própria ligada à cidade de Lisboa.
Principais áreas de actividade económica do bairro	Produtos turísticos, restauração, hostels. É uma zona procurada pelos estrangeiros.
Principais áreas de actividade a nível cultural/criativo	Fado e os ícones da cidade. Os ícones que significam ser lisboeta: sardinhas, galos, santo António. A apropriação destes símbolos tradicionais e ícones da cidade de uma forma original e criativa que nos distinga pela qualidade do que é oferecido pelas lojas chinesas e indianas.
Existe uma identidade própria do bairro?	Sim. E creio que há um orgulho muito genuíno em ser de Alfama. Também pela rota do fado.
Esta zona pode ser considerada um bairro cultural?	Todos os bairros são culturais. Sim, este é um berço da cidade com características arquitectónicas próprias.
Quais as vantagens em desenvolver actividade neste bairro	Pelo prazer do sítio, a nível pessoal, e pelos turistas, a nível económico. Há um potencial, sem dúvida.
Principais dificuldades/problemas existentes no bairro e que sejam prejudiciais às actividades aí existentes	A falta de Segurança: lojas assaltadas, turistas incomodados.
Intervenção Pública em relação às actividades criativas e ao bairro em geral	Acho que é inexistente. Tudo o que se faz é a nível particular.
Factores importantes para um desenvolvimento sustentável das actividades criativas no bairro	Podiam-se disponibilizar espaços camarários desocupados que poderiam ser aproveitados e entregues a quem proveer actividades de valor.
A morfologia do espaço condiciona o tipo de actividade que se desenvolve no bairro?	Sim. O ambiente influencia a vontade de descobrir, de passear. Esta loja tem mais interesse pela história do local também. Há uma experiência materializada.

27

**Anabela Cardoso**, Anabela Cardoso Atelier Cerâmica – travessa S. Vicente, S. Vicente Fora/Alfama

Pintora de Azulejos, cerâmica (faiança e olaria). Atelier/oficina e loja para venda ao público. Faz um ano em Novembro que aqui estou.

Principais traços descritivos do bairro	S. Vicente/alfama. É um bairro típico lisboeta
Mudanças no bairro para melhor e pior nos últimos 5-10 anos	Não mudou nada, tirando a proibição dos carros entrarem no centro. Talvez se note um desaparecimento do comércio local. Há mais lojas de indianos e chineses. Há mais oficinas também de artesãos.
Porque é que tem actividade neste bairro?	oportunidade
Principais áreas de actividade económica do bairro	Mercearias, oficinas (cerâmica) artesãos, drogarias, cafés

Principais áreas de actividade a nível cultural/criativo	Cerâmica em grande força. E fado.
Existe uma identidade própria do bairro?	Sim, pelas pessoas, pelas ruas, pela fisionomia do espaço.
Esta zona pode ser considerada um bairro cultural?	Como bairro histórico sim. Mas devia estar mais recuperado.
Quais as vantagens em desenvolver actividade neste bairro	A existência de turistas. É uma zona de passagem.
Principais dificuldades/problemas existentes no bairro e que sejam prejudiciais às actividades aí existentes	O lixo que as pessoas depositam nas ruas logo durante o dia. Degradação das casas.
Intervenção Pública em relação às actividades criativas e ao bairro em geral	Não há incentivos.
Factores importantes para um desenvolvimento sustentável das actividades criativas no bairro	As pessoas querem vir aos bairros típicos para ver coisas típicas e não as lojas chinesas e indianas. Devia-se reabilitar mais o espaço, prédios e lojas e trazer jovens com actividades criativas. Quem sabe fazer-se um centro de artesanato.
A morfologia do espaço condiciona o tipo de actividade que se desenvolve no bairro?	Sim. Não há lojas zara aqui!

28

Sara Guerreiro, AMASSO, Mercado Santa Clara. S. Vicente de Fora

Cerâmica contemporânea. De autor. Faz em Junho um ano que estou aqui. Já trabalhava como ceramista e sou arquitecta de formação. Mas deixei e apostei tudo na cerâmica.

Principais traços descritivos do bairro	S. Vicente/alfama. São bairristas, há aquela vida de bairro. De café. Aqui começa-se a transformar. Já há a esplanada Clara clara. Nos dias de feira há todo o tipo de pessoas.
Mudanças no bairro para melhor e pior nos últimos 5-10 anos	Alfama tem cada vez mais estrangeiros a viverem lá. Compram casas de férias ou para passarem temporadas. Quanto aos de cá. Os miúdos do bairro vão-se dedicando ao tráfico de droga. O bairro está-se a transformar e a Emel transformou o trânsito só para residentes. Os espaços fechados estão-se a tornar zona nocturna. Um novo bairro alto. Os residentes não estão satisfeitos.
Porque é que tem actividade neste bairro?	Vim para aqui através de concurso público. Não foi o espaço escolhido à partida. Foi uma ocasião.
Principais áreas de actividade económica do bairro	estabelecimentos nocturnos
Principais áreas de actividade a nível cultural/criativo	Alfama-te. Fado
Existe uma identidade própria do bairro?	À volta da Feira da Ladra.
Esta zona pode ser considerada um bairro cultural?	Potencialmente pode vir a ser. Clara clara é um novo polo dinamizador, com potencial.

Quais as vantagens em desenvolver actividade neste bairro	Dois dias por semana com muitos visitantes. Comecei mais optimista. O nosso público são maioritariamente estrangeiros.
Principais dificuldades/problemas existentes no bairro e que sejam prejudiciais às actividades aí existentes	Haver apenas público em 2 dias da semana. Não haver divulgação.
Intervenção Pública em relação às actividades criativas e ao bairro em geral	Há pouca actuação. A CML dizia que faria divulgação e até agora nada. A Junta de Freguesia é receptiva a apoios
Factores importantes para um desenvolvimento sustentável das actividades criativas no bairro	divulgação. Estruturas mais próximas. Multibanco.
A morfologia do espaço condiciona o tipo de actividade que se desenvolve no bairro?	Condiciona. O acesso é difícil.

29

Carlos Cabral Nunes, Galeria PERVE, Alfama

A galeria começou em 1997 quando foi fundado o colectivo multimédia perve. Sobretudo para desenvolver o conceito de arte global. Na sequência do primeiro encontro de arte global, em 99, vamos a Moçambique e trouxemos conteúdos artísticos de lá que foram apresentados na Amadora. Mas saímos de lá porque não nos revíamos no modelo de cultura da Câmara M. amadora. Contactámos galerias para expor aquelas obras e por uma convergência de factores viemos parar aqui a Alfama. A 15 Março a galeria fez 12 anos. Fizemos a primeira exposição em 2000. Vir para aqui foi um acaso mas vem dar conceito à ideia que um bom projecto pode vingar mesmo no meio do deserto. Prova disso é que já ganhámos vários prémios. Em Novembro vamos ter aqui ao lado a Casa da Liberdade.

Principais traços descritivos do bairro	Extraordinário. Mais a nível de potencial do que o que é na verdade. São lugares como alfama (Pancho Guedes) que ainda guardam uma certa forma de cidade. O bairro dá primazia às pessoas. É uma vida familiar, de aldeia. Mas é um bairro que tem sido sempre maltratado, posto como um bairro marginal – prostitutas, estivadores, mulheres maltratadas, crianças pé descalço, bandidos e ladrões... é um bairro que resiste e mantém intacto o mesmo potencial. É um cluster de arte, cultura e pensamento como é o bairro alto, (art cult em Alfama). Tem uma grande variedade de habitantes, indigentes e que passam a vida na rua.
Mudanças no bairro para melhor e pior nos últimos 5-10 anos	O bairro tem muitas pessoas interessantes a habitá-lo. E Artistas. Tem havido uma reconversão do comércio local. Mas corre-se um risco: o de abrir o comércio a bares. Muito lentamente há edifícios recuperados e reabilitados. Há 2 momentos-chave de transformação no bairro e que colocam em risco a sua existência a nível do esvaziamento do bairro de lojas, serviços e pessoas.(Um abandono generalizado). Um foi o fim dos serviços aduaneiros que teve grande impacto no bairro. Dantes existia uma vida impressionante de bairro. Hoje tem muito menos. Depois

	<p>foi o Santana Lopes ao fechar alfama ao trânsito, tornando o bairro num condomínio passível só de ser utilizado por gente com dinheiro... Quem depende do comércio e da gente que vem ao bairro não tem a alternativa para o estacionamento. Foi perdida uma grande oportunidade para se ter alternativa. Com a requalificação do mercado de santa clara podia ter-se feito um parque subterrâneo... Os pontos positivos: a requalificação do edificado. A Junta de Freguesia de Santo Estevão tem feito um trabalho importante ao nível de criação de parques infantis modernos, centro idosos. Não havia recolha organizada de lixo, houve uma série de trabalho importante.</p> <p>Negativo: nunca ninguém parece ter ousado pôr em ordem as colectividades. Acabam por se transformar em antros degradantes que não têm razão de ser (tipo curvense). Pelo Santo António percebemos as potencialidades de Alfama e outro ponto positivo são as genuínas casas de fado que ainda existem: casas de fado vadio (Dragão de Alfama).</p>
Porque é que tem actividade neste bairro?	Por uma convergência de factores viemos parar aqui a Alfama. Vir para aqui foi um acaso mas vem dar conceito à ideia que um bom projecto pode vingar mesmo no meio do “deserto”.
Principais áreas de actividade económica do bairro	Bares, restaurantes, algumas tascas, casas de fado, mercearias de paquistaneses (devia fazer-se discriminação positiva), colectividades
Principais áreas de actividade a nível cultural/criativo	Galeria. Joalheria. É um bairro de ateliers (Até o banqueiro Paulo Teixeira Pinto teve aqui o seu atelier).
Existe uma identidade própria do bairro?	Não. Há uma atmosfera especial. Um potencial. Existe uma identidade em construção e desconstrução. E há pessoas que são guardiãs dessa ancestralidade.
Esta zona pode ser considerada um bairro cultural?	Não. Acho que é um bairro potencialmente cultural e artístico. O nosso projecto é de excepção.
Quais as vantagens em desenvolver actividade neste bairro	Existem umas e outras não. Sim porque a galeria tal como é seria impensável noutro sítio. Tem personalidade, identidade. Uma atmosfera especial. Potencialmente permite uma extensão – casa da Liberdade. Achar e acreditar que se conseguimos ganhar mais voz protagonismo talvez daqui a uns anos esta realidade se altere.
Principais dificuldades/problemas existentes no bairro e que sejam prejudiciais às actividades aí existentes	Fechar o bairro ao trânsito. O Estado das ruas e das casas. Não haver incentivos a longo prazo.
Intervenção Pública em relação às actividades criativas e ao bairro em geral	A CML, Misericórdia, Seg. Social, são os maiores proprietários imobiliários de Alfama e são os que menos fazem pela recuperação do património. Há dois responsáveis principais: poderes públicos e entidades fiscalizadoras cegas.

Factores importantes para um desenvolvimento sustentável das actividades criativas no bairro	Estratégias de longo prazo. Mobilidade a partir da colocação de bicicletas.
A morfologia do espaço condiciona o tipo de actividade que se desenvolve no bairro?	O tipo de edificado é muito heterogéneo. Não há uma característica única. Nalguns casos o que existe disponível pode ser uma limitação a uma oportunidade com espaços muito especiais. Numa altura em que a sociedade é mais globalizada estes espaços únicos ganham mais valor. Ninguém quer sair do seu país para vir ver o mesmo.

30

**Isabel Tomás, Amores de Tóquio, Campo de Santa Clara, S. Vicente de Fora**

Designer de Moda de formação. Faço peças de vestuário e objectos de moda. Dantes trabalhava em casa. Há 7 anos que a marca “amores de Tóquio” e o blog existem. Aqui estou há 2 anos.

Principais traços descritivos do bairro	Em geral é um bairro muito tranquilo. Nos dias de feira enche-se de gente. Alfama é um bairro muito característico. Uma aldeia dentro da cidade.
Mudanças no bairro para melhor e pior nos últimos 5-10 anos	Não sabe
Porque é que tem actividade neste bairro?	Andava à procura de um espaço mas gosto muito do espaço da feira. Entretanto foi lançado concurso público.
Principais áreas de actividade económica do bairro	Comércio tradicional. Minimercados de indianos, restaurantes. Casas de fado. Feira da ladra e antiquários.
Principais áreas de actividade a nível cultural/criativo	Antiquários. Lojas criativas.
Existe uma identidade própria do bairro?	Sim. Mais de alfama.
Esta zona pode ser considerada um bairro cultural?	Não. Só pelo fado...
Quais as vantagens em desenvolver actividade neste bairro	Essencialmente por causa da feira da ladra.
Principais dificuldades/problemas existentes no bairro e que sejam prejudiciais às actividades aí existentes	O facto de não haver divulgação das lojas. Este é um local que só tem gente nos dias de feira. Falta de comércio de apoio à actividade.
Intervenção Pública em relação às actividades criativas e ao bairro em geral	Muito fraco.
Factores importantes para um desenvolvimento sustentável das actividades criativas no bairro	Divulgação mais consistente
A morfologia do espaço condiciona o tipo de actividade que se desenvolve no bairro?	Não

31

**Teresa Pavão, Atelier, Sé**

Ceramista e têxtil de formação. Tapeçista. Artista plástica. Estou aqui desde 2004. Era uma antiga padaria. Gosto muito desta zona de Lisboa e moro perto. A abertura da loja coincide com uma viagem a Paris e com o desejo de abrir uma loja parecida aos ateliers presentes no bairro do Marais. Tinha um atelier na zona do Restelo onde dava aulas. Mas não tinha qualquer visibilidade. Aqui a loja vive do trabalho directo. Comercializo aqui o meu trabalho e também dou aulas. Assim como no Alentejo. É um trabalho incerto. A loja assenta num conceito especial. As peças são únicas, tal como as pessoas. Tenho um núcleo de compradores portugueses que vêm por marcação. Em termos de projecção internacional, gostaria de ter uma loja fora.

Principais traços descritivos do bairro	Bairro da Sé. A loja é quase encostada à muralha. O percurso para o trabalho é uma coisa que adoro. Há uma mistura de população. Tanto em termos comerciais como de habitantes. Há muitos turistas. É uma zona muito típica e muito procurada por turistas, com uma grande carga histórica, muito lisboeta. É a alma de Lisboa.
Mudanças no bairro para melhor e pior nos últimos 5-10 anos	Começou a haver mais coisas. Pois café, Onda Jazz. Mas há uma tranquilidade de origem que acaba por ser respeitada. Há uma vida que corre independentemente do turismo. Há muitas coisas que se cruzam. Vida de bairro.
Porque é que tem actividade neste bairro?	Gosto muito desta zona de Lisboa e moro perto. A abertura da loja coincide com uma viagem a Paris e com o desejo de abrir uma loja parecida aos ateliers presentes no bairro do Marais.
Principais áreas de actividade económica do bairro	Restauração, mercearias, fábrica dos óculos, casas de fados
Principais áreas de actividade a nível cultural/criativo	Onda Jazz, Ateliers vários, antiguidades, fado
Existe uma identidade própria do bairro?	sim. Muito própria. Tem essa proximidade com a alma da cidade, com o rio, com a arquitectura.
Esta zona pode ser considerada um bairro cultural?	Sim. Basta que seja um bocadinho a alma da cidade. Pela gastronomia, pelo fado, pelos ateliers.
Quais as vantagens em desenvolver actividade neste bairro	Aqui a loja vive do trabalho directo. Comercializo aqui o meu trabalho e também dou aulas. Assim como no Alentejo. Gosto de estar aqui mas comercialmente não é o sítio mais privilegiado. (venderia mais no Príncipe Real talvez) mas também não conseguiria produzir e trabalhar ao mesmo tempo na loja. E eu gosto deste recato.
Principais dificuldades/problemas existentes no bairro e que sejam prejudiciais às actividades aí existentes	Falta de Segurança. Passam muitos malucos. Sujidade. Cocó de cão. Acho que é tudo muito lento. Cito o exemplo das pedras da calçada que levam que tempos a arranjar.
Intervenção Pública em relação às actividades criativas e ao bairro em geral	Insuficiente.
Factores importantes para um desenvolvimento sustentável das actividades criativas no bairro	Limpeza, segurança, preservação do património

A morfologia do espaço condiciona o tipo de actividade que se desenvolve no bairro?	Obrigatoriamente, sim.
---	------------------------

32

<b>Ricardo Casimiro, Atelier de Cerâmica – Ricardo Casimiro, S. Vicente Fora/Alfama</b>
---

Cerâmica de autor. Faço arte em cerâmica. Comecei há 10 anos. Faço também exposições com trabalhos próprios. Defino-me através do poema de José Regio “Cântico Negro”.

Principais traços descritivos do bairro	Entre Graça e Alfama. Na rota do 28. Espaço de gaveto com grande visibilidade e por achar que passam aqui muito mais pessoas. É um bairro medieval. Aqui conhecem-se as pessoas todas. As casas são pequenas e as pessoas vêm para a rua.
Mudanças no bairro para melhor e pior nos últimos 5-10 anos	O que tenho observado é que há mais turismo porque há muitos apartamentos a serem alugados pela internet. Turismo de apartamentos. Têm aberto mais pequenos negócios. Eu era o único em cerâmica. Existe um oleiro na rua do Salvador. Piorou a limpeza. Dantes o lixo era posto à noite e agora temos lixeiras a céu aberto.
Porque é que tem actividade neste bairro?	Quando comecei a fazer cerâmica precisava de um espaço multifuncional. E comecei à procura de um espaço para comprar. Eu gostava ou de bairro alto ou de Alfama. Achei que no BA havia pouca coisa e que havia sobretudo vida nocturna e de manhã era uma lixeira pública. Então descobri este espaço que estava há 6 anos para venda. E comprei o espaço a cair de podre. Há 10 ou 11 anos.
Principais áreas de actividade económica do bairro	Ateliers, lojas artesanato. Hoje em dia há muitos espaços para alugar por serem pequenos e insalubres está tudo ocupado por minimercados de chineses e indianos e por mercearias.
Principais áreas de actividade a nível cultural/criativo	Cerâmica. Antiquários. Fado. Voz do Operário. Mas não há uma dinamização. (como nas galerias de arte do Porto, por exemplo, com, inaugurações consecutivas)
Existe uma identidade própria do bairro?	sim
Esta zona pode ser considerada um bairro cultural?	Sim. Patrimonial. Arquitectónico.
Quais as vantagens em desenvolver actividade neste bairro	Pela zona histórica e pelo turismo. Alfama é o sítio mais visitado, atrás do Castelo e do Mosteiro dos Jerónimos.
Principais dificuldades/problemas existentes no bairro e que sejam prejudiciais às actividades aí existentes	Limpeza do bairro. Falta de divulgação (sobretudo online) O trânsito condicionado não me afecta. Estacionamento e acessos.

Intervenção Pública em relação às actividades criativas e ao bairro em geral	É deficiente. Não há manutenção/controle. Fiscalização existe apenas para angariar dinheiro.
Factores importantes para um desenvolvimento sustentável das actividades criativas no bairro	Maior divulgação online. Maior divulgação cultural.
A morfologia do espaço condiciona o tipo de actividade que se desenvolve no bairro?	Não. Tudo o que pode condicionar é o acesso e o estacionamento. Cito o exemplo da galeria Perve que apareceu aqui no meio sem quaisquer acessos.

33

### Frederico, Designer - Talho Re-Design/Open Studio - Sé

Este espaço é do Frederico (brasileiro) e está dividido espacial e conceptualmente. Um dos lados é open studio. A outra parte é da empresa Re-Design (criação turística de merchandising inovador, atelier e loja. Depois actualmente trabalha aqui uma artista plástica (Constança) e uma ilustradora alemã (Alexa)

Principais traços descritivos do bairro	Alfama. Bairrista.(Constança está cá há um ano). Há um envolvimento muito grande com a comunidade. Troca de favores ( a nível logístico). Fred abriu aqui há um ano.
Mudanças no bairro para melhor e pior nos últimos 5-10 anos	Não sabe.
Porque é que tem actividade neste bairro?	Uma simpatia pelo sítio. O projecto foi pensado para ter as portas abertas. O <i>merchandising</i> é um produto turístico e, nesse sentido, fazia todo o sentido.
Principais áreas de actividade económica do bairro	Mercearias. Estão a ser ocupadas pelos indianos. Padarias. Turismo.
Principais áreas de actividade a nível cultural/criativo	Fado. Há o Alfama-te
Existe uma identidade própria do bairro?	sim. Sentido de comunidade. Ambiente. O bairro molda as pessoas. É bairrista no geral
Esta zona pode ser considerada um bairro cultural?	não
Quais as vantagens em desenvolver actividade neste bairro	O <i>merchandising</i> é um produto turístico e, nesse sentido, fazia todo o sentido.
Principais dificuldades/problemas existentes no bairro e que sejam prejudiciais às actividades aí existentes	Só há oportunidades. Não há falta de acessos. Há muita gente.
Intervenção Pública em relação às actividades criativas e ao bairro em geral	Positiva. Sobretudo da Junta de Freguesia. O presidente é muito aberto e empresta-nos materiais por exemplo. (videoprojector para conferências que realizamos – semana sim, semana não convidam um orador para falar.
Factores importantes para um desenvolvimento sustentável das actividades criativas no bairro	Mais sinergias. Informação do que aqui se passa. Basta os jovens quererem vir para aqui. Cabe-nos também encontrar soluções.
A morfologia do espaço condiciona o tipo de actividade que se desenvolve no bairro?	Mais propicia a serviços. Há regras (Emel).

<b>Sofia Bicho – Museu do Fado, Alfama</b>
--

Existe desde 1998. Era um edifício da CML que foi adaptado a pensar no museu e fazia sentido por ser em Alfama. Foi uma decisão política.

Principais traços descritivos do bairro	Alfama é um bairro histórico extremamente ligado à história do fado.
Mudanças no bairro para melhor e pior nos últimos 5-10 anos	Continua a estar centrado no fado todos os restaurantes acabam por ter fado. A nível do museu os visitantes têm aumentado. Há mais turistas e os portugueses vêm mais em eventos especiais. A vivência de bairro parece-me a mesma. Há mais gente nova a morar ou a frequentar o bairro. Mas talvez não seja a pessoa indicada para falar.
Porque é que tem actividade neste bairro?	Era um edifício da CML que foi adaptado a pensar no museu e fazia sentido por ser em Alfama. Foi uma decisão política.
Principais áreas de actividade económica do bairro	Restauração, actividades para turistas, lojas de souvenirs, fado
Principais áreas de actividade a nível cultural/criativo	Fado. Artesanato ligado à tradição. As ligações ao fado vão sofrendo misturas, com novos artistas, novas contribuições.
Existe uma identidade própria do bairro?	Sim, há um bairrismo, sentimento grande de pertença.
Esta zona pode ser considerada um bairro cultural?	Sim. Todos os bairros o são. Mas aqui há uma cultura muito direccionada. Há um desejo dos próprios de manter a identidade do bairro. O museu faz todo o sentido aqui.
Quais as vantagens em desenvolver actividade neste bairro	O bairro alto e a mouraria também têm grandes ligações ao fado mas alfama tem-na desde o séc. XIX. Há alguns circuitos de fado – normalmente os artistas ligam-se a casas em concreto. Os amadores vão de casa em casa. (Adicense, Bela, Tasca do Xico)
Principais dificuldades/problemas existentes no bairro e que sejam prejudiciais às actividades aí existentes	Estacionamento. Falta de sinalética. Mas não nos podemos queixar muito.
Intervenção Pública em relação às actividades criativas e ao bairro em geral	Nós temos muita interacção com o bairro. Somos CML. A ideia do museu é estar em permanente comunicação com o bairro. O nosso espólio é constituído sobretudo por doações. Houve grandes obras de reabilitação, intervenções a nível de esgotos e prédios.
Factores importantes para um desenvolvimento sustentável das actividades criativas no bairro	Acessos. Sinalética. Reabilitação, divulgação. Mas de uma maneira geral, os eventos correm todos muito bem e têm

	muita afluência.
A morfologia do espaço condiciona o tipo de actividade que se desenvolve no bairro?	Sim, o facto da história do fado estar ligada ao bairro tem a ver com a população que aqui reside. O próprio espaço permite isso. As pessoas estão muito próximas. Todas as pessoas cantam fado.

35

**Cristina Pina - Azulejos e Faianças de S. Vicente, S. Vicente de Fora**

Sou pintora cerâmica. Tenho um percurso de 29 anos na cerâmica e vivo da actividade. Comecei a trabalhar em oficinas a pintar azulejos. Senti a falta do desenho que aprendi com Pedro Calapez e na Sociedade Nacional de Belas Artes. Estou aqui há 3 anos. Como trabalho por encomenda este acaba por ser o meu escritório. Quando faço vendas isso acaba por ser uma mais valia. Os estrangeiros perguntam se este é o Cartier dos artistas.

Principais traços descritivos do bairro	É um bairro típico). As pessoas convivem bastante bem. Há entreajuda.
Mudanças no bairro para melhor e pior nos últimos 5-10 anos	Tinha mais comércio tradicional. As pessoas de fora vêm ocupar as lojas. A maior parte das casas já estão alugadas a estrangeiros ou a jovens. Os estrangeiros têm uma grande preocupação em manter a traça original. Os filhos das famílias daqui não ficaram no bairro e a juntar a isso os reformados do bairro voltaram para a terra. Avinda de estrangeiros é uma mais valia. Cada vez há mais oficinas de todas as áreas criativas. Desde que estou aqui abriram pelo menos mais 3 ateliers e já existe uma rota, passeio organizado com o título “arte e Ofícios”.
Porque é que tem actividade neste bairro?	Este local foi escolhido porque conhecia bem a rua por ter trabalhado aqui perto. Era uma farmácia. Passei um dia e a loja estava deserta, sem nada. Achei que era um sítio ideal. Uma rua de comércio (mercearias, farmácia, café) tradicional. Hoje é uma rua com mais recato.
Principais áreas de actividade económica do bairro	Pequeno comércio. Oficinas/Ateliers
Principais áreas de actividade a nível cultural/criativo	Cada vez há mais oficinas de todas as áreas criativas.
Existe uma identidade própria do bairro?	Existe uma identidade própria. Tem a ver com a proximidade entre as pessoas. O facto de virem do mesmo sítio. As actividades culturais – marchas, unem os bairros por uma causa. O facto de nascerem neste bairro transforma um pouco as pessoas. As pessoas são diferentes. Há menos isolamento.
Esta zona pode ser considerada um bairro cultural?	Sim. Esta zona tem o Voz do Operário (casa que sempre divulgou novos artistas) e a Caixa económica operária. Tem o bar Botequim.(Graça)
Quais as vantagens em desenvolver actividade neste bairro	Pelo recato que ainda tenho. E quando quero vender abro a porta. Há mais gente às terças e sábados. Mas de uma

	maneira geral cada vez há mais turistas todo o ano.
Principais dificuldades/problemas existentes no bairro e que sejam prejudiciais às actividades aí existentes	Falta de Segurança. Eléctrico 28. Estacionamento.
Intervenção Pública em relação às actividades criativas e ao bairro em geral	Não dou por ela. Acho que têm alguma actividade junto das populações idosas mas os bairros não podem viver só disso. É preciso criar estruturas para que as pessoas possam vir a ocupar o bairro. (comércio, revitalização). Virem ouvir os comerciantes para obterem sugestões. Faz falta divulgação, dinamização.
Factores importantes para um desenvolvimento sustentável das actividades criativas no bairro	Propusemos à Junta sinalizar as ruas. É importante que os estrangeiros andem a pé. Em qualquer cidade as coisas estão sinalizadas. Nada está assinalado.
A morfologia do espaço condiciona o tipo de actividade que se desenvolve no bairro?	Não. Esta zona tem tudo para ter uma boa actividade criativa. Há boas escolas (Gil Vicente). A graça traz muita gente nova. Muita gente que aqui vive por si só é da área das artes. O bairro tem já o tipo de pessoas e tem os sítios.

36

<b>Ana Martinho – AR.CO, Castelo</b>
--------------------------------------

Surge em 1973 por vontade de um grupo de pessoas que se juntaram (formação e divulgação das artes alternativas). Faz 40 anos para o ano. Foi uma oportunidade instalar-se aqui. (esteve aqui instalada a Cinemateca). A joalheria e escultura estão à parte. Têm uma dependência em Almada. Em termos de recursos, a ARCO é uma instituição com muito poucos recursos.

Principais traços descritivos do bairro	A colina do castelo vive como colina que é indissociável. Como um todo. O bairro é o resultado de um conjunto de 3 frentes distintas: lado do turismo; lado de quem habita , que é uma população envelhecida e o lado das estruturas culturais/institucionais. É estranhamente rico. Mas estes 3 planos não se cruzam (A oikos por exemplo já foi embora).
Mudanças no bairro para melhor e pior nos últimos 5-10 anos	
Porque é que tem actividade neste bairro?	Foi uma oportunidade instalar-se aqui. (esteve aqui instalada a Cinemateca).
Principais áreas de actividade económica do bairro	turismo, restauração, poucos serviços e algumas instituições mas sem contacto entre si.
Principais áreas de actividade a nível cultural/criativo	Há 3 antiquários (dantes havia mais). Esteve o museu das marionetas mas foi para Santos. O Castelo (que é única entidade que dá lucro) A FRESS é a entidade que pode fazer mais pela colina – tem um museu, escola artes-decorativas, acervo, colecção, ofícios. E tem actualmente a ESAD em Alcântara que seria óptimo trazer para a colina. Seria um passo para o futuro. Escola superior de artes

	decorativas- dá o passo necessário à frente.
Existe uma identidade própria do bairro?	Não. As vertentes, os vários lados não se cruzam. São circuitos diferentes.
Esta zona pode ser considerada um bairro cultural?	Não. Há potencial para isso mas o resultado não é esse. É rica em instituições culturais mas elas não funcionam para um fim comum.
Quais as vantagens em desenvolver actividade neste bairro	Não há propriamente. Há um espaço com uma ambiência própria e identidade mas isso é insuficiente.
Principais dificuldades/problemas existentes no bairro e que sejam prejudiciais às actividades aí existentes	A EMEL que fechou o trânsito. Acabaram com muita afluência de alunos. Não há alternativas de transporte. São precários. À noite não existem. Houve instituições que já foram embora como a Oikos. O próprio Chapatô já transitou os seus serviços para outras instalações. Estado geral degradado do património. Falta de estruturas de Comunicação. A ARCO nunca conseguiu enraizar-se em termos sociais.
Intervenção Pública em relação às actividades criativas e ao bairro em geral	A CML não se interessa activamente pelas zonas históricas. Os bairros estão ao abandono. Falta de tomada de posição política. Está em curso uma revisão do PDM.
Factores importantes para um desenvolvimento sustentável das actividades criativas no bairro	É preciso uma responsabilização do ponto de vista estratégico. Faz falta uma plataforma onde se possa cruzar toda a informação.
A morfologia do espaço condiciona o tipo de actividade que se desenvolve no bairro?	Esta geografia é muito especial. As acessibilidades são muito complicadas. Apesar disso há um novo elevador da EMEL que vem facilitar o acesso. Sim, representa uma dificuldade mas também uma oportunidade.

37

**Pedro Fidalgo – Bacalhoeiro, Sé**

Somos 3 os responsáveis pelo bacalhoeiro e 6 pessoas a trabalhar a tempo inteiro. Há 6 anos que estamos aqui. Somos uma associação cultural. Fazemos actividades culturais: concertos, teatro, projecção de filmes, etc. Todas as 3<sup>as</sup> feiras há filmes com jantar vegetariano. Todos os eventos que fazemos são grátis para os nossos sócios. Temos 30.000 sócios que pagam 12 € ao ano.

Principais traços descritivos do bairro	Estamos no limiar entre Alfama e a baixa. Metade a rua é Sé e a outra metade é Madalena. É o fim desta zona popular.
Mudanças no bairro para melhor e pior nos últimos 5-10 anos	Alfama está a ganhar muitos espaços culturais e nocturnos. Há no entanto um abandono gigante nesta zona. Está-se a esvaziar e não está a ser renovada. O outro lado é uma zona popular que não tem uma evolução por aí além. O bairro está-se a transformar a nível turístico. À noite está a atrair a malta mais alternativa que não gosta da

	massificação.
Porque é que tem actividade neste bairro?	Quando pensámos neste sítio não queríamos estar longe do bairro alto. Era um sítio intermédio. Hoje em dia vejo mais vantagens em estar aqui.
Principais áreas de actividade económica do bairro	Restauração, turismo, lojas de souvenirs, fado
Principais áreas de actividade a nível cultural/criativo	Colectividades.
Existe uma identidade própria do bairro?	Sim, em Alfama e que se estende até à Sé. Está ligada à estrutura física do bairro e ao bairrismo dos seus habitantes que é cultivado pelos próprios. É uma aldeia dentro da cidade. Ouvem-se os galos a cantar e os berros à janela. É original.
Esta zona pode ser considerada um bairro cultural?	Não. Tem um âmbito mais popular.
Quais as vantagens em desenvolver actividade neste bairro	Quando pensámos neste sítio não queríamos estar longe do bairro alto. Era um sítio intermédio. Hoje em dia vejo mais vantagens em estar aqui.
Principais dificuldades/problemas existentes no bairro e que sejam prejudiciais às actividades aí existentes	Delinquência. Toxicodependência, características próprias do bairro social, pobreza, violência.
Intervenção Pública em relação às actividades criativas e ao bairro em geral	A CML não dava dinheiro mas fornecia materiais. Licenças. Havia subsídios do IPJ. Com as Juntas de Freguesia também se fazia alguma coisa mas esse apoio tem desaparecido ultimamente.
Factores importantes para um desenvolvimento sustentável das actividades criativas no bairro	É preciso apoio para as actividades culturais.
A morfologia do espaço condiciona o tipo de actividade que se desenvolve no bairro?	Muito. É sempre pequeno comércio. Sim

38

**Atelier de S. Vicente, Chloé, S. Vicente de Fora**

Atelier de marcenaria e restauro de móveis. Estava em arquitectura em França e depois veio para cá e estudou no Instituto das Artes e Ofícios. Conheceu a sócia do Atelier nas Belas Artes. A sócia é marceneira e entalhadora e trabalham há cerca de 5 anos nesta área. Estamos a crescer e temos outro espaço na Av. Roma. Estamos em altura de crise e ter dois ateliers é demasiado mas gostávamos de manter este espaço porque há aqui muitas galerias. É um espaço de artesãos.

Principais traços descritivos do bairro	Bairros mais típicos/históricos. Há uma mistura de tudo. Aldeia dentro da cidade. Cruzamento de pessoas onde existe pequeno comércio. Proximidade entre as pessoas.
Mudanças no bairro para melhor e pior nos últimos 5-10 anos	Está cada vez mais dinâmico. Tem cada vez mais pessoas. As pessoas começam cada vez a descobrir mais o bairro. Turistas houve sempre mas portugueses também. Há uma ponte que está a crescer entre colinas.

Porque é que tem actividade neste bairro?	Pela envolvência. Rua de ateliers. Espaço turístico mas tranquilo ao mesmo tempo.
Principais áreas de actividade económica do bairro	Cafés, restauração, feira da ladra.
Principais áreas de actividade a nível cultural/criativo	Talvez a Voz do Operário
Existe uma identidade própria do bairro?	Sim. Bairros mais típicos/históricos. Há uma mistura de tudo. Aldeia dentro da cidade. Cruzamento de pessoas onde existe pequeno comércio. Proximidade entre as pessoas.
Esta zona pode ser considerada um bairro cultural?	Sim e não, porque há um potencial que não está explorado
Quais as vantagens em desenvolver actividade neste bairro	Ter uma porta aberta para a rua. Podemos fechar a porta se quisermos também. É tranquilo. O atelier tem a ver com este tipo de rua.
Principais dificuldades/problemas existentes no bairro e que sejam prejudiciais às actividades aí existentes	O restauro é um luxo, não é um bem essencial e por isso é difícil vender na actualidade. A dificuldade é encontrar consenso entre o tempo de trabalho e o preço de cada peça.
Intervenção Pública em relação às actividades criativas e ao bairro em geral	Não posso falar. Não temos conhecimento.
Factores importantes para um desenvolvimento sustentável das actividades criativas no bairro	Maior conhecimento entre todos. Intercâmbio entre as pessoas. CML e Junta cederem mais espaços.
A morfologia do espaço condiciona o tipo de actividade que se desenvolve no bairro?	Sim. O pequeno comércio.

39

**José Antunes, Lisbon Walker, Alfama**

Iniciámos actividade em 2005. Fazemos passeios por Lisboa. Fazemos actividades e jogos com grupos: para lisboetas, escolas, estrangeiros (temas específicos das escolas).

Principais traços descritivos do bairro	O bairro está a atravessar um período de transformação. Apesar disso tem ainda um tipo de vida comunitária.
Mudanças no bairro para melhor e pior nos últimos 5-10 anos	Era um bairro muito mais vivo do que há uns anos atrás. A Alfama típica está a desaparecer. Já não há varinas. Os estivadores deixaram de trabalhar. Com a abertura das fronteiras os despachantes também desapareceram. As pessoas que nasceram aqui, saíram do bairro. Procuram outras comodidades, além de que o m2 aqui está mais caro. Há 30 anos atrás não havia casas-de-banho nas casas. O bairro vai atraindo gente nova (mais universitários e Erasmus). Há muitos apartamentos vazios a serem alugados. Há restaurantes novos, já não tão típicos. Alfama é um sítio já caro para viver.

Porque é que tem actividade neste bairro?	Alfama já fazia parte do meu quotidiano. Já estávamos a planear os passeios há mais tempo e em 2005 surgiu a oportunidade de vir para este espaço. Havia uma relação de proximidade com a Junta de Freguesia (Santo Estevão) que nos interessou.
Principais áreas de actividade económica do bairro	Turismo. Aluguer de casas. Restauração, bares. Alfama sempre teve vida nocturna.
Principais áreas de actividade a nível cultural/criativo	Ateliers, galerias de arte, há muita gente que faz uso do espaço a nível criativo: sessões fotográficas, por exemplo. O momento mais criativo é o Santo António. Há 4 músicos estrangeiros a viver aqui.
Existe uma identidade própria do bairro?	Naturalmente, sim
Esta zona pode ser considerada um bairro cultural?	Não pela falta de actividades culturais
Quais as vantagens em desenvolver actividade neste bairro	Estamos perto das zonas onde fazemos os passeios
Principais dificuldades/problemas existentes no bairro e que sejam prejudiciais às actividades aí existentes	Segurança. Ruas estreitas e apertadas. Muitos carros. Trânsito. Falta de civismo. Sujidade, buracos. Falta de perspectivas, de uma estratégia para Alfama.
Intervenção Pública em relação às actividades criativas e ao bairro em geral	A CML é disfuncional. Mas a nós por exemplo apoiaram-nos um projecto “Lisboa a pé”.
Factores importantes para um desenvolvimento sustentável das actividades criativas no bairro	Só falta a existência de pessoas para fazerem coisas. E receptividade das instituições. Iniciativa.
A morfologia do espaço condiciona o tipo de actividade que se desenvolve no bairro?	Naturalmente

40

**Isabel Cordeiro, ATLA – Associação de Tempos Livres de Alfama**

Desde 1985. Dedicamo-nos aos tempos livres e actividades culturais extra-escola de crianças e jovens entre os 3 e 15 anos. A ATLA teve um momento difícil mas tem vindo a renovar-se e a tornar-se mais profissional. Há crianças do bairro e outras de fora (que têm cá os avós por exemplo). Trabalhamos com cerca de 70 crianças. Nos períodos de almoço chegamos a ter 120 crianças. Em 2011 tivemos 2244 participantes (entre auxiliares e crianças) nas nossas actividades. Promovemos estágios com a Escola Superior de Educação Almeida Garrett e temos boas relações com a Fundação Ricardo Espírito Santo Silva.

Principais traços descritivos do bairro	Socialmente o bairro tem vindo a degradar-se.
Mudanças no bairro para melhor e pior nos últimos 5-10 anos	Pessoas de fora estão a vir habitar o bairro. As associações estão a morrer mas também nós passámos por essa fase. Muitos projectos sem financiamento, reduções de pessoal. Houve uma altura em que havia muita droga. O dinamismo cultural que o bairro tem é feito por pessoas de fora.

Porque é que tem actividade neste bairro?	–
Principais áreas de actividade económica do bairro	Pequeno comércio, restauração, turismo.
Principais áreas de actividade a nível cultural/criativo	Santos populares. Fora isso não há nada que se destaque tanto.
Existe uma identidade própria do bairro?	Há uma identidade mas olhando para a pobreza material e social que as pessoas têm, independentemente de estar na moda é um bairro muito degradado. A identidade que existia há 50 anos atrás perdeu-se.
Esta zona pode ser considerada um bairro cultural?	Sim no sentido de bairro típico com uma cultura ligada ao fado.
Quais as vantagens em desenvolver actividade neste bairro	–
Principais dificuldades/problemas existentes no bairro e que sejam prejudiciais às actividades aí existentes	Acessos, mentalidade das pessoas (pouco abertas a coisas diferentes), resistência à mudança (a que aconteçam outras coisas) e falta de civismo/educação. Conseguir obter a participação da população. Falta de comunicação/cooperação entre entidades. Falta uma cultura de trabalho em rede.
Intervenção Pública em relação às actividades criativas e ao bairro em geral	Muito pobre. Para além do fado, a CML poderia estimular outro tipo de população. Santo estevão é uma freguesia muito activa. Mas faltam espaços verdes. Alfama tem escolas com muito más condições.
Factores importantes para um desenvolvimento sustentável das actividades criativas no bairro	Maior envolvimento das entidades com responsabilidades. Fazer um plano plurianual. Cada um está na sua capelinha e não quer saber.
A morfologia do espaço condiciona o tipo de actividade que se desenvolve no bairro?	Não. Se for bem explorado as dificuldades naturais são vencidas. Actividades mais propícias a públicos pequenos.

41

**Sr. Germano, Lusitano Clube, Sé**

Fundado em 1905. O Clube teve aqui tudo: ténis mesa, futebol de salão (participávamos em torneios). O clube teve um período de abandono no princípio do séc. XXI. Há 5 anos é que houve um grupo de pessoas que pegou nisto e levou o Clube para a frente. Começámos a ter a Roda de Choro e fados. Actividades culturais e recreativas. A anterior direcção começou a ter dificuldade com as licenças da CML e queixas de barulho. Entretanto vamos tendo os eventos do Alfama-te!

Principais traços descritivos do bairro	
Mudanças no bairro para melhor e pior nos últimos 5-10 anos	Não vejo grandes mudanças de há dez anos para cá. A EMEL tirou muito movimento a Alfama. Estragou o comércio local. Há gente nova – portugueses e estrangeiros e a população está mais envelhecida. Nos bairros históricos havia muitas tipografias e outras pequenas indústrias que foram desaparecendo. Há uma desertificação.

Porque é que tem actividade neste bairro?	–
Principais áreas de actividade económica do bairro	Restauração, cafés e mercearias
Principais áreas de actividade a nível cultural/criativo	Fado
Existe uma identidade própria do bairro?	Sim tem. O fado, as vielas.
Esta zona pode ser considerada um bairro cultural?	Para quem visita sim, património, arquitectura mas na realidade não há muita actividade cultural
Quais as vantagens em desenvolver actividade neste bairro	Existem vantagens desde que haja apoios.
Principais dificuldades/problemas existentes no bairro e que sejam prejudiciais às actividades aí existentes	Licenças (400 euros), as pessoas terem deixado de frequentar a colectividade (temos cerca de 200 sócios que pagam 1€/mês)
Intervenção Pública em relação às actividades criativas e ao bairro em geral	Temos apoio da Junta da Sé, a nível logístico e financeiro, quando têm possibilidade.
Factores importantes para um desenvolvimento sustentável das actividades criativas no bairro	Apoios para criarmos actividades e chamarmos as pessoas. Nós colaboramos com quem quiser. Temos sempre este espaço aberto.
A morfologia do espaço condiciona o tipo de actividade que se desenvolve no bairro?	Não condiciona

42

**Virgílio Teixeira, Clube Adicense, Alfama**

Clube recreativo. Dedicado ao desporto. Tínhamos escolas de natação talvez das maiores do país (Jardim do Tabaco). Hoje trabalhamos apenas com miúdos até aos 15 anos. Não temos aqui nenhum campo de futebol. Na parte cultural tivemos teatro. Temos fados regularmente com grandes valores. Vamos fazer uma escola de fados, com aulas. Todos os anos temos um concurso de fado amador, principalmente juvenil. A nossa sede está todos os dias aberta na rua Norberto Araújo. Havia 6 ou 7 colectividades em Alfama, em S. Miguel. Hoje em dia há 3. O Adicense tem 60 miúdos a fazer desporto semanalmente: ginásio, torneios fora do bairro, futebol de rua e pesca.

Principais traços descritivos do bairro	Estão-se a perder as características do bairro.
Mudanças no bairro para melhor e pior nos últimos 5-10 anos	Há muitos estrangeiros a viver cá. Os originários do bairro têm saído daqui (as casas não são próprias). Não há muitas estruturas. Há menos escolas. A reabilitação tem sido feita mas há edifícios à espera há 20 anos. O bairro é mais conhecido pelos estrangeiros mas eles não fazem vida aqui. As raízes estão a desaparecer. Cada vez há mais casas de fado e tascos. Daqui a pouco parecemos um bairro alto. Tirando isso o bairro está morto: o pequeno comércio tem vindo a fechar.
Porque é que tem actividade neste bairro?	Clube recreativo de bairro.
Principais áreas de actividade económica do bairro	Restauração. Casas de fado.

Principais áreas de actividade a nível cultural/criativo	Fado. Aqui no Adicense temos fado de 15 em 15 dias
Existe uma identidade própria do bairro?	Já não existe. Só se for pela marcha que é um motivo forte de união.
Esta zona pode ser considerada um bairro cultural?	
Quais as vantagens em desenvolver actividade neste bairro	Estar junto das pessoas do bairro
Principais dificuldades/problemas existentes no bairro e que sejam prejudiciais às actividades aí existentes	A falta de segurança é muito grande
Intervenção Pública em relação às actividades criativas e ao bairro em geral	Nem a Junta nem a CML ajudam.
Factores importantes para um desenvolvimento sustentável das actividades criativas no bairro	Recuperação do bairro. Policiamento.
A morfologia do espaço condiciona o tipo de actividade que se desenvolve no bairro?	Não. Qualquer actividade se pode desenvolver.

43

**Vitor Hugo Silva, Chefe de Serviços Sociais – A Voz do Operário, S. Vicente de Fora**

A Voz do Operário faz 130 anos em 2013. É uma IPSS de interesse público. A principal área é a da Educação: da cresce ao 2º ciclo. Tem um modelo pedagógico diferente do comum: componente de autonomia, de intervenção na comunidade e no bairro através da cultura e desporto. Semanalmente há noites ou tardes de fado. A marcha de S. Vicente ensaia aqui.

Principais traços descritivos do bairro	O bairro mantém-se na sua configuração. Tem uma população muito envelhecida. Más condições económicas. Baixo nível educacional e de poder de compra. É um bairro operário. Estava ligado à indústria do tabaco e dos estivadores/alfândega/despachantes, militares, oficinas de material e fardamento também. Muitas pessoas são da Beira Alta (Covilhã, Manteigas, Seia). Temos cerca de 4000 moradores. Metade com mais de 65 anos. Poucas crianças.
Mudanças no bairro para melhor e pior nos últimos 5-10 anos	Filhos das famílias residentes foram viver para os subúrbios. Nos últimos 4 anos nota-se a chegada de alguns jovens a tentar viver por aqui – pessoas com outro tipo de educação e que têm feito alguns contactos no sentido de desenvolverem algumas actividades ligadas às artes e que procuram envolver-se na comunidade. (Ex. academia popular de filosofia)
Porque é que tem actividade neste bairro?	-
Principais áreas de actividade económica do bairro	Serviços e turismo – restauração. A nível de serviços mais básicos há pouca coisa.
Principais áreas de actividade a nível cultural/criativo	Está instalada na freguesia a trienal de arquitectura. A Voz

	Operário tem um teatro e já houve ideias de grupo para pegarem no espaço. Feira da Ladra. Panteão. Mosteiro S. Vicente. Centro de Artes Culinárias.
Existe uma identidade própria do bairro?	Não. As pessoas são da zona de Alfama.
Esta zona pode ser considerada um bairro cultural?	Não
Quais as vantagens em desenvolver actividade neste bairro	–
Principais dificuldades/problemas existentes no bairro e que sejam prejudiciais às actividades aí existentes	A estrutura do edificado muito envelhecido. Não é uma zona com lojas, comercial. Pouca actividade económica. As pessoas procuram outras ruas onde há montras.
Intervenção Pública em relação às actividades criativas e ao bairro em geral	Os incentivos são da CML. A Junta não tem autonomia financeira. Não há apoios específicos para o desenvolvimento deste tipo de actividades.
Factores importantes para um desenvolvimento sustentável das actividades criativas no bairro	Temos espaços abandonados que podiam ser entregues a residências artísticas. Também deveria haver uma responsabilização de quem está no poder. As pessoas trabalhem em conjunto e juntos fazerem um produto que crie valor no bairro.
A morfologia do espaço condiciona o tipo de actividade que se desenvolve no bairro?	Sim. A estrutura do edificado muito envelhecido. Não é uma zona com lojas, comercial. Pouca actividade económica. As pessoas procuram outras ruas onde há montras.

44

**Miguel Cristo, Bar Portas do Sol, Alfama**

Todo o conceito é limitado pelo espaço, um espaço grande que condiciona o tipo de oferta que se pretende oferecer (temos desde adolescentes a séniores). Estamos no 2º pólo turístico da cidade. Proporcionamos momentos com música ao vivo e apoiamos a realização de eventos culturais e empresarias. É um projecto que tende a diversificar-se. Abrimos em Outubro 2009 com 15 mesas e neste momento estamos com 33.

Principais traços descritivos do bairro	Bairro típico. Nota-se que o castelo teve uma intervenção grande. Alfama é um bairro muito popular ainda. A tendência vai ser subir esta colina.
Mudanças no bairro para melhor e pior nos últimos 5-10 anos	Não sabe.
Porque é que tem actividade neste bairro?	A ideia surgiu por haver este espaço disponível mas foi de encontro aquilo que planeava fazer que era abrir um local de serviço diferenciado numa zona tão turística como o bairro do Castelo/ Alfama.
Principais áreas de actividade económica do bairro	Turismo, restauração, hostels, antiquários
Principais áreas de actividade a nível cultural/criativo	Chapitô, teatro Taborda, o portas do Sol pode ter também um papel importante nessa vertente (depois de estabilizar a parte comercial).

Existe uma identidade própria do bairro?	Alfama tem seguramente. Bairro conotado com o fado e com a cultura popular.
Esta zona pode ser considerada um bairro cultural?	Não
Quais as vantagens em desenvolver actividade neste bairro	Brutais. Estou numa zona onde o poder de compra é superior à maior parte de Lisboa.
Principais dificuldades/problemas existentes no bairro e que sejam prejudiciais às actividades aí existentes	Acessos. Parque avariado. Muito pouco apoio ao turista. A colina não tem uma casa de banho pública. Falta de Segurança. Policiamento. Autocarros parados em pleno centro histórico. Degradação do pavimento.
Intervenção Pública em relação às actividades criativas e ao bairro em geral	Insuficiente
Factores importantes para um desenvolvimento sustentável das actividades criativas no bairro	Maior consciencialização. Os eventos culturais servirão para o público em geral ou para criar público? Devia haver apoios para não se cobrar por exemplo.
A morfologia do espaço condiciona o tipo de actividade que se desenvolve no bairro?	Não. Um grande exemplo é o bairro alto. Que foi o grande pólo cultural nos anos 80, assumindo-se como o bairro da vanguarda dos movimentos artísticos. Trata-se de bairros com personalidade. Mais tradicionais e isso torna-se um factor atractivo. É onde há vontade de romper com os cânônes.

45

**Carlos Pereira, Clube Tejolense, Alfama/S.Vicente**

Existe desde 1940. Com actividades ligadas ao desporto essencialmente. Somos cerca de 200 sócios que pagam 1€ por mês ou 50 cts os reformados. Algumas associações estão politicamente conotadas. A nossa não.

Principais traços descritivos do bairro	O bairro está incaracterístico. Já não é o que era.
Mudanças no bairro para melhor e pior nos últimos 5-10 anos	Vieram muitos estrangeiros e a juventude foi-se embora à procura de melhores condições de vida. Via-se televisão no clube. Convivia-se muito. Havia bailes. A Graça ganhou mais vida. Muitas pessoas reformaram-se e voltaram para a terra. Muita gente oriunda da Pampilhosa da Serra (S. Vicente é chamado Pampilhosa da encosta).
Porque é que tem actividade neste bairro?	-
Principais áreas de actividade económica do bairro	Era uma zona de estivadores. Havia aqui 4 ou 5 tascas que se enchiam de gente até às 20h00. Tínhamos 5 farmácias no raio de 5 km e agora só há na graça. Há menos mercearias também. As superfícies comerciais roubaram muita clientela.
Principais áreas de actividade a nível cultural/criativo	Nenhuma

Existe uma identidade própria do bairro?	Neste momento não
Esta zona pode ser considerada um bairro cultural?	–
Quais as vantagens em desenvolver actividade neste bairro	Hoje em dia muito poucas ou nenhuma.
Principais dificuldades/problemas existentes no bairro e que sejam prejudiciais às actividades aí existentes	Degradação das casas e da qualidade de vida. A juventude é pouca e não quer pegar nas Associações. Há um individualismo muito maior.
Intervenção Pública em relação às actividades criativas e ao bairro em geral	A Junta de freguesia colabora mediante as possibilidades e apoia justamente as associações com mais actividade.
Factores importantes para um desenvolvimento sustentável das actividades criativas no bairro	A entrada de juventude e sua participação nas actividades.
A morfologia do espaço condiciona o tipo de actividade que se desenvolve no bairro?	Não.

46

**Daniel Devera, EDIT, Sé**

Escola de Design especializada em Marketing Digital, Desenvolvimento Tecnológico e Design Interactivo. Fazemos projectos de raiz criados para as empresas.

Principais traços descritivos do bairro	Baixa lisboeta. É um bairro decadente a nível do comércio local. É movimentado e tem bastante tráfico de droga.
Mudanças no bairro para melhor e pior nos últimos 5-10 anos	Não sabe. Viveu fora muito tempo e é oriundo da margem sul.
Porque é que tem actividade neste bairro?	Estamos aqui desde Janeiro de 2001. O espaço em si era interessante e correspondia ao desejado – zona central
Principais áreas de actividade económica do bairro	Restauração, pequeno comércio, tipografias, lojas de placas cobre, drogarias
Principais áreas de actividade a nível cultural/criativo	Teatro (Chapitô, espaço evoé), Arco
Existe uma identidade própria do bairro?	Os locais acham. É um bairro tradicional. Há um grande confronto com a diferença, com a modernidade.
Esta zona pode ser considerada um bairro cultural?	Não.porquê?
Quais as vantagens em desenvolver actividade neste bairro	A centralidade. As rendas mais em conta. O espaço em si.
Principais dificuldades/problemas existentes no bairro e que sejam prejudiciais às actividades aí existentes	Falta de movimento nocturno. Roubos. Delinquência. Falta de estacionamento.
Intervenção Pública em relação às actividades criativas e ao bairro em geral	Falta de intervenção pública mas desconheço. Nunca procurei apoios.

Factores importantes para um desenvolvimento sustentável das actividades criativas no bairro	Apoios ao nível da cedência de espaços, prática de rendas mais baixa. Apoio à iniciativa privada. Atrair empresários.
A morfologia do espaço condiciona o tipo de actividade que se desenvolve no bairro?	

47

**Maria, Cyan, S. Vicente de Fora**

Atelier e loja. Aberto aqui há um ano e 3 meses. A minha actividade é como joalheira. A actividade da oficina mudou tudo. Vendo trabalhos de joalheria próprios e de outras artistas e também outro tipo de objectos.

Principais traços descritivos do bairro	Entre Alfama e a Graça. Bairros humildes mas diferentes. Algum envelhecimento da população. Graça está a ficar trendy, mais moderno
Mudanças no bairro para melhor e pior nos últimos 5-10 anos	Não sei
Porque é que tem actividade neste bairro?	Houve concurso público que legalizava uma loja de joalheria.
Principais áreas de actividade económica do bairro	Tráfico de droga. Muitos desocupados. Mercearias. Feira da Ladra.
Principais áreas de actividade a nível cultural/criativo	Os artistas da feira da ladra
Existe uma identidade própria do bairro?	Sim. Dos bairros tradicionais.
Esta zona pode ser considerada um bairro cultural?	Não. Apenas historicamente.
Quais as vantagens em desenvolver actividade neste bairro	Apenas nos dias de feira (no Chiado podia ser melhor)
Principais dificuldades/problemas existentes no bairro e que sejam prejudiciais às actividades aí existentes	Os alugueres são caros e era suposto a CML fazer um trabalho de divulgação. Falta de segurança, roubos, sinalização.
Intervenção Pública em relação às actividades criativas e ao bairro em geral	Que intervenção? A limpeza é um aspecto que funciona
Factores importantes para um desenvolvimento sustentável das actividades criativas no bairro	Inclusão nos roteiros turísticos (fora da feira). Promoção dos ateliers. Mudar a sinalética. Institucionalizar nichos de artesanato. Colocar lombas para evitar a passagem de carros em excesso velocidade.
A morfologia do espaço condiciona o tipo de actividade que se desenvolve no bairro?	Não

48

**Porta 16, Rita Martins, S. Vicente de Fora**

Atelier de artesanato e peças de autor. Faz dois anos em Janeiro. São 5 pessoas todas a trabalhar em áreas diferentes. 2 em cerâmica e restauro, 2 em ilustração e uma em tecidos. Também vendem artigos de outras pessoas.

Principais traços descritivos do bairro	Bairro tradicional, entre a Graça e Alfama. Ficámos surpreendidas porque em termos de público é melhor. Digo sempre que o atelier é em Alfama.
Mudanças no bairro para melhor e pior nos últimos 5-10 anos	Não sabe
Porque é que tem actividade neste bairro?	O motivo para estarem aqui tem a ver com o valor das rendas mais baratas em comparação com bairro alto.
Principais áreas de actividade económica do bairro	Há muitos ateliers e galerias e há também o comércio tradicional – cafés, mercearias
Principais áreas de actividade a nível cultural/criativo	Talvez o artesanato e o restauro. Também por influência da Fundação RESS.
Existe uma identidade própria do bairro?	Sim. É um bairro típico, mesmo em termos de população.
Esta zona pode ser considerada um bairro cultural?	Sim. Bairro histórico. Tem vindo a evoluir (crescimento dos ateliers).
Quais as vantagens em desenvolver actividade neste bairro	Sobretudo em termos de público (sábado é o melhor dia por causa da feira da ladra).
Principais dificuldades/problemas existentes no bairro e que sejam prejudiciais às actividades aí existentes	Estacionamento. Sobretudo para clientes portugueses. Damos cursos e as pessoas queixam-se disso.
Intervenção Pública em relação às actividades criativas e ao bairro em geral	Nada
Factores importantes para um desenvolvimento sustentável das actividades criativas no bairro	Mais sinalização dos artesanatos, ateliers. Divulgação a nível de boletins da Junta, da CML
A morfologia do espaço condiciona o tipo de actividade que se desenvolve no bairro?	Sim. Há uma tendência para existirem actividades mais tradicionais. Isso condiciona as actividades que aqui estão.

49

**Nélson Albuquerque, Restaurador de Arte Sacra, S. Vicente de Fora**

55 anos de actividade em restauro de arte Sacra – marcenaria, escultura, talha, pintura/frescos. Nesta casa estou há 12 anos.

Principais traços descritivos do bairro	Este bairro é s. Vicente. É um bairro agradável no sentido da vivência entre a população. Agora há alguns assaltos. Qualquer coisa que se precise funciona a vizinhança.
---	--

Mudanças no bairro para melhor e pior nos últimos 5-10 anos	Sobretudo o estado de insegurança agravou-se. Antigamente estes bairros caracterizavam-se pelas famílias que aqui permaneciam geração após geração.
Porque é que tem actividade neste bairro?	Estou nesta zona porque gosto. É um bairro histórico. Não temos clientes de porta.
Principais áreas de actividade económica do bairro	É um bairro sossegado com pouco comércio. Não há muito movimento. Poucas actividades – cabeleireiros, livreiros, cafés. É uma rua com passagem de carros, tirando turistas.
Principais áreas de actividade a nível cultural/criativo	Tirando a Voz do Operário não há muita coisa
Existe uma identidade própria do bairro?	Não sei bem. Há sobretudo as características das pessoas que moram cá há muitos anos.
Esta zona pode ser considerada um bairro cultural?	
Quais as vantagens em desenvolver actividade neste bairro	A minha vantagem não é nenhuma. Gosto é de estar aqui.
Principais dificuldades/problemas existentes no bairro e que sejam prejudiciais às actividades aí existentes	Falta de estacionamento. Segurança.
Intervenção Pública em relação às actividades criativas e ao bairro em geral	Que note não há características de apoio
Factores importantes para um desenvolvimento sustentável das actividades criativas no bairro	No momento actual há pouco interesse. Dantes as pessoas integravam-se na comunidade, hoje não há tanto interesse, tempo. Só as colectividades é que organizam alguma coisa.
A morfologia do espaço condiciona o tipo de actividade que se desenvolve no bairro?	Sim. Há certo comércio que não tem visibilidade aqui na rua. É uma rua de passagem.

50

**Carmo Boucinha – Atelier de Costura Carmo Boucinha, Rua do Salvador, Alfama**

Costureira. Todo tipo de trabalhos e tecidos. Trabalho para cinema, televisão e publicidade. Estou a tirar licenciatura em Design de Moda.

Principais traços descritivos do bairro	Fantástico em termos de convivência com os outros artistas. Aqui há muitas oficinas.
Mudanças no bairro para melhor e pior nos últimos 5-10 anos	Não conhecia
Porque é que tem actividade neste bairro?	Estou aqui há 2 anos. Surgiu oportunidade de ter espaço aberto à rua. Dantes trabalhava num armazém. Queria um espaço com porta para a rua e como moro na Castelo este sítio era perto. Identifico-me com a zona e com o bairro.
Principais áreas de actividade económica do bairro	Cafés. Só na minha rua há 3.

Principais áreas de actividade a nível cultural/criativo	Não tenho conhecimento. Além das marchas...
Existe uma identidade própria do bairro?	Acho que sim. Todos os bairros têm.
Esta zona pode ser considerada um bairro cultural?	Sim, pelo aspecto patrimonial, arquitectónico.
Quais as vantagens em desenvolver actividade neste bairro	Estou numa zona central, perto do comércio (baixa) é uma porta aberta ao público. Os bairros históricos estão na moda. A zona é turística. Há muitos paquetes a aportar em Sta Apolónia.
Principais dificuldades/problemas existentes no bairro e que sejam prejudiciais às actividades aí existentes	Há muitos desempregados. Esse é o maior problema
Intervenção Pública em relação às actividades criativas e ao bairro em geral	A mim pediram-me os contactos para poderem divulgar
Factores importantes para um desenvolvimento sustentável das actividades criativas no bairro	Divulgação.
A morfologia do espaço condiciona o tipo de actividade que se desenvolve no bairro?	Não condiciona em nada. O próprio bairro vai passando a palavra e fazendo publicidade. Os turistas dão muita importância e este tipo de ateliers.

51

<b>Carlos Lala – Restaurante Duetos da Sé, Sé</b>
---

Abrimos em Abril 2012. Privilegiamos os produtos nacionais. A decoração do espaço é vintage com peças de 1890 a 1940. Há programação cultural de 5ª a Sábado sempre com duetos de piano e voz, onde a gastronomia se cruza com a arte.

Principais traços descritivos do bairro	Bairro histórico. Pacato. Bairrista. Existe uma maior vivência com os estrangeiros.
Mudanças no bairro para melhor e pior nos últimos 5-10 anos	Está em crescimento. O turismo está a aumentar. É bom a reaproveitamento da arquitectura existente para espaços com novas utilizações. Há reabilitação.
Porque é que tem actividade neste bairro?	Procurava um bairro histórico porque tinha a ver com o meu próprio projecto. comida e arte.
Principais áreas de actividade económica do bairro	Turismo. Restauração.
Principais áreas de actividade a nível cultural/criativo	Fado
Existe uma identidade própria do bairro?	Sim, que tem a ver com a população: pessoas unidas, disponíveis, amigas.
Esta zona pode ser considerada um bairro cultural?	Sim, pela história
Quais as vantagens em desenvolver actividade neste bairro	Espero que o local em si traga vantagens
Principais dificuldades/problemas existentes no bairro e que sejam prejudiciais às actividades aí existentes	Falta de Segurança. Muitos carteiristas. Devia haver mais policiamento. Limpeza. 23% IVA. A falta de estacionamento. A Emel dificulta muito. Julgam-se os donos de Alfama. Não são facilitadores dos serviços que

	existem.
Intervenção Pública em relação às actividades criativas e ao bairro em geral	Falta de apoio na apanha do lixo.
Factores importantes para um desenvolvimento sustentável das actividades criativas no bairro	Maior intervenção do turismo de Lisboa e da Associação de Comércio em apoiarem os restaurantes. (divulgação, incentivos à contratação). Facilitar licenças.
A morfologia do espaço condiciona o tipo de actividade que se desenvolve no bairro?	Sim. O português não liga a Alfama

52

### **Maria João – Teatro da Garagem/Teatro Taborda, Castelo**

Fundado em 1989. Temos 23 anos de actividade. Estávamos antes no Poço do Bispo. Ao termos apoio estatal sentimos que deveríamos intervir na comunidade o que se manifestou através da criação de um serviço educativo que trabalhava em várias frentes e com diversos públicos. Tínhamos interesse em estar ali porque já havia um trabalho desenvolvido com pais e filhos da comunidade. Tínhamos um clube de teatro para crianças desocupadas. Aqui já temos também uma relação com as escolas da zona – Castelo (com uma população sócio-económica mais elevada), Mouraria e Madalena. Fazemos oficinas e um espectáculo de Natal. Temos clubes de teatro para as várias idades.

Principais traços descritivos do bairro	Estamos numa zona entre 2 áreas distintas a nível socio-económico – mouraria e castelo e onde a inclusividade assume um papel mais importante. Temos vindo a perceber que temos um público crescente nesta área. Há um público jovem – 30, 40 anos com outro tipo de educação e para quem o teatro faz sentido. A costa do castelo tem pessoas com um estrato económico bastante elevado e que normalmente não fazem vida de bairro. Esta é uma rua com pouco movimento e comércio. É de passagem. Há uma parte da população com menos posses. É uma zona perigosa por ser de passagem.
Mudanças no bairro para melhor e pior nos últimos 5-10 anos	Através do trabalho com a comunidade tentamos que as pessoas se aproximem. Há casais mais jovens- hetero, gays e casais nos 30, 40 a virem viver para aqui. Abriu um hostel que veio trazer movimento e um tipo de turistas com interesses culturais. É um bairro que está a crescer. Como os outros bairros históricos. Há muita gente a morrer que vai libertando casas. As pessoas mais velhas estranham mas no fundo gostam que gente mais nova venha para cá morar. As pessoas gostam do bairro. O Castelo talvez seja um pouco elitista mas há cada vez mais gente nova a morar aqui. Há um novo fluxo de habitantes que se misturam.
Porque é que tem actividade neste bairro?	A CML lançou-nos o convite de ocupar o Taborda. Este espaço tinha tido aqui os Artistas Unidos e estava sem

	programação. Estamos aqui desde 2006.
Principais áreas de actividade económica do bairro	Castelo, lojas artesanato, restauração, turismo, pequeno comércio – drogeries e mercearias mas que estão a desaparecer. Lojas de artesanato urbano, renovação do comércio tradicional. Está-se a assistir a uma substituição progressiva.
Principais áreas de actividade a nível cultural/criativo	Castelo, Chapitô, arco, teatro garagem, Santiago alquimista, ateliers, agrupamento escolas castelo. Temos um protocolo com o ARCO.
Existe uma identidade própria do bairro?	Ainda há na altura das marchas mas que é algo postiço por ter a ver com o antigo regime. De qualquer maneira o espírito nessas alturas vem ao de cima. Mas isso só não chega. É muito importante investir nas actividades culturais e nas instituições que envolvem a população. A mudança do bairro também vem tirar o seu sentido mais popular. Corre-se o risco de fazer condomínios privados e isolar as pessoas e serviços.
Esta zona pode ser considerada um bairro cultural?	Dentro dos bairros históricos talvez seja o mais cultural pelas instituições que tem: sendo o Príncipe Real e bairro alto mais de lazer.
Quais as vantagens em desenvolver actividade neste bairro	Interessou-nos o facto de estarmos num bairro histórico que precisa deste tipo de instituições para ser dinamizado. Este era um antigo teatro de bairro e isso tem a ver com a nossa postura: de intervir no bairro, na comunidade.
Principais dificuldades/problemas existentes no bairro e que sejam prejudiciais às actividades aí existentes	Estacionamento. Acesso: não existem transportes nesta parte da rua. O eléctrico 12 que passa perto acaba às 20h30. As pessoas encontram-se isoladas. Os mais novos não circulam tanto e os mais velhos também têm receio de andar na rua. Degradação do edificado e ruas. Toda a entrada do Castelo é degradante. Má sinalização. Falta de limpeza e de Segurança.
Intervenção Pública em relação às actividades criativas e ao bairro em geral	A CML está a fazer o processo de revitalização da Mouraria que será importante para o Castelo. O trabalho das Juntas é visível a nível social mas peca por falta de intervenção no bairro. A EMEL trabalha mal, é inflexível.
Factores importantes para um desenvolvimento sustentável das actividades criativas no bairro	É urgente resolver as questões de estacionamento para que se possam fixar pessoas aqui e actividades. Reabilitação. Queremos ter uma placa no Largo Rodrigo de Freitas. Os bairros históricos carecem de informação. O bairro ficará valorizado pela população que conseguir cativar! Melhorar a segurança com a introdução de rondas de polícia a pé. Reabilitar o piso. Investir nos transportes, nos horários e repensar os projectos de acessos como elevadores, escadas rolantes.
A morfologia do espaço condiciona o tipo de actividade que se desenvolve no bairro?	Sim. Nisso há que referir o papel da CML que disponibiliza às escolas transporte para vierem aos bairros históricos. Mas muito mais do que a morfologia a falta de acessos é que condiciona a existência ou não de mais actividades. É um desafio também. É a morfologia que torna atraente este espaço!

**Teresa Ricou, Presidente do Chapitô – Chapitô, Castelo**

O Chapitô instalou-se neste sítio há 31 anos – que era o Tribunal titular de menores, através de um convite do Ministério da Justiça com quem comecei a trabalhar através do Instituto de Reinserção social. Somos uma organização não-governamental, de utilidade pública. Temos apoios de algumas instituições como Ministério da Justiça (que nos cede o espaço onde estamos), do Ministério da Educação, do Ministério da Cultura, Segurança Social, da CML, da Fundação Calouste Gulbenkian e de outras fundações. Fazemos acção social e cultural. Trabalhamos no âmbito da economia social. Praticamos a polivalência de espaços e exploramos um restaurante, um bar e uma loja (de objectos reciclados feitos por alunos e outros artistas), com fins lucrativos para financiar a nossa actividade de educação pela arte.

Principais traços descritivos do bairro	Há 31 anos e hoje ainda é um bairro maltratado pelas autoridades. Falta sinalética, iluminação, cuidar dos passeios e arruamentos. Estamos numa zona histórica, num bairro que é um ex-libris da cidade e quer a população local quer os turistas merecem que se trate melhor este espaço.
Mudanças no bairro para melhor e pior nos últimos 5-10 anos	<p>Há 31 anos este era um bairro desconhecido. Hoje é conhecido mas não lhe é reconhecido o devido valor. Há menos assaltos do que havia há um ano atrás mas continua a faltar policiamento. A EMEL fechou o bairro ao trânsito o que é uma boa medida mas que foi mal implementada pois não contempla os cidadãos que aqui vivem. Houve uma aposta também na reabilitação dos edifícios mas mesmo assim insuficiente na imagem global do bairro.</p> <p>Quando o Chapitô vem para o bairro vem trazer uma nova dinâmica durante o dia, de formação/educação mas também de animação nocturna. Com esta actividade desapareceu um pouco a pequena criminalidade. O ruído da insegurança foi substituído pelo ruído cultural. O Chapitô trouxe uma transumância de públicos: idosos, freaks, classe média/alta que vive no castelo, alunos de outras proveniências, turistas, etc). Tornou-se um contraponto interessante: um espaço contemporâneo por contraposição ao Castelo, um espaço milenar. Neste bairro temos a característica de proporcionar inserção social através da educação/inclusão pela arte. Praticamos uma cidadania activa e somos um espaço aberto a público, que tem a possibilidade de perceber como funcionamos, a nossa especificidade.</p>
Porque é que tem actividade neste bairro?	O Ministério da Justiça disponibilizou-nos um local para realizarmos o trabalho de reinserção de jovens presidiários e escolhi este sítio pela sua beleza.
Principais áreas de actividade económica do bairro	Espaços de hotelaria em contraposição: Pensão Ninho das Águias vs Palácio Belmonte. Uma mistura entre coisas mais populares e coisas mais sofisticadas. Temos restauração,

	entre as tascas e estabelecimentos mais sofisticados. Temos actualmente o Elevador do Chão do Loureiro e um supermercado.
Principais áreas de actividade a nível cultural/criativo	Temos a FRESS (com artes e ofícios), o Castelo, a ARCO, temos uma escola de dança, a fremantle (produtora de televisão), a Casa da Achada, lojas de artesanato, Chapitô (com a única escola de circo em Portugal)
Existe uma identidade própria do bairro?	Sim, ligada á nossa cultura portuguesa de bairro.
Esta zona pode ser considerada um bairro cultural?	Completamente. De cultural e turismo cultural.
Quais as vantagens em desenvolver actividade neste bairro	Só por ser um bairro bonito. É indiferente estar aqui ou noutra sítio. As pessoas é que fazem os espaços e as cidades.
Principais dificuldades/problemas existentes no bairro e que sejam prejudiciais às actividades aí existentes	A EMEL em relação à população. Os dirigentes não conhecem a realidade. Têm um pensamento meramente economicista. Não se cuidar o bairro com a importância que ele merece. Falta de transportes inter-bairros.
Intervenção Pública em relação às actividades criativas e ao bairro em geral	A CML é desatenta em relação à nossa actividade. Com as Juntas de Freguesia há uma boa relação.
Factores importantes para um desenvolvimento sustentável das actividades criativas no bairro	Reactivação do policiamento (no Brasil por exemplo há a figura dos “pacificadores de bairro” que trabalham lado a lado com a polícia e que têm capacidade de intervenção). É preciso cuidar a relação com os habitantes. É preciso que a autarquia desça à realidade das pessoas que cá vivem e trabalham, conheça o terreno.
A morfologia do espaço condiciona o tipo de actividade que se desenvolve no bairro?	Não. Temos é de nos adaptar.

54

**Arq. Manuel Henriques – Presidente Trienal Arquitectura, S. Vicente de Fora**

Associação sem fins lucrativos de direito privado. Faz trabalho probono. Começou actividade em 2006, sendo em 2007 que aconteceu a 1ª edição. Normalmente são 3 meses de exposições, concursos, workshops. Entre edições funciona o programa “intervalo”. A ideia é que o espaço não seja exclusivo da arquitectura mas que seja a casa para outras formas de expressão. Está previsto existirem *startups* de arquitectura, ateliers de artistas, designers, engenheiros – áreas que se relacionam com a arquitectura. Nós somos os dinamizadores do espaço.

Principais traços descritivos do bairro	Bairro muito típico, residencial com uma população de classe média e média baixa. Bairro que gira à volta da feira da ladra, que altera o bairro nesses dias.
---	---

Mudanças no bairro para melhor e pior nos últimos 5-10 anos	Começa a haver uma procura por uma classe mais alta.
Porque é que tem actividade neste bairro?	Abordámos a CML em Outubro do ano passado para nos disponibilizar um espaço e, de entre vários edifícios devolutos, escolhemos este. Temos ocupação aqui prevista através de protocolo durante 6 anos
Principais áreas de actividade económica do bairro	Feira da Ladra. Há lojas que só abrem durante a feira da ladra. É um bairro dominado pelas instituições militares e pelo pequeno comércio local.
Principais áreas de actividade a nível cultural/criativo	Não existindo nenhuma programação cultural esta é uma zona de visita pelos turistas, não pelos portugueses. Existe, no entanto, imenso potencial: nós, os ateliers de S. Vicente, o quiosque Clara/Clara tem alguma programação também. A Voz do Operário.
Existe uma identidade própria do bairro?	Acho que sim
Esta zona pode ser considerada um bairro cultural?	Patrimonialmente. Tem potencial.
Quais as vantagens em desenvolver actividade neste bairro	Estão aqui desde Março 2012. Sobretudo no conforto da equipa. Há muito terreno para explorar. Está previsto interagir com a população, convidar as pessoas a virem aqui. Como arquitectos podemos ajudar de alguma maneira no melhoramento das condições de vida do bairro. Responder aos problemas que existem com soluções.
Principais dificuldades/problemas existentes no bairro e que sejam prejudiciais às actividades aí existentes	Criminalidade. Delinquência. Insegurança ligada à droga. Falta de civismo. Acessos complicados. Esta é um zona um pouco fora dos principais acessos. Tem sempre que se vencer uma parte a pé. É preciso trazer as pessoas aqui. O espaço é um pouco dissuasor da vinda de pessoas.
Intervenção Pública em relação às actividades criativas e ao bairro em geral	Existimos porque existe a CML e a Fundação EDP. O Estado não apoia a Trienal. Há um total abandono da estrutura. Em relação à CML há uma óptima sinergia: cedência de espaço e apoio financeiro. O facto de terem proposto esta área mostra uma vontade de dinamizarem este espaço neste executivo. A Junta de Freguesia tem uma preocupação muito social e nós podemos ajudá-los nessa dinamização.
Factores importantes para um desenvolvimento sustentável das actividades criativas no bairro	Conseguir uma boa ligação com a comunidade local. Ligarmo-nos em rede com as estruturas existentes (Voz do Operário, Ateliers, Centro de Artes culinárias, Quiosque Clara Clara. Em relação ao bairro é isso. Outra coisa é conseguir sensibilizar empresas e colaboradores.
A morfologia do espaço condiciona o tipo de actividade que se desenvolve no bairro?	Claro que sim. Qualquer espaço tem de ser adaptado ao uso que vai ter.

**Entrevista à Vereadora de Cultura da CML, Dr<sup>a</sup> Catarina Vaz Pinto**

1 – Como é que caracteriza hoje os bairros históricos de Lisboa, em particular da colina do Castelo?

R. Os bairros históricos tendem a ser olhados como bairros turísticos. Embora na zona do castelo haja muita gente autóctone a viver lá. Isso vê-se por exemplo através das marchas populares. Em simultâneo com o turismo conseguem manter-se as características essenciais da população. O castelo tem cerca de um milhão de visitantes por ano.

2 – E a nível Cultural, em particular?

R. Falamos de património sobretudo. Temos a Fundação Saramago, a Sé, em 2014 vai abrir o Museu do Aljube, Museu Teatro Romano, há uma livraria sobre Olissipografia, casas de Fado, o próprio Castelo de S. Jorge tem uma programação diversificada, mais contemporânea. S. Vicente de Fora. A Arco. Não existem muitas actividades de vanguarda. Temos restauração mais moderna, locais pequeninos.

3 – Qual tem sido a evolução das actividades criativas/culturais nas zonas históricas?

R. A zona mais criativa actualmente é a Baixa-Chiado e Santos. A zona da colina do castelo é mais fechada, tem uma malha urbana mais apertada e por isso será uma área que se conservará naturalmente mais tradicional. Nem todos os bairros têm de ser criativos ou pólos de inovação.

4 – Que estratégias existem para o desenvolvimento da zona da colina do Castelo?

R. Há o programa Piparu (plano de investimento prioritário em acções de reabilitação urbana). Está-se a estudar a sinalética, tornando-a mais apropriada para o turismo. Há a Trienal de Arquitectura na zona de S. Vicente. O prioritário é oferecer condições básicas de vida aos habitantes.

5- Que actividades culturais/artísticas para que públicos?

R. É preciso haver uma programação equilibrada entre residentes e turistas para que os bairros não se tornem bairros-museus.

6 - Considera os bairros históricos, nomeadamente a colina do castelo, como bairros culturais de alguma maneira?

R. Sim, são. Há muito comércio cultural.

7 – Quais são os principais problemas nestas áreas e que dificultam o enraizamento de actividades criativas consistentes?

R. Infraestruturas básicas. Os bairros históricos são um campo de conflito de interesses. É preciso saber manter a traça e a identidade em simultâneo. É preciso tirar mais carros dessas zonas, por exemplo.

8 – Quais são os factores mais importantes para um dinamismo sustentável das actividades criativas nestes locais?

R. É preciso haver uma procura regular e uma boa informação sobre o que existe disponível. A Fundação Ricardo Espírito Santo Silva é um excelente exemplo do que é uma boa oferta cultural. A Fundação Saramago poderá ter também um papel importante, assim como outros pólos culturais como o núcleo museológico do Castelo de S. Jorge do arquitecto Carrilho da Graça.

9 – O espaço público, a morfologia específica dos bairros da colina do Castelo influenciam o tipo de actividade que neles se desenvolve?

R. Sim, a morfologia do espaço é imutável. É preciso renovar na tradição. Manter a morfologia e adaptá-la aos tempos modernos.

